

JOSÉ VALDEZ DE CASTRO MOURA

**DISCURSO DE JOVENS GRÁVIDAS:
UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO -
HERMENÊUTICA À LUZ DE HEIDEGGER.**



Tese apresentada à Faculdade de Saúde Pública (Departamento de Saúde Materno-Infantil) da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Saúde Pública.

Orientador: Prof. Dr. Cornélio Pedroso Rosenburg.

SÃO PAULO

1996

DEDICATÓRIA.

Aos meus pais: ZEZINHO E ITA, exemplos inextinguíveis e constantes de família, estrelas de primeira grandeza que brilharam no céu do meu viver, e sempre, me garantiram o afeto atencioso para que trilhasse os meus próprios caminhos...

À minha esposa HELENA e aos meus filhos: JOSÉ HENRIQUE, LUIZ EDUARDO e FERNANDO AUGUSTO, pela alegria compartilhada a cada novo amanhecer; muito obrigado por me acompanharem na jornada. Que Deus abençoe as suas existências.

Ao MUNDO (meu irmão), que por aqui passou, breve qual meteoro, deixando o rastro da luz do seu amor, e hoje se chama saudade...

AGRADECIMENTOS.

Desejamos deixar a nossa mensagem sincera de agradecimentos a todos que, no decorrer dessa caminhada, ofereceram-nos estímulo para a execução desse trabalho.

- Ao Prof. Dr. Cornélio Pedroso Rosenberg, Prof. Associado do Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública (F.S.P.) da Universidade de S.Paulo (U.S.P.), Mestre que nos concedeu a orientação afetuosa e paciente. A nossa lágrima de gratidão pelo exemplo de sabedoria, de amor à Ciência e ao Adolescente;
- À Profa. Dra. Heloisa Szymanski R. Gomes, Docente da P.U.C.-S.P. pela lhanza de trato, compreensão dos nossos limites, orientações, e por despertar-nos o interesse crescente pelo pensamento de Martin Heidegger;
- Às Profas. Dras. Keiko Ogura Buralli e Fumika Peres do Departamento de Saúde Materno-Infantil da F.S.P.-U.S.P., pela respeitosa sensibilidade, e importantes sugestões para a concretização desse trabalho;
- A todos os Professores do Departamento de Saúde Materno-infantil da F.S.P.-U.S.P., que sempre nos distinguiram com a sua palavra de estímulo, e, de uma maneira especial: Prof. Dr. Arnaldo A .Franco de Siqueira, Profa.Dra. Augusta T. de Alvarenga, Profa. Dra. Carmen Unglert, e Profa. Dra. Néia Schorr, com quem tivemos a honra de cursar algumas das suas Disciplinas da Pós-Graduação.
- Aos funcionários da Biblioteca da F.S.P.-U.S.P. pela orientação na apresentação das referências bibliográficas.
- Aos funcionários do Departamento de Saúde Materno-Infantil da F.S.P.-U.S.P. , pela fidalguia de trato para com a nossa pessoa;

- Ao Prof. Dr. J.R. Woiski, Prof. Emérito da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de S.Paulo (U.S.P.), Mestre da Pediatría Brasileira, nosso grande incentivador, de quem tive a elevada honra de ser um dos seus últimos assistentes;
- Ao Prof. Dr. Marco Antonio Barbieri, Prof.Titular da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - U.S.P., Mestre da Escola Pediátrica do Prof. Woiski, pelo acolhimento às nossas idéias e inestimáveis sugestões para o aperfeiçoamento desse trabalho;
- À Universidade de Taubaté (UNITAU) , em especial, ao Magnífico-Reitor - Prof. Milton de Freitas Chagas, à Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, e ao Departamento de Ciências Médicas pelo apoio constante e imprescindível;
- Aos colegas e Professores da Pediatría do Departamento de Medicina da Unitau, especialmente: Dr. Ciro J. Bertoli e Dr.Celso L. S. Rodrigues.
- À equipe do Centro de Atendimento Integral à Saúde do Adolescente (C.A.I.S.A) do Hospital Universitário de Taubaté: Hissao, Kátia e Márcia, pela lealdade e demonstração de amor à causa do adolescente;
- Ao Prof.Dr.Sebastião Duarte de Barros Filho, de saudosa memória, ex-Prof.Titular de Pediatría das Faculdades de Medicina de Taubaté e Brasília, sob cuja orientação iniciamos a nossa Carreira Universitária na década de setenta;
- Aos estimados Profissionais de Saúde do S.U.S - Pindamonhangaba que dedicam Atenção à saúde dos Adolescentes, principalmente às Jovens Grávidas;
- À CAPES pelo auxílio financeiro para essa Pesquisa;
- À Santa Casa de Misericórdia de Pindamonhangaba (Direção e Corpo Clínico) que acolhe com fraternidade as jovens gestantes;

- À Classe Médica de Pindamonhangaba (sobretudo os Pediatras e Obstetras) na esperança de que, voltem sempre o seu olhar compreensivo para um dos problemas graves de Saúde Pública que é a Gravidez em Jovens;
- Aos Pediatras: Dr. Enrico K.Tutihashi (Diretor do Departamento de Saúde da Prefeitura Municipal de Pindamonhangaba) e Dr. Roberto Carlos P. de Almeida (Chefe do Pronto Socorro Municipal de Pindamonhangaba), pelo incentivo ao nosso trabalho na Área de Adolescência, e preocupação demonstrada no sentido de nos propiciar tempo disponível, condição essencial para a realização dessa Pesquisa;
- Aos amigos e incentivadores que conquistamos por esse país a fora, e têm contribuído para o aprofundamento da nossa reflexão;
- A Henrique R. E. Groh, pela paciência e dedicação para conosco, na dura tarefa de ajudar a digitar, corrigir e formatar essa Tese;
- Aos muitos amigos que marcaram presença na nossa existência e que partiram para a eternidade;
- À nossa numerosa família, principalmente os irmãos, que generosamente ofertam-nos o apoio nas horas difíceis, vibrando acorde com os nossos ideais;
- Finalmente, a todos que deram a sua parcela de contribuição na irmandade compartilhada nas mais variadas circunstâncias.

ÍNDICE

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
EINFÜHRUNG	iii
1- INTRODUÇÃO	01
1.1 - PRÓLOGO	02
1.2 - PROBLEMATIZAÇÃO DO TEMA	05
1.3 - PROPOSTA E OBJETIVOS	19
2- A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA	23
2.1 - O NOSSO INTERESSE PELA FENOMENOLOGIA	24
2.2- ASPECTOS IMPORTANTES DA FENOMENOLOGIA:	
2.2.1 - A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL	26
2.2.2 - A FENOMENOLOGIA DE HEIDEGGER	32
3- A DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA (DASEINANÁLISE) APLICADA AO ESTUDO DAS JOVENS GRÁVIDAS	57
4- PROCEDIMENTO	72
4.1- A DESCRIÇÃO DAS JOVENS GRÁVIDAS E DO SEU MUNDO	73
4.2- A COLETA DE DADOS	75
4.3- A APRESENTAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS	77
4.4.- AS ENTREVISTAS E OS RELATOS VERBAIS	78
4.5- AS CATEGORIAS-ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES	79
4.6- SÍNTESE DAS INTERPRETAÇÕES	152
4.7- SÍNTESE GERAL	161
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	169
7- ANEXOS.....	182

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo apresentar um estudo de Discurso de Jovens Grávidas, através da utilização do método fenomenológico, com base na DASEINANÁLISE de Heidegger.

Buscando o entendimento do significado dos referidos Discursos, procurou-se dar um novo enfoque na questão da gravidez, sob o ponto de vista dos sujeitos que elas representam, objetivando uma real recuperação na abordagem médico-preventivo-educativa da gravidez em jovens.

Por outro lado, esse estudo também representa um esforço no sentido da aplicação do método qualitativo (em especial, o fenomenológico) no Campo da Saúde Pública, com ênfase nos Programas de Saúde Materno-Infantil.

ABSTRACT

The present work intends to present a study of the Young Pregnant Mothers discourse's through the Phenomenological Method, based in Heidegger's Daseinanalysis.

Asking for the understanding of the reffered discourses mean's , we tried to give a new approach in the pregnancy question, considering the subject's point of view for them represented, in order to obtain a real recuperation in medical-preventive educative focalization of pregnancy in adolescent mothers.

Furthermore,this study also represents an effort with the finality of the Qualitative Method application (mainly, the phenomenological) in the Public Health Field,with the emphasis in Mother-Child Health Care's Programs.

EINFÜHRUNG

Die jetzige Arbeit hatte als Objektiv eine Forschung über die Schwangeren Jugendliche Reden vorstellen, durch die Phenomenologic Methode Benutzung, mit Bases in Heideggers Dasein-Analyse.

Wir wollten eine neue Sehen über die jugendliche Schwangerschaft geben, wenn wir diese Reden verstanden, haben so genau was sie bedeuten.

Diese neue Gesichtspunkt bedeutet einen neuen vorbeugend-ärztlichendlehr-Ansatz von der jugengliche Schwangerschaft.

Andererseits, diese Forschung bedeutet eine Anstrengung, wenn die Qualitative Method ist angesetzt (eigens, der Phenomenologic) in dem Bereich des Ärztlich Allgemeinheit Gesundheit, mit Betonung in der kindliche-mütterliche Gesundheit Programme.

CAPÍTULO - 1

INTRODUÇÃO

1.1- PRÓLOGO.

Há, aproximadamente doze anos, estamos estudando, tentando compreender a questão da Adolescência e do Adolescente. De fato, esse trabalho tem toda uma trajetória histórica. Em 1984, começamos, de uma maneira tímida, uma abordagem multiprofissional com adolescentes, no INAMPS, em Pindamonhangaba. Era o primeiro “Posto do INAMPS” do interior do Estado de S. Paulo a atender adolescentes. E, quem foi o nosso “primeiro cliente”? Uma jovem de 15 anos de idade no seu terceiro mês de gestação.

Na mesma época, chegava em Taubaté, para chefiar o Serviço de Pediatria, da Faculdade de Medicina, um dos maiores Mestres da Pediatria Brasileira: Prof. Jacob Renato Woiski. Com a sua grande visão de futuro, incentivou-nos a criar, dentro de Serviço de Pediatria, a então Unidade de Adolescentes, e nos encaminhou para que freqüentássemos a Unidade de Adolescência do Instituto da Criança da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo, na qual fomos muito bem recebidos pela sua Chefe, a Professora Doutora Anita Colli.

O Mestre Woiski tinha em mente fundar um Centro de Orientação ao Adolescente, com a tríplice finalidade de Ensino, Assistência e Pesquisa nessa Área apaixonante do Conhecimento Humano: a Adolescência. Assim, hoje existe, funcionando em ambiente próprio, o Centro de Atendimento Integral à Saúde do Adolescente (C. A.I.S.A.), que temos o privilégio de dirigir desde a sua fundação, há exatos dez anos. Portanto, nesse período, obrigatoriamente, ao longo dos anos, têm passado no C.A .I. S.A ., os alunos do sexto ano do Curso de Medicina sendo, então, a nossa Escola Médica, oficialmente, a primeira do nosso país a abordar a questão da Adolescência no Curso Médico, mérito, sem sombra de dúvidas, do grande Mestre.

E, coincidentemente, nesse Centro, o seu “primeiro cliente” foi uma jovem grávida de quinze anos, com cinco meses de gestação.

Uma vez, feita essa rápida revisão histórica, não se torna difícil entender como a questão da jovem grávida entrou na nossa vida, como médico, como homem e como professor.

O nosso primeiro trabalho de vulto (se é que assim podemos denominar), foi a nossa Dissertação de Mestrado, na qual realizávamos o diagnóstico da situação da jovem grávida em Pindamonhangaba, um estudo retrospectivo de dez anos, enfocando a situação social das mães adolescentes e as repercussões para os recém-natos. Isso aconteceu em 1991. Orientou-nos essa Pesquisa o Prof. Dr. Cornélio Pedroso Rosenberg que, entusiasmado com o nosso objetivo de estudar a Gravidez na Adolescência, concedeu-nos a orientação segura e sábia, propiciando-nos sonhar mais alto. A Divina Providência presenteava-nos com mais um Mestre, orientando no plano científico e nos ensinando sobretudo por meio do exemplo e das posturas. Dessa maneira, estamos caminhando juntos desde 1989.

Surgiu, então, o grande desafio: dar continuidade à Pesquisa, rumo à Tese de Doutorado. Nesse instante, interessava-nos estudar, não somente a gravidez em si, mas o existencial das jovens grávidas.

Principiamos a refletir no enfoque das jovens grávidas sob nova ótica, no sentido de entender o seu Discurso. Vários caminhos poderíamos seguir. O destino colocou-nos em contato com a Profa. Dra. Heloisa Szymanski, Docente da P.U.C. de S.Paulo, que vem trabalhando a compreensão do Discurso e seu Significado, a partir da método DASEINANALÍTICO DE HEIDEGGER, desde a época da sua Tese de Doutorado defendida em 1987.

Assim, 1993 foi o ano das grandes inquietações e reflexões, pois entrávamos em contato com as idéias de MARTIN HEIDEGGER para

tentar nos fundamentar durante essa caminhada, em busca de um melhor desvelamento do “falar” das jovens grávidas.

- Caminhando, apoiado na orientação dessas duas personalidades de escol (Prof. Dr. Rosenberg e Profa. Dra. Heloisa) tomamos coragem, alento, para fugir de toda verdade determinada e validada pela certeza, guiados pela luz de HEIDEGGER, rumo ao desocultamento do Discurso de Jovens Grávidas. Foi um caminho pontilhado de dúvidas, incertezas, mesmo porque, temos consciência de que existem várias trilhas onde se ilumina a verdade daquilo que procuramos. Caminhamos por um caminho de indagações que é apenas um entre os outros.

Assim, teve início a sofrida, porém, gratificante caminhada que será abordada nos Capítulos dessa Tese.

1.2 - PROBLEMATIZAÇÃO DO TEMA.

A adolescência é uma etapa do processo do desenvolvimento humano entre a infância e a idade adulta na qual ocorrem importantes modificações anatômicas, psicológicas, fisiológicas e sociais (O.M.S., 1975). Diversos autores têm utilizado os mais distintos critérios visando delimitar esse período em que o indivíduo não é mais criança e não é adulto, como: a idade cronológica, características psicológicas e sociais, os quais devem ser vistos em conjunto sob pena de levar a falhas de apreciações (Enderle, 1988; Colli, 1985; Aberastury e Knobel, 1987).

Do ponto de vista prático, o critério mais usado para delimitar a adolescência é o cronológico, uma vez que ele tem sido o adotado por especialistas da O.M.S. para fins de estudo dos Problemas da Saúde da Adolescência, tendo sido estabelecido que o período entre dez e dezenove anos engloba a maioria dos acontecimentos na Adolescência (O.M.S., 1975). Do ponto de vista sócio-cultural a adolescência corresponde ao período de vida do indivíduo em que a sociedade não o considera criança, e, ainda não lhe atribui o "status" de adulto. Dessa maneira, o atingimento da adultície, que encerraria a adolescência não pode ser simplesmente definido em termos de mudanças físicas e psicológicas, uma vez que as sociedades estabelecem seus próprios critérios para caracterização de "status" de adulto, mais freqüentemente em termos de tradição social do que de maturidade biológica ou psicológica (Becker, 1985).

Somente uma visão ampla da adolescência em todas as suas dimensões permite, realmente, concluir que ela é variável no tempo e no espaço, e, quando reduzida a cada uma das suas dimensões, principalmente a cronológica ou biológica, há limitações para caracterizá-la em sua plenitude (Pinto e Silva, 1982; McAnarney, 1984). Assim, quando se tenta abordar alguns aspectos específicos da adolescência,

entre eles a sexualidade, observa-se, sobretudo quando se estuda a questão da gravidez na adolescência, uma visão fragmentada, privilegiando o aspecto biológico (Lippi & Segre, 1988; Castro Moura, 1982). A maioria dos trabalhos, na área de gravidez na adolescência, tem como marco, o conceitual crono-biológico, esquecendo, no mais das vezes, os valores sociais que definem o uso da sexualidade (Godjman et alii, 1979; Bezerra et alii, 1988). Assim, observamos, nas mais diversas abordagens, que o estudo das complicações do estado gravídico-puerperal da adolescente é complexo, devido não só às diferentes definições de adolescente, como também às diferenças dos grupos investigados e dos enfoques metodológicos utilizados (Klein, 1974; O.P.A.S., 1982; O.M.S., 1983), como poderá ser visto no decorrer dessa introdução. Portanto, a priori, cremos ser importante ressaltar, que consideramos para estudo, todas as gestantes jovens situadas na faixa etária entre doze e dezenove anos, estejam elas no seu processo de adolescência ou não, como será melhor explicado nos objetivos deste trabalho. Dessa maneira, embora empreguemos o marco conceitual da O.M.S., usado por diversos autores na abordagem da gravidez em jovens (critério predominantemente crono-biológico) é nossa intenção resgatar os valores sociais, que definem os marcos conceituais da adolescência.

Nas últimas décadas, a problemática da gestação na adolescência vem despertando grande interesse, quer de instituições, quer de profissionais que trabalham com adolescentes (O.M.S., 1975; SPLAN/IPLEA/UNICEF, 1986). A respeito da gravidez na adolescência, a literatura vem mostrando uma incidência crescente em proporções verdadeiramente epidêmicas (O.M.S., 1975; Mathias L. et alii, 1980; O.M.S., 1983). No Brasil, alguns estudos vêm apontando para o aumento dessa incidência, especialmente, na população de baixo nível sócio-econômico (Pinto e Silva, 1982; Castro Moura, 1991). Vários trabalhos relatam as conseqüências da gravidez precoce (antes do vinte anos),

com sérias implicações, não só para a saúde materna, como: hemorragias, doenças hipertensivas da gravidez, altos índices de partos cesáreos (Valente et alii, 1977; Pinto e Silva, 1982), como para a saúde do concepto. Entre as repercussões para os recém-natos destacam-se: altos índices de nati-mortalidade, baixo peso ao nascer, sofrimento fetal e pequenos para a idade gestacional, sobretudo, nos filhos de mães adolescentes com idade até quinze anos (Valente et alii, 1977; Pinto e Silva, 1982; McAnamey, 1984; Lippi & Segre, 1988; Castro Moura, 1991). Entretanto, é importante salientar que, alguns autores vêm estudando as repercussões da gravidez em jovens, sob nova ótica, sem a ênfase demasiada colocada nos riscos materno-fetais, sobretudo questionando os fatores idade como grandes fatores de risco da gravidez em adolescentes (Zucker et alii, 1983; Vitiello et alii, 1988).

Nesse sentido, diversos trabalhos, realizados em distintas localidades, vêm mostrando preocupação com as repercussões psicossociais da gravidez na adolescência e o papel muito importante que elas exercem no que se refere ao futuro dessas adolescentes (Anderson, 1976; Bilung Meyer, 1979; McAnamey, 1983; Pinto e Silva, 1984; Wagman et alii; 1988).

Vários trabalhos na literatura tentam explicar a maior incidência de gestação em adolescentes, sobretudo, na população de baixo nível sócio-econômico. Pinto e Silva et alii (1980) referem-se ao fato de que o limitado acesso às informações sobre métodos contraceptivos, e, sobretudo aos serviços de controle da natalidade, associado ao exercício da sexualidade, com caráter possivelmente mais exploratório do que reprodutivo, na adolescência, seja uma das causas. Vitiello (1982) acredita que a maior incidência de gestações em adolescentes, com baixo nível sócio-cultural deva-se não só à falta de acesso aos meios contraceptivos, mas, principalmente ao fato de que, nessa população, há uma maior divulgação da idéia de que um dos caminhos para a

emancipação feminina seria o pleno uso da sexualidade, esta também usada como contestação aos padrões culturais vigentes. De acordo com esse autor, as adolescentes do meio sócio-cultural mais elevado engravidam em menor número, e, menos vezes, e muitas não conduzem sua gravidez até ao término, recorrendo ao aborto por orientação de suas famílias. Em trabalho publicado em 1974, Klein já alertava que a atividade sexual constitui um aspecto importante da vida do adolescente, que a sociedade procura ignorar e não discutir, enquanto, contraditoriamente, através da mídia, como estratégia de marketing, há uma verdadeira apologia da sexualidade. Há, de acordo com a autora, uma falha na sociedade em encarar com realidade a atividade sexual na adolescência, e, colocá-la como importante fator causador na origem da gestação nessa fase. Vários trabalhos, em épocas diversas, mostram preocupação em apontar outras prováveis explicações em relação ao surgimento de gestação precoce na adolescência. Segundo Daniels (1969) a gravidez na adolescência reflete todo um potencial de rebelião do adolescente ante o seu conflito geracional com os pais; dentro desse quadro, ficar grávida pode significar punição a esse pais, por alguma privação emocional, real ou imaginária, sendo que, no fundo, a jovem pune-se a si mesma. Para Hunt II (1976) o aumento percentual de mães adolescentes, em especial solteiras, está vinculado a alguns fatores importantes: 1º - A maturação biológica, estar ocorrendo mais cedo, possibilitando a atividade sexual e a capacidade de reprodução mais precocemente; 2º - A nupcialidade entre as pessoas ocorrer mais tarde; 3º - O processo de urbanização e os estilos de vida a ela vinculados propiciarem maiores oportunidades de relacionamento sexual, e, reduzirem drasticamente a eficácia das restrições sociais tradicionais. Por outro lado, Anderson (1976) refere que a adolescente muitas vezes, ora utiliza a sua gravidez para manipular o parceiro, ora para expressar o desejo de ter uma criança para com ela identificar-se (transformar-se

numa imaginária mãe que desejou possuir). Essa autora faz referência ao trabalho realizado por Dickens et alii, em que esses autores mostraram que muitas jovens de 14 e 15 anos, às vezes, engravidam para “ter uma boneca para brincar”. Outras adolescentes encaram sua gestação como um “acidente de percurso” (McAnarney et alii, 1978), entretanto, Kandell (1978) coloca em dúvida se estas gestações são realmente acidentais ou propositais. De acordo com essa autora, por trás do “discurso acidente” podem estar existindo algumas possibilidades ocultas:

- Um forte apelo por atenção e ajuda (“Eu preciso que me ouçam”... “Eu necessito de ajuda”).

- Auto destruição (“Eu tenho ódio de mim mesma”).

- Ira e agressividade para com a autoridade (“Eu tenho ódio de você”).

- Falta de responsabilidade com o próprio corpo e ação (“Quem sou eu?”, “Para que sirvo?”).

Alguns autores relatam que, ter filhos pode ser uma escolha deliberada da jovem, pela razão essencial de que é um dos poucos papéis aceitáveis para a moça que se sente incapaz de alcançar sucesso no mundo social contemporâneo competitivo (Clark, 1971; Fischmann, 1975; Soifer, 1980; Cabral et alii, 1985).

Um número considerável de autores, em diversos trabalhos, vem dando importância crescente às interações familiares no evento da gravidez em adolescentes. Assim, Juhasz, citado por Campos & Carvalho (1980), sugere que há falha da mãe da gestante adolescente em conferir-lhe adequado controle emocional, a fim de restringir o seu impulso procriador instintivo. Os lares desfeitos, a ausência materna ou paterna são referidos em alguns trabalhos como padrão de família de jovens que engravidam (Clark, 1971; Dott & Fort, 1976; Furstenberg, 1976; McAnarney et alii, 1978). Segundo outros autores, uma vez estando na condição de grávidas, no mais das vezes, essas adolescentes vêm

serem restringidas as suas opções educacionais e profissionais, o que provavelmente deve contribuir para manter o status sócio-econômico carente (Hunt II, 1976; Ossofsky, 1978; O.M.S., 1985). Essas adolescentes, na contingência de exporem sua gravidez ao juízo crítico da comunidade na qual estão inseridas, são levadas a tomar uma decisão, entre: casar, fazer um aborto, conduzir a gestação até o termo e conservar a criança, ou levar a gestação até o termo e entregá-la à adoção (Clark, 1971; Lawrence & Merrit, 1987; McAnarney et alii, 1984; Vitiello, 1987). Gauderer, 1987, reporta-se à grande incidência de casamentos inadequados quando ocorre a união matrimonial forçada, como forma de "reparação da honra manchada". Esse autor lembra que a adolescente, muitas vezes, não está preparada para a formação de vínculos familiares estáveis, e que, pressionada pela sociedade e pela família pode recorrer ao aborto no intuito de ocultar do núcleo familiar e de amigos, a gravidez não planejada e/ou indesejada. Por vezes, esse abortamento é realizado em precárias condições de higiene, por leigos, levando a resultados desfavoráveis, como: hemorragias graves, infecções, esterilidade e até a morte. Quando resolve encarar a gestação, nessa situação, a jovem tem que enfrentar problemas de cunho econômico, de readaptação ao novo esquema da imagem corporal e sentimentos de apreensão, angústia em relação ao parceiro, aos pais, amigos e ao próprio feto (McAnarney, 1978; Kandell, 1979; Carey, 1983, Lippi & Segre, 1988). A forte discriminação social que afeta a gestante jovem, principalmente se esta não tiver contraído o matrimônio, sem dúvida, favorece dar origem, concretamente, a um elevado índice de não aceitação e abandono do filho, com reflexos danosos na área psicológica como baixa auto-estima e sentimentos incontestes de culpa (McAnarney, 1978; Pinto e Silva, 1982). Autores diversos vêm relatando em seus trabalhos a predisposição de gestantes adolescentes a apresentarem o que vem sendo denominado de "Síndrome da Mãe Solteira"- um conjunto

de relações instáveis, que se inicia na família na qual está inserida, a deserção escolar, perda de auto-estima e que se completa com repetidas gestações ilegítimas, por vezes não desejadas, nem planejadas (Sarrell & Klermann, 1969; Clamman et alii, 1969; Clark, 1971; Panzarine et alii, 1981; Pinto e Silva & Nogueira, 1988). De qualquer forma, é importante salientar que predomina a idéia de que a gestação, quando ocorre na adolescência, representa a superposição de duas crises: a primeira é evolutiva, na qual o fenômeno da adolescência - uma transição gradativa de um organismo infantil para um adulto - traz importantes reflexos nas áreas somática, psíquica, social, e, em especial na esfera da sexualidade (Buber, 1979; Soifer, 1980; Aberastury & Knobell, 1981); a segunda é de ordem conjuntural, representada pela gravidez, considerada, em si, uma crise, independente da idade, que implica em reajustamentos nos níveis interpessoais e intrapsíquicos e mudança de papel social (Maldonado, 1976; Soifer, 1980; IPLAN/IPLEA/ UNICEF, 1986).

Dessa forma, quando à crise da adolescência juntam-se as tensões do estado gravídico, muitas vezes, uma gravidez indesejada, não planejada, cujo ônus é exageradamente pesado, podendo ser observado por profissional de saúde por meio da insegurança, medo, e até desespero dessas adolescentes ao constatarem a sua gravidez (Soifer, 1980; Pinto e Silva, 1982; Della Nina, 1984).

Diante do exposto, pode-se observar que, ao lado de riscos obstétricos para a gestante adolescente, principalmente a de menor idade, os riscos psicossociais atingem proporções assustadoras e crescentes, como relatam alguns autores (Clapan, 1957; Claman, 1969; Fischman, 1975; Hunt II, 1976; Panzarine et alii, 1978, Pinto e Silva, 1982; Wagman et alii, 1989). Preocupada e atenta às sérias conseqüências desse fenômeno, que incide em todos os países do planeta, e, de uma maneira mais marcada, nos países de "terceiro mundo", como o Brasil, a Organização Mundial de Saúde, em reunião de

especialistas, especialmente convocada em 1975, chegou à conclusão que seria urgente e importante dedicar atenção especial ao conjunto dos aspectos psicossociais da gestação e o aborto na adolescência (O.M.S., 1983).

Uma particularidade observada em pesquisas no campo da saúde, na América Latina, que, possivelmente, vem dificultando uma prática transformadora da realidade, é que muitas delas limitam o conhecimento a apenas uma das dimensões de análise do ser humano, marcadamente a biológica (Sucupira, 1981; Penchaszadeh & Marquez, 1978). Evidentemente, isso favorece produzir uma leitura deformada da realidade, visto que o processo saúde-doença, no meu entender, não pode ser concebido fora do conceito do HOMEM-HOLÍSTICO, isto é, este como unidade bio-psico-histórico-social indivisível. Em decorrência dessa visão fragmentada da realidade, segundo esses autores, tais pesquisas não proporcionam elementos, subsídios para a erradicação das causas que originam problemas, e daí, a tendência dominante de atuação em seus efeitos.. Assim, no trabalho de assistência à jovem no contexto da sua gravidez, reforça-se a importância de uma abordagem multiprofissional (médico, assistente-social, enfermeira, educadora em saúde, psicóloga, entre outros) e interdisciplinar, para que, atuando em conjunto, e recorrendo às contribuições de diferentes disciplinas do conhecimento consiga-se obter uma visão holística de desse ser tão vulnerável e de suas necessidades (Ossofsky & Ossofsky, 1978; Stanley & Petzold, 1983; Wagman et alii, 1988).

Nessa perspectiva, o médico, enquanto profissional de saúde, na acepção ampla do termo, ao atuar em equipe, no sentido de atender a uma jovem gestante, necessita apreender a realidade biológica obstétrica, como uma das dimensões da vida dessa adolescente, incorporando-a numa realidade totalizante, que comporta outras dimensões (social, psicológica, histórica) que devem ser consideradas

em seu trabalho (Furstenberg, 1976; IPLAN/IPLEA/UNICEF, 1986; Aldrovandi & Monteleone, 1988). Segundo Billung Meyer (1979), no que diz respeito à jovem grávida, esta necessita ser aceita, pertencer a um grupo que lhe dê apoio e compreensão, a fim de que seus receios sobre o momento gestacional e o parto sejam amenizados com conhecimento, afetividade, opinião esta compartilhada por outros autores (Huchins et alii, 1979; Soifer, Cabral et alii, 1985; Wagman et alii, 1985).

O presente estudo partiu da observação, ao longo dos anos, como pediatra atuando na Área Assistencial a Adolescentes, em especial com jovens grávidas (optamos pelo uso do termo adolescência, dependendo do critério sócio-cultural adotado para defini-las. Portanto, nessa faixa etária, na dependência de sua inserção social, encontram-se gestantes que ainda podem estar situadas na fase da adolescência e outras que, possivelmente já atingiram a adultície em termos de status e funções). Assim, trabalhamos em grupos de orientação e reflexão, sobre situações pertinentes a o atendimento proporcionado dentro das rígidas regras que predominam no nosso Sistema de Saúde, em que a relação médico-paciente costuma ser deficiente, com enfoque dirigido a portadores de doenças-problemas, no caso, a gravidez, ao invés de jovens grávidas.

Nesse convívio com jovens grávidas e profissionais de saúde, mais particularmente com médicos, cresceu paulatinamente a nossa preocupação com a qualidade do atendimento, no que diz respeito à relação médico-paciente, e com a postura desses profissionais ao exercerem o seu papel. A reflexão sobre estas constatações originou uma série de questionamentos, que reforçaram a nossa intenção de investigação, tais como:

- Os profissionais de saúde, principalmente médicos, que, pela natureza de suas ações, seriam aqueles com maior envolvimento com as jovens grávidas, estão percebendo a sua linguagem e o significado do seu discurso?

- Como essas jovens e esses profissionais estão se colocando ante o fenômeno da gravidez e suas repercussões?
- Que sentimentos e percepções estão presentes nas entrelinhas do discurso de jovens grávidas, e, que estão a necessitar explicação e entendimento para a compreensão de suas vivências?

Em um primeiro momento, verificamos que, embora aqueles que trabalham com jovens grávidas atribuam maior importância à gravidez, com o seu amplo leque de repercussões biológicas, psicológicas e, até sociais, ficam perplexos, diante da realidade apresentada por essas jovens. Isso ocorre, provavelmente por escapar a esses profissionais a importância do significado essencial da existência, que essa clientela especial expressa através do seu discurso.

Dessa maneira, no sentido de subsidiar a Assistência que cabe a profissionais de saúde, máxime o médico, que atuam em equipe de Atenção Multiprofissional à Jovem Grávida, visando um melhor entendimento da realidade encarada por jovens gestantes atendidas, estamos propondo um novo enfoque: apreender o fenômeno da gravidez, a partir do ponto de vista das próprias jovens que a tem vivenciado concretamente.

Enquanto pesquisador, como decorrência, escolhemos um outro caminho, que não o adotado tradicionalmente adotado no campo da Saúde Pública, que permitisse desvendar e compreender aquele mundo de significados, vivo e presente no cotidiano, no modo de agir daquelas jovens.

Portanto, recorreremos à Fenomenologia, esforçando-nos para “ir às coisas mesmas” quer dizer, apreender o significado atribuído por essas jovens às ocorrências durante a gravidez, no contexto de suas vidas e sua expressão no viver cotidiano, no seu modo de ser com as outras pessoas e com o mundo ao seu redor.

Principiamos um trabalho de compreensão desse universo de significados. Passamos a freqüentar o Serviço de Atenção à Saúde da Jovem Grávida, no Centro de Saúde Emílio Ribas de Pindamonhangaba, (Cidade de 120 mil habitantes, localizada ao leste do Estado de São Paulo, a 150 quilômetros da Capital) estabelecendo, inicialmente, diálogos, conversações sobre diversos assuntos de interesse das grávidas em questão, e, posteriormente, gravando entrevistas, em que, cada jovem falava abertamente sobre as suas preocupações acerca da gravidez e de temas a ela relacionados: o futuro do filho, o parceiro, o parto, o grupo de amigos, seus sentimentos e percepções. Dando continuidade, procuramos fazer um minucioso relato, das entrevistas, e de tudo quanto fosse possível. No nosso entendimento, iniciava-se um embrião de um possível trabalho “profilático”, pois, ao estabelecer um relacionamento interpessoal significativo, possivelmente, haveria a grande oportunidade de efetivamente ajudá-las. Auxiliá-las, no sentido de elas conviverem com a situação-problema por elas vivenciada, e com essa postura, propiciar uma verdadeira Assistência à Jovem Grávida: seria a atenção voltada para a pessoa, considerada como unidade bio-psico-social numa nova relação médico-paciente.

Para entender esse fenômeno, aqui colocado como “algo que se desvela, se mostra” (Stein, 1988) tivemos trabalhar a nossa postura positivista de “dono do saber”, presente na nossa formação, excluir pressupostos da relação sujeito-objeto do que iria observar e estudar, como algo exterior ao sujeito pesquisador, para que na “relação sujeito - sujeito” (Minayo, 1992) intentasse descrever o fenômeno tal como ele vai se apresentando à vivência de quem o experiência, ponto fundamental, essencial do método fenomenológico.

Por conseguinte, nesse estudo empreendemos um esforço, uma tentativa de aplicar no Campo da Pesquisa em Saúde Pública, com ênfase na área da Saúde da Mulher e da Criança, a abordagem de cunho

qualitativo, por considerá-la mais adequada à natureza do problema a que nos propusemos estudar. Essa opção implicou em considerar, tanto o sujeito pesquisador, como o sujeito de estudo, “gente de determinado grupo social ou classe, com suas crenças e valores”, portanto, com sua visão de mundo, contrapondo-se à idéia de neutralidade do pesquisador e do conhecimento produzido. A metodologia selecionada permite incorporar a questão do SIGNIFICADO, como inerente ao atos, às reflexões. (Minayo, 1992). Dentro dessa perspectiva, com base nos fundamentos do método Fenomenológico, utilizamos a DASEINANÁLISE de HEIDEGGER, como instrumento teórico-metodológico e técnico, na busca de entender a realidade de jovens grávidas desvelada, e interpretada a partir de seus discursos. Dessa maneira, alicerçados na Fenomenologia, enquanto método, foi nosso intuito tentar investigar a vivência humana concreta de jovens grávidas, na sua temporalidade - a gravidez - considerando-a como fenômeno que tem importante significado para quem a experiência. Não cabe, portanto, fazer uma análise filosófica da estrutura transcendental do ser humano, mas, sim, à luz da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger, numa atitude interpretativa, procurar aproximar-nos mais do modo de ser das grávidas enfocadas com vistas a um melhor entendimento da questão, RESSALTANDO TRATAR-SE DE UMA LEITURA DETERMINADA, DENTRE OUTRAS POSSÍVEIS. Com a finalidade de chegar ao sentido e à explicitação do enfoque fenomenológico no tratamento desses discursos, procuraremos adotar duas atitudes consideradas fundamentais para o método: envolvimento e distanciamento relativo, a fim de que conseguíssemos fazer uma descrição do significado da vivência que buscávamos esclarecer. No envolvimento tentamos mergulhar numa situação relatada, a fim de nos aproximarmos o máximo possível, da vivência do sujeito, partilhando e compreendendo como essa jovem grávida estaria vivenciando determinada situação, deixando de lado as

pre-análises e pre-interpretações, classificações e deduções. Procurando aproximar-nos da vivência de tal momento, consoante a sua própria maneira de existir, esperávamos ter condições de refletir fenomenologicamente, como frisa Merleau-Ponty: “Nada impede que, entre as coisas por mim vividas, a reflexão fenomenológica se dirija para o ouvir, pois percebo os outros e suas condutas”(Merleau-Ponty, 1973,). Uma vez decorrido esse momento de envolvimento e penetração na vivência de determinada situação (por exemplo: a vivência de uma jovem grávida em relação à atitude do pai ao surgimento da gravidez), iniciamos um movimento de distanciamento relativo para refletirmos sobre a mesma, analisá-la, e, descritivamente, interpretar os significados que nela captamos durante o envolvimento. Não é um distanciamento absoluto, complexo. É relativo, como já foi pontuado, uma vez que é necessário manter um vínculo de ligação com a vivência, a ela retornando a cada momento para que a descrição se aproxime ao máximo da realidade experienciada. Essas atitudes (vivenciamento e distanciamento) estão intimamente relacionadas, articuladas, de tal forma que há momentos em que, apesar de a tarefa dar a impressão de ter chegado ao fim, ela poderá ser retomada em instante ulterior, toda vez que possa revelar-nos a necessidade de novos esclarecimentos.

As idéias explicitadas e as interpretações desses discursos não se encerram em si mesma, ressaltando o pressuposto do método adotado, de que a apropriação do conhecimento dá-se através do círculo hermenêutico: compreensão-interpretação-nova compreensão, ou seja: interpretação aberta a outras interpretações. Elas representam, indubitavelmente, um ponto de partida para novas reflexões, muito possivelmente enriquecedoras sobre esse tema tão complexo, que é a vivência de jovens grávidas, no momento temporal de suas existências: a gravidez. E, o existir no mundo, nada mais é do que o desvelar da experiência cotidiana imediata, pois “ao ser humano” é essencialmente

inerente “ser-no-mundo” (Heidegger, 1988). No homem “se situa o lugar”, o aí (DA) onde o Ser (SEIN) se desvela, e, a essência do DASEIN reside na sua existência” (Heidegger, 1988). É dentro dessa perspectiva da fenomenologia do DASEIN, desenvolvida pelo filósofo HEIDEGGER, que conduziremos esse trabalho, sem antes, deixar de fazer algumas considerações importantes acerca do método fenomenológico, enfocando, sobretudo, o seu precursor: HUSSERL.

1.3 - PROPOSTA E OBJETIVOS

Nossa proposta, ao realizarmos esse estudo, consistiu em “tentar apreender”, por meio da linguagem expressa por jovens grávidas, o discurso constitutivo do seu DASEIN, procurando entender a realidade que enfrentam e experienciam diante da gravidez, mediante a análise e interpretação do discurso. Este, sem dúvida, representa uma das maneiras de tornar possível o acesso ao seu mundo, que, nesse momento, abre-se com a sua riqueza de significados.

Tomamos como pressuposto, que é no discurso que revelam o sentido do seu Ser e o significado da sua existência (aqui entendida a partir da sua etimologia grega: “ek-sistere”=“mostrar-se”, “desvelar-se”) como já coloca Heidegger: “Como compreensão existenciária da abertura do DASEIN, o discurso é constitutivo” (Heidegger, 1986). Mediante uma relação de diálogo, como ser-no-mundo, irá mostrar-se em sua condição de ser-com-os-outros, quando se percebem, como se expressam e como os outros se expressam, através da linguagem falada, pois, segundo o fenomenólogo citado, “O fundamento existenciário ontológico da linguagem é o discurso” (Heidegger, 1965). Com base nos exercícios de reflexão, pretendemos caminhar em direção à compreensão do que se manifestava nos discursos dessas jovens que, em seu convívio voluntário com a nossa pessoa, era desvelado por intermédio da linguagem. Ao percebermos o discurso, numa relação de intersubjetividade, procuramos interpretar o que havia surgido, a partir do desvelamento, do que estava oculto e se mostrou, indo assim, ao objetivo inicial desse trabalho, qual seja: compreender as jovens grávidas integrantes do nosso estudo, e efetivamente ajudá-las no entendimento da realidade enfrentada (a gravidez com os seus desdobramentos). Alcançado tal desiderato, partimos em direção a outros objetivos, por nós considerados de grande importância, como: aplicar a Abordagem Qualitativa, (particularmente, o

método fenomenológico) no Campo da Saúde Pública, com ênfase na área da Saúde da Mulher e da Criança, e subsidiar aqueles que trabalham na Atenção à Jovem Grávida, dentro de uma perspectiva compreensiva, para uma melhor atuação médico-preventivo-educativa. Trata-se, também, de buscar um novo enfoque na questão da gravidez em jovens, empreender um esforço na recuperação desse processo, em que os seres envolvidos, na sua condição de abertura, dêem início a um novo modelo de relação médico-paciente, com base nos princípios do entendimento mútuo e da igualdade, respeitadas as diferenças. Que, “ao diminuir o distanciamento médico-paciente - relações estas tão desgastadas nos tempos hodiernos - seja promovido um resgate real de uma verdadeira relação entre sujeitos” (Sucupira,1981).

A pesquisa teve, no sentido de sustentação teórico-metodológica, o enfoque hermenêutico-heideggeriano, que será explicado em outro capítulo. Pesquisadores, principalmente os da corrente positivista, que se baseiam em teorias, probabilidades e comprovações matemáticas, consideram tal enfoque por demais subjetivo, sem vínculos com o real, rotulando-o como destituído de valor científico (Stein,1974). Tal rotulação tem um argumento pouco consistente, no nosso entender, que é o de atribuir como subjetivo o que corresponde a uma simples representação do objeto na mente, por isso, considerado irreal. Para a Fenomenologia, “subjetivo é algo que expressa a recuperação do fenômeno, pois o homem, impulsionado pela consciência intencionada, em direção aos demais seres, dotando-os de significados, sai de si e atinge a realidade que se mostra” (Stein,1974). Nesse sentido, há um movimento do interior indo ao exterior do Ser, graças à sua intencionalidade consciente, tornando-se, portanto, objetivo e subjetivo, como esclarece Merleau-Ponty: “Toda consciência é consciência de alguma coisa”, e, “a mais importante aquisição da Fenomenologia é, sem dúvida, ter associado o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção de mundo ou

de racionalidade, uma vez que a racionalidade é medida exatamente nas experiências nas quais ela se revela” (Merleau-Ponty,1971). Portanto, é pela consciência que se volta para o discurso de jovens grávidas, em que ele é percebido como fenômeno (no sentido de ser algo que se deixa desvelar), pois essa consciência vai muito além da atribuição de juízo de valores, de preconceitos, na medida em que se vincula ao ser que mostra, como frisa explicitamente o fenomenólogo: “A consciência é, antes, uma rede de intenções significativas, ora claras por si mesmas, ora, ao contrário, mais vividas do que conhecidas” (Merleau-Ponty,1971).

O método fenomenológico-hermenêutico-heideggeriano, buscando o “Ser do DASEIN (aqui expressos pelas jovens do nosso estudo), suas modificações e derivações” (Stein,1974) tem, como ponto de partida, aquilo que se evidencia, tentando compreender e, sobretudo, apreender o mundo real, através do Ser que se mostra, e não, por meio de deduções, pré-teorias, dados estatísticos que são dados paradigmáticos da Ciência Natural; ao contrário, pelo seu caráter de abertura, sua preocupação é buscar ir ao próprio fenômeno, para senti-lo na sua totalidade. Assim sendo, a fenomenologia, pelo fato de “interrogar, investigar, é uma maneira legítima e salutar de fazer Ciência” (Toniolo, 1980). E, como Ciência, essa corrente da Fenomenologia, anteriormente já referida, considera como tarefa precípua e essencial, a “apreensão dos fenômenos” (pois já nos mostra a etimologia grega): “*Legein tá fainômena*”, onde “*legein*” significa “mostrar” ou “esclarecer”, “*tá*” o artigo definido, e “*fainômena*”, “os fenômenos”. Em “Ser e Tempo”, já esclarece o seu autor: “A Fenomenologia, então, significa aquilo que se mostra, do mesmo modo que se mostra por si mesmo e que se deixa ver por si mesmo” (Heidegger,1986).

Esse enfoque fenomenológico-hermenêutico, de Heidegger, além de convidar-nos, estimula-nos à procura de novos rumos, a uma desafiadora tentativa de aprofundamento, de maior abertura, ao trabalhar

os discursos das jovens grávidas. Nessa caminhada, não sabíamos a qual lugar essa reflexão chegaria. Hoje, temos consciência de que esse caminho será sempre recomeçado, porque vai exigir que partamos, sempre, do que se desoculta, e prossigamos em direção ao que ainda não foi desvelado. Por conseguinte, não podemos ter a impressão de encontrar soluções ou fórmulas definitivas, mas, sendo-com-as-grávidas, percebendo os discursos, teremos possibilidade de analisar e interpretar o fenômeno das suas vivências, decorridas durante esse marco temporal de suas vidas: a gravidez.

Procuramos, no desocultamento do seu DASEIN, perspectivas que nos permitissem olhar em outra direção, sob um novo paradigma, resgatar, recuperar a atenção, de Equipes de Saúde, a jovens grávidas. A questão não pode, e nem deve, encerrar-se em si mesma: é desafiadora, apresentará dificuldades, entretanto, nesse esforço de interrogar, questionar, sendo-com-as-grávidas, estando atento aos apelos que emergem do seu Ser, num envolvimento intersubjetivo, profissionais de saúde, em especial médicos, acreditamos, terão melhores condições de auxiliá-las, sob uma nova ótica, em particular, sob o prisma do olhar compreensivo do verdadeiro humanismo.

CAPÍTULO II

A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

2.1 - NOSSO INTERESSE PELA FENOMENOLOGIA

HEIDEGGER, em "O fim da filosofia (1972), relata que entrou em contato com a Fenomenologia, quando leu o livro de HUSSERL: "Investigações Lógicas", afirmando: "A obra de HUSSERL marcou-nos de tal modo que, nos anos subseqüentes, sem compreender suficientemente o que nos fascinava. Provocava uma inquietação que desconhecia sua razão de ser ainda que deixasse de pressentir que se originava da incapacidade de chegar, pela pura leitura da literatura filosófica, a realizar o processo de pensamento que se designava como fenomenologia".

Essas afirmações de HEIDEGGER - segundo alguns filósofos, o pensador que conseguiu chegar à mais original e importante interpretação desse processo de pensamento, através da característica existencial básica do ser, que é pela sua essência em um ser-no-mundo-trouxeram-nos preocupação, curiosidade e até, um certo alívio, inspirando-nos e levando-nos ao interesse pela Fenomenologia e, a entendê-la como o fundamento básico para a compreensão do existir humano. O ser humano tem se preocupado muito, através dos tempos, com o conhecimento e a compreensão de sua existência no mundo. Profundas e intensas reflexões e apurados estudos foram realizados, inicialmente pelos filósofos. Os estudos na área da Psicologia, com o intuito de torná-la Ciência Objetiva, surgiram somente no século passado, graças a WUNDT, que principiou esse movimento ao fundar o primeiro Laboratório de Psicologia Experimental (Forghieri, 1991), e, o enfoque fenomenológico, na área da psicologia, tomou impulso e desenvolvimento a partir da segunda metade do nosso século. Entretanto, por não chegar a constituir um conjunto de princípios articulados, aceitos por todos os pesquisadores da área psicológica, e, por ter, como suporte,

fundamentos filosóficos que são abstratos, vem enfrentando dificuldades de abordagem e aceitação (Stein, 1974).

Essa dificuldade amplia-se, em decorrência de a Fenomenologia apresentar-se apenas como um método de investigação do fenômeno e, a falta de uma abordagem fenomenológica da personalidade humana elaborada em linguagem psicológica, e não apenas filosófica, que agregue os aspectos mais importantes da vivência humana, dificultam a compreensão e explicação dos fatos (Stein, 1974).

Certamente, a contribuição maior da Fenomenologia para a psicologia é a abertura que proporciona para uma forma de investigação do psiquismo humano, que possibilita refletir sobre a vivência, no que ela tem de mais genuíno e imediato, que é a percepção e compreensão do sujeito em relação a ela (Stein, 1979). A filosofia busca chegar à essência do fenômeno, e a psicologia (embora partindo de um método embasado em princípios semelhantes) não tem essa pretensão, uma vez que está voltada aos significados que a vivência tem para as pessoas, naquilo que pode existir de comum entre eles (Stein, 1979).

O existir humano está repleto de aspectos contrastantes: convivemos com as pessoas deste mundo e nos defrontamos com a solidão; experienciamos momentos agradáveis de placidez de espírito e não conseguimos evitar as angústias que afligem o nosso ser. O existir cotidiano é vivenciado com todos esse aspectos contrastantes e intensamente complexos. Todos esses acontecimentos, essas observações, que nos deixam confusos até hoje, despertaram ainda mais o nosso interesse pela versão existencialista da Fenomenologia, que mostra as ambigüidades do existir humano, e, fazem com que nos esforcemos numa tentativa de aceitar esses aspectos paradoxais da existência, que, de alguma maneira, articulam-se e, passam a constituir a mola propulsora do viver.

2.2 - ASPECTOS IMPORTANTES DA FENOMENOLOGIA:

2.2.1 - A FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

A - INTRODUÇÃO

Nesse capítulo, procuramos focar as principais idéias de Husserl, pelo fato de ter sido o iniciador da Fenomenologia Moderna, sendo os princípios básicos, por ele propostos, importantes e indispensáveis para o entendimento desse método. D'Artigues (1973), em importante obra, afirma que os últimos anos do século XIX, que antecederam as publicações de Husserl sobre a Fenomenologia "se caracterizam, na Alemanha, pela derrocada dos grandes sistemas filosóficos tradicionais. É a Ciência que doravante preenche o espaço deixado pela filosofia especulativa e, sobre o seu fundamento, o positivismo, para o qual, o conhecimento objetivo parece estar definitivamente ao abrigo das construções subjetivas da metafísica" (D'Artigues, 1973). Nesse mesmo período, abalaram-se os alicerces do pensamento positivista "com questionamentos concernentes aos seus fundamentos, em virtude de serem formulados por um sujeito concreto" (Forghieri, 1984).

Os filósofos Brentano (1884) e Dilthey (1894), em suas obras, criticam as Ciências Humanas, em especial, a psicologia, por terem adotado o método das ciências da natureza, cujo objeto de estudo é muito diferente daquelas. Assim, Dilthey afirma que a natureza só é compreensível e acessível indiretamente, a partir de explicações de fatos e elementos, mas que a vida psíquica é uma totalidade, da qual temos compreensão intuitiva e imediata, e, o método compreensivo é o único adequado à sua investigação. Por outro lado, Brentano, precursor de Husserl, "estabelece, de maneira evidente, profundas diferenças entre os fenômenos físicos e psíquicos, colocando que nesses últimos existem características únicas especiais, expressas pela intencionalidade e, de um modo imediato de percepção, destacando a importância do retorno às

experiências vividas e, a descrição delas, ausente de todo o pressuposto metafísico” (Forghieri, 1991).

Nesse quadro, no início do nosso século, surgem as primeiras obras de Husserl sobre Fenomenologia, as quais, partindo das idéias de Brentano acerca da intencionalidade, ultrapassam os limites da Psicologia (aos quais estiveram circunscritos os trabalhos de Brentano) e, ao ir mais além, problematiza o próprio conhecimento e frisa ser a Fenomenologia o “único método para se chegar a verdades evidentes, apodícticas, a partir da vivência de consciência” (Husserl, 1986).

Portanto, uma vez situado num contexto histórico o surgimento das idéias de Husserl, passamos a nos deter em alguns pontos importantes da sua Fenomenologia.

B - O RETORNO ÀS COISAS MESMAS E A INTENCIONALIDADE

Husserl, em 1901, propõe retorno a uma situação de partida do conhecimento - “Voltar às coisas mesmas”, quando questiona os sistemas especulativos da Filosofia e as explicações das ciências positivas, afirmando: “Não é das filosofias que se deve partir o impulso das investigações, mas, sim das causas e dos problemas” (Husserl, 1965). A “coisa mesma” é entendida como fenômeno, que é a única coisa à qual se tem acesso imediato. Há um ato significativo a unir a consciência e o objeto. A consciência é intencional, voltada para um objeto, estabelecendo, pois, uma correlação que só é possível na intuição da vivência.

C - A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA E A INTUIÇÃO DAS ESSÊNCIAS

A redução fenomenológica é um modo de a Fenomenologia chegar ao fenômeno, ou à sua essência. Norteiam-se dois princípios importantes: o primeiro, que rejeita tudo o que não é verificado apodicticamente; o segundo, que caminha em direção à intuição originária do fenômeno na vivência imediata. Para a melhor compreensão desse recurso, que utiliza a Fenomenologia, é necessário que tomemos uma atitude de reflexão, saber da existência da consciência como “doadora” de sentido a tudo o que o mundo nos apresenta. Quando refletimos sobre a nossa vida cotidiana, revela-se a existência da nossa consciência. Adota-se uma atitude fenomenológica “de colocar de fora, suspender a nossa crença na existência do mundo em si, com todos os seus preconceitos e teorias das Ciências da Natureza dela oriundos, também, colocando fora de ação, as teorias das ciências do homem” (Forghieri, 1991).

A redução implica, pois, em mudanças de atitude (ao invés de ser uma simples abstração ao mundo e ao sujeito), encarando o binômio mundo-sujeito como constituintes de uma totalidade, revelando-se com significações mútuas (Stein, 1974).

No que diz respeito à teoria do conhecimento, só se alcança a total evidência do fenômeno, quando “há a ocorrência conjunta da intuição e a significação” (D’Artigues, 1973). A significação não é preenchida apenas na intuição sensível, mas, na intuição eidética (“EIDOS”do grego, significa “essência”), como esclarece o próprio Husserl: “A essência (“EIDOS”) é um objeto de um novo tipo, tal como a intuição do indivíduo ou intuição empírica, o dado é um objeto individual: assim, o dado da intuição eidética é uma essência pura” (Husserl, 1986).

Introduzindo a noção de “visão das essências” (“Wesenschau”), Husserl busca dar fundamento a um processo de conhecimento filosófico e concreto, vinculado à vivência, procurando chegar à universalidade. Dessa maneira, quando a psicologia efetua o estudo da dinâmica do processo do viver, está indo em direção à descoberta das essências. Quando se faz reflexão sobre o viver, não se descobrem essências exatas”, mas, inexatas, cujos conceitos são descritivos, sem chegar a conceitos fixos e ideais. Não há um sistema de fórmulas, axiomas matemáticos, pois, as “essências da vivência não são abstratas, mas concretas” (Husserl, 1986).

Portanto, a Fenomenologia propõe-se a ser uma “ciência descritiva das essências da vivência” (Husserl, 1965), estando, por conseguinte, intimamente ligada à psicologia, doando-lhe os seus fundamentos, como esclarece o próprio Husserl:” Assim, a Fenomenologia é a instância para julgar as questões metodológicas básicas da Psicologia. O que ela afirma, em geral, o psicólogo precisa reconhecer como condição da possibilidade de toda sua metodologia ulterior” (Husserl, 1986).

D - A REFLEXÃO FENOMENOLÓGICA, O MUNDO DA VIDA E A INTERSUBJETIVIDADE

O “eu”, na sua experiência de mundo, não se encontra circunscrito somente àquilo que vivencia em dado momento, uma vez que o seu pensamento se dirige para o que viveu anteriormente, e, para as projeções que faz em relação aos fatos que ele tem a expectativa de chegar a experienciar. Assim, o seu pensamento está embasado em atos importantes de reflexão sobre experiências procedentes da sua real vivência, em atitude fenomenológica, de acordo com aquilo que se pontua como essencial; e, para assim refletir, fatos e explicações devem ser colocados entre parênteses. Nesse fluxo contínuo de vivência

reflexiva, volta-se ao mundo da vida, da própria vivência imediata, pois, “as reflexões, por sua vez, também são vivência e podem, enquanto tal, tornar-se substratos de novas reflexões, e, assim, *AD INFINITUM*” (Husserl, 1986).

Nesse processo de reflexão, em que se promove o retorno ao “mundo da vida” ou vivência pré-reflexiva, é importante o seu entendimento, pois ela antecede à formulação de conceitos e teorias. Certamente, os postulados e referenciais da Ciência partem desse ponto, principalmente, quando se busca articular teorias complexas e sofisticadas” (Forghieri, 1989).

Assim sendo, com muita razão D’Artigues acentua, ao citar Husserl na sua obra, que a Fenomenologia “incita o cientista a reencontra numa ciência a sua própria história, que nela se sedimentou ... Buscar em que, para além de todas as meditações, ela repousa sobre o mundo da vida e não no ar” (D’Artigues, 1973).

A “Suspensão” fenomenológica se processa em dois sentidos: em relação ao mundo e, ao próprio sujeito, enquanto pesquisador, para que o seu refletir mantenha as características básicas e imprescindíveis da imparcialidade relativa possível, tomando-se capaz de apreender tudo o que a ele se apresentar como fenômeno (algo que se mostra).

Na sua experiência cotidiana, os seres, mesmo considerando as suas características próprias, existem uns com os outros, em trocas recíprocas na busca constante da compreensão das atitudes do seu viver, o que se convencionou denominar “intersubjetividade”; são características especiais, pois, “a partir da intersubjetividade constituída em mim, constitui-se um mundo objetivo a todos” (Husserl, 1986). E, efetivamente, esse mundo só realmente mostrará o seu sentido, se ele for composto, não só de tudo aquilo que constitui um sujeito solitário, mas, do “conjunto de sujeitos existentes, que, em trocas de vivências, se relacionam e procuram se conhecer” (Forghieri, 1990).

2.2.2- A FENOMENOLOGIA DE HEIDEGGER

A - INTRODUÇÃO

Martin Heidegger (1889-1976) foi um dos filósofos mais importantes e influentes do nosso século. Estudou com Husserl em Freiburg, a quem sucedeu na Cátedra de Filosofia em 1928. A sua obra considerada pelos estudiosos, mais marcante é "SER E TEMPO" (1927) na qual iniciou seu caminho de reflexão sobre o sentido mais profundo da existência humana, bem como as origens da metafísica e o significado da sua influência na formação do pensamento ocidental. Procurou, assim, recuperar a importância fundamental do Ser, que, na tradição do pensamento moderno dera lugar à problemática do Conhecimento e da Ciência.

Para esse filósofo é necessário que se recupere o sentido original do Ser, propondo uma nova Terminologia Científica para dar conta desse sentido. Dessa maneira, para Heidegger, a existência humana só poder ser compreendida a partir da análise do DASEIN (SER-AÍ) do ser humano, aberto à compreensão dele. Heidegger não procurou conceitos definidos, os quais transcendem a temporalidade, partindo então da Cotidianeidade para entender o SER-AÍ que é entendido como algo que existe, portanto, torna-se presente, manifesto e percebido.

Em 26 de maio desse ano completaram-se 20 anos da morte de Martin Heidegger. Não morreu entretanto, o seu modo de pensar, que, embora tenha aquecido controvérsias, seu pensamento prevalece iluminado sempre. Exerceu, pois, um modo de pensar que nos convida sempre à profunda reflexão sobre o existir humano. Modo de pensar semelhante aos carvalhos da Floresta Negra (na Baviera), que, ao deitarem raízes na profundidade da terra elevam-se à amplidão dos céus. Assim, são a grandeza e a profundidade do pensamento de Heidegger, que procurou apreender o Ser (sua presença, sua manifestação) a partir da Linguagem (sobretudo a Linguagem Poética).

Nesse estudo, a partir da Linguagem expressa nos Discursos da Jovens Grávidas, com base na DASEINANÁLISE de Heidegger, empreendemos um tímido esforço e uma enorme tentativa de enfrentar o desprezioso desafio de caminhar com esse homem que marcou o seu tempo, sob os influxos da sua luz que nos inspira a pensar.

E, pensar, fugindo de toda verdade determinada e validada pela certeza, foi o que ele propôs. Propôs um pensar que abre caminhos para ... abre perspectivas de

A seguir, passaremos a discorrer, embora de maneira concisa, sobre alguns pontos da Fenomenologia de Heidegger.

B - O SER-AÍ (DASEIN).

Heidegger, ao fundamentar a sua fenomenologia, indo “em direção às coisas mesmas” coloca um ente especial para esclarecer a existência do ser humano, o SER-AÍ (DASEIN), que atua com os outros, e, esclarece: “Esse ente, somos nós mesmos, e que tem, entre outros traços, a possibilidade de ser, a que designamos como DASEIN. O SER-AÍ existe. A essência de “ser-aí” está na sua existência. Esse “ser aí” se compreende sempre a si mesmo a partir da sua existência” (Heidegger, 1988), portanto, a partir da sua possibilidade de ser ele próprio, ou não ser ele próprio. A existência é “essa emergência ao ser que o homem descobre antes de toda definição de si próprio, a interrogação que o homem traz em si, antes de formulá-la, porque ele é essa interrogação; o homem é o único ser existente, o único questionador entre os seres que são, mas não existem (Heidegger, 1969).

Só o homem vivo e concreto é um DASEIN, pois: “ser humano é essencialmente ser-no-mundo, e, ser-no-mundo não quer dizer que o homem se acha no meio da natureza, ao lado de árvores, animais e outros homens ... É uma estrutura de realização ... O homem está sempre

recuperando os limites” (Heidegger, 1988). E, esse ser-no-mundo significa praticar ações, estar em relacionamento com as coisas e pessoas que encontra, porque devemos ter em mente que “o primordial ser-no-mundo do homem não é uma abstração, mas uma ocorrência concreta; acontece e se realiza nas múltiplas formas peculiares do comportamento humano, e, nas diferentes maneiras de relacionar-se às coisas e às pessoas” (Boss, 1963).

Em sendo a essência do homem a sua existência, ela se refere ao seu próprio Ser, entendendo-se que o ser do homem, como “ser-no-mundo dá-se através de uma consciência deste; é uma existência , cuja realização, ao ser originada pelo próprio SER-AÍ na sua produção interior-exterior, é extremamente abrangente em termos de histórias, de tempos e espaços, realizações, lutas e fracassos. Nesse mecanismo de existir, o homem pode “perder-se na inautenticidade, assim como pode tomar posse de si mesmo e tornar-se autêntico” (Heidegger, 1973)

Entende-se por autenticidade “essa consciência que o Ser tem de si mesmo, existindo com os outros”(Stein, 1988).

O DASEIN é sempre uma possibilidade, a sua possibilidade. Suas características são sempre constituídas por possíveis modos de ser (Silva, 1991). Não são coisas e objetos visíveis e palpáveis usados, manipulados, pois é “sempre exercício do Ser” (Heidegger, 1979).

Sendo, o homem pode escolher-se e ganhar-se (ter propriedade), perder-se (cair na impropriedade) ou aparentar ter encontrado (perda), como colocou o fenomenólogo (Heidegger, 1988).

No seu DASEIN, o homem se encontra aberto ao mundo (esse “estar aberto” não significa estrutura transcendental pura do homem), mas, sim “estar lançado no seu aí” (Heidegger, 1988). Esse “estar” lançado (GEWORFENHEIT), derivado do verbo werfen, significa lançar, jogar fora, ejetar). Indica a necessidade de se inserir numa série de situações. Inclui uma concentração de forças e poderes. Significa a

“facticidade do ser, entregue à responsabilidade” (Heidegger, 1988), como esclarece Steiner: “FACTIZITAT” indica o imperativo do ser-aí no mundo em que fomos lançados” (Steiner, 1978) não sendo, portanto, “fatorialidade do fato bruto de um ser simplesmente dado (“modo de ser da coisa enquanto o que se dá antes e diante de qualquer especificação”- Heidegger, 1988), mas um caráter ontológico do homem assumido na sua existência, embora desde o início reprimido” (Heidegger, 1988). Assim, a facticidade da existência e o estar lançado são sinônimos para Heidegger. Pela facticidade, o homem encontra-se aberto para o mundo; pelo fato de estar-aí, estar-lançado, o homem já revela um modo global de se relacionar com o mundo e de compreendê-lo. O homem além de tornar-se “ser-em”, “ser-com”, dever tornar-se “ser-para”.

Ao ser lançado no mundo, o homem encontra-se perplexo frente aquilo que é. O ser, para ele “é uma grande interrogação, aquilo que gera angústia (“ANGST”) que sente ao existir. Sendo, ele é angustiadamente complexo. Essa é a sua característica fundamental. É ela que funda a sua busca constante” (Bicudo, 1988).

Na angústia, sente-se desvalido, perdido. É colocado frente a frente com a responsabilidade de ser ou não ser, de permanecer na “autenticidade” ou seja: lutar pela posse de si mesmo, tomando as suas próprias decisões. Angustiado diante de si mesmo, vive de maneira preocupada, em situação de cuidado consigo mesmo, ou com os outros em redor.

Segundo Heidegger, é o cuidado que vai abrir ao homem o universo do existir. Estando “direcionado para o mundo, encontra-se em estado de solícitude, relacionando-se com o outro, de forma significativa e envolvente” (Silva, T. 1991).

O existir é originariamente “ser-com-o-outro”, embora na concretude desse existir, cada um apresenta peculiaridades em seu perceber e compreender as situações, pois “são e estão no mundo os

que vêm ao encontro, segundo o modo de ser-no-mundo. O mundo é sempre um mundo partilhado com os outros” (Heidegger, 1988).

O mundo do “ser-aí” é um “mundo-com” (“*MITWELT*”). “Ser-em” é “ser -com-os outros”. O “ser-si-mesmo”, do DASEIN, dentro do mundo, é “ser-aí-com”, (*MITDASEIN*), como já aponta Heidegger em “Ser e Tempo”(1988). Portanto, o homem, sendo um “ser-no-mundo” não é compreendido como um *EU ISOLADO*, sem os outros. Nesse sentido, frisa o fenomenólogo:

“Os outros já estão co-presentes no seu “ser-no-mundo” (Heidegger, 1988) ou seja: “O *EU* nunca está só na sua experiência de DASEIN” (Steiner, G. 1978)

Ao se interpretar como “ser-no-mundo” o homem sempre se descobre como SER-COM. A existência do outro, e a compreensão desse fato, para o homem, é uma forma de ser.

Se, “O ser-em é ser-com os outros” (Heidegger, 1988) o ser-em-si desses outros é o que se deve entender por coexistência (Stein,E.1974). Ser-com determina o DASEIN em termos existenciais, mesmo na situação em que o outro não é percebido. Mesmo estando na sua situação de solidão, a co-presença do outro vem ao encontro no modo da indiferença, do desprezo, da ausência, porque “estar-só é um modo deficiente de ser-com” (Heidegger, 1988).

Próprio do DASEIN, é existir como transcendência, ou seja: na abertura do ser a si mesmo e aos demais seres. Assim, não sendo fechado em si, e, sim, definido por interrogação que se refere ao seu modo de ser, pensar e agir “só tem condições de ser apreendida a partir dessa abertura, que não possui atributos, mas, possíveis modos de ser” (Steiner, 1978).

C - ESCOLHER - ABERTURA

O ser humano, efetivamente, na sua existência, não pode escolher e concretizar todas as suas possibilidades. Conforme as situações que se apresentam, algumas escolhas podem ser postergadas, e, sempre, cada escolha efetuada irá implicar em renúncia de possibilidades. Para que ela represente realmente uma decisão e um caminho a seguir, faz-se mister que ocorra uma abertura, que é “uma condição de liberdade humana que proporciona uma amplitude de escolha” (Boss, 1983). Isso, porque “essa liberdade de escolher é tanto maior quanto mais ampla possível seja a abertura do DASEIN à percepção e compreensão da sua vivência no mundo” (Forghieri, 1991). Essa compreensão deve estar consentânea com a realidade e ser verdadeira, para que essa escolha não seja, simplesmente, algo ilusório. Liberdade de escolha está vinculada à noção de verdade, pois “somente pela abertura que o comportamento mantém, torna-se possível a conformidade da enunciação” (Heidegger, 1988). O fenomenólogo vai mais além, quando afirma:

“A verdade originária não tem sua morada original na proposição, mas na possibilidade intrínseca da abertura do comportamento. A abertura que mantém o comportamento, aquilo que torna possível a conformidade, funda-se na liberdade. A essência da verdade é a liberdade. A liberdade é a própria essência da verdade” (Heidegger, 1979).

Se a verdade está na possibilidade intrínseca da abertura do comportamento, ela vai residir na subjetividade de cada ser humano e na compreensão que se almeja que dela surja, na convivência com os seus semelhantes; essa verdade de cada um é relativa, pois, também, é advinda da compreensão da sua vivência (Heidegger, 1988).

Na compreensão das vivências está o caminho para chegar à verdade, embora não exista uma verdade absoluta, mas, possibilidades

que são confirmadas por cada um, na dependência da situação em que vive, pois ela é “a própria vida que a exprime, é a vida em ato” (Jolivet, 1961).

A realidade, para o ser humano, está vinculada à compreensão que ele tem de suas situações de vivência, dentro das dimensões do tempo do seu existir, dentro de uma perspectiva histórica, para que efetue a escolha, estruturada na abertura que ele concede ao seu Ser (Heidegger, 1979).

Segundo Heidegger, escolher é tomar decisões por si mesmo, em busca do seu Ser. Entretanto, o Ser, pode perder-se no “eles”, não “sendo si mesmo”, e, não “sendo si mesmo”, o homem é um entre outros, sendo arrebatado pelo arbítrio dos outros. Suas possibilidades de ser são dispostas pelos outros. Ao se entregar à ditadura dos outros (do “eles”, que é neutro, pois “priva o homem de sua responsabilidade” (Heidegger, 1988), instala-se a alienação do EU ou a impropriedade. Na alienação de si mesmo, o homem perde a sua essência, o domínio de si mesmo, perde a singularidade (“*EINGENLICHKEIT*”) e a sua responsabilidade (Heidegger, 1988).

Na impropriedade, o “DASEIN vive como os outros” (Heidegger, 1988). Submete-se a valores impostos, permanecendo em temor da opinião dos outros homens. Significa não viver por si, mas, como “eles” vivem.

Entretanto, essa escolha pode ser refeita, quando o próprio homem passa do impessoal (“eles”) para si mesmo, em sentido próprio - *A RECUPERAÇÃO DA ESCOLHA*” (Heidegger, 1988). Isso significa decidir-se por um poder-ser, a partir de si mesmo, possibilitando a si mesmo o próprio poder-ser ou seja: sair do “eles” para o “ser-si-mesmo”. O homem não traz o ser como posse, mas, como busca, estado de procura do que lhe é próprio. Cada DASEIN procura o SER que lhe é próprio. Na cotidianidade, o DASEIN pode apresentar-se como lugar

comum, como o vemos. A esse estado Heidegger denominou “aspecto ôntico”. Na condição de cotidianidade, encontra-se presente a estrutura da existencialidade. Como em “a priori, que, ao ser desvelado, denuncia o sentido ontológico do Ser” (Spanoudis,1987).

Na sua ontologia fundamental, Heidegger, portanto, não parte de conceitos, essências concretamente definidas, e, partindo do cotidiano, tenta aproximar-se dos problemas fundamentais do ser humano o DASEIN. Dessa maneira, “existencial ou ontológico” é aquilo que possibilita as várias maneiras de algo tornar-se manifesto, produzido, criado, sentido, e, as características ontológicas do “Ser-aí” são também chamadas de existenciálias, referindo-se ao exercício da existência do ser do homem, (por exemplo: compreensão, expressão) e, ôntico ou existenciário significa tudo o que é percebido ou conhecido de imediato” (Critelli,D.M.,1987) como, procuramos mostrar neste trabalho: os sentimentos manifestos de amor, raiva, compreensão,etc..

C - A TEMPORALIDADE

Uma das características ontológicas de Heidegger é a temporalidade. Ela constitui um fundamento existencial básico, como aponta o existencialista: “Esta constitui o sentido originário do existir” (Heidegger, 1988). Na etimologia latina, existir deriva do verbo existisse, sendo formada pela preposição “ex” = “fora de” e do verbo “sistere” = “colocar”, por. Em grego, corresponde a “ek” e “stasis”, formando o termo “EKSTASIS”, que designa a ocorrência de “sair de si mesmo” ou “transcender” (conforme coloca o psiquiatra argentino Seguin, em obra publicada em 1960). Existir e transcender têm sentido semântico semelhante, que é o de “atirar-se para fora”, “ultrapassar a situação imediata” ou seja: temporalizar.

A existência humana move-se nesse “continuum” de sair de si mesma, transcendendo a situação imediata, em direção a alguma coisa significativa para completar-se, totalizar-se, embora esse intento do ser humano se constitua numa utopia, pois, jamais poderá totalizar-se durante a sua vida, porque “o seu Ser total é Ser em relação à morte” (Heidegger, 1988).

No seu viver cotidiano, o viver tempo, para o homem, não se reduz a um sentido cronológico, marcado pelas dimensões clássicas de presente, passado e futuro, mas, como um fluxo contínuo a decorrer, em velocidade e intensidade variáveis. Essas duas características do tempo alteram-se, de acordo como se experienciam as situações: momentos de angústia, medo e preocupação decorrem lentamente, enquanto instantes vivenciados com sensações de alegria e bem-estar, transcorrem rapidamente. Essas alterações acontecem somente na situação de temporalizar, que, sem dúvida (enquanto algo que se deixa desvelar em cada ser) não vai interferir no tempo que dura (marcado invariavelmente por anos, meses, horas, dias, minutos e segundos), na sua elaboração imutável e cartesiana.

No ato de temporalizar, a extensibilidade do tempo caminha em direção ao passado (evidentemente, na evocação das experiências significativas, sejam elas boas ou más) e, rumo ao futuro, como possibilidades do prosseguimento da existência, do porvir, o que Heidegger colocou como uma das características do SER-AÍ (DASEIN): A PERSPECTIVA FUTURAL. Ora, na elaboração racional do tempo, ao estabelecer as suas dimensões, e, refletindo sobre cada uma delas, o homem busca, no seu “modus vivendi”, explicá-lo, planejá-lo, na tentativa de controle racional do mesmo (Stein, 1967).

No sentido fenomenológico, no seu DASEIN, o “existir implica, para o ser humano, em prosseguir em direção ao futuro, cuja abertura de possibilidades não se limita a uma projeção de passado; tal

prosseguimento implica, também, em correr o risco de se soltar na fluidez e imprevisibilidade do futuro, e, esse soltar-se só pode ser encontrado na vivência imediata” (Forghieri, 1988). Dessa maneira, o tempo, no enfoque hermenêutico-fenomenológico, é o “Ser-aí” do homem. Cada ser humano é seu tempo, uma vez que este surge como horizonte da compreensão do ser, pois, o “ser é temporal por sua essência, assim como existir consiste em exercer modos de TEMPORALIZAÇÃO” (Stein, 1988)

D - A ESPACIALIDADE

Uma outra característica ontológica-existencial do SER-AÍ é a “Espacialidade”. Essa noção ultrapassa a questão da mensuração das distâncias, bem diferente das ciências exatas, que, traz em si, a noção do espaço tridimensional. Em termos fenomenológicos, para Heidegger, tal noção está vinculada ao “sentir-se próximo ou afastado de algo ou de alguém” (Critelli, 1981). E, esse espacializar é pois, passível de expansividade, que ultrapassa os limites do corpo e do ambiente concreto. Cada ser, portanto, “pode dimensioná-lo, na medida da compreensão e do modo como se sente, em relação à sua vivência no mundo.” (Stein, 1967). Dessa maneira, é de se compreender que a amplitude do “espacializar” e do “temporalizar” estão articuladas, intimamente vinculadas, principalmente em relação à perspectiva futura do Ser, no que se refere à esperança dele, enquanto sujeito de realizar, ou, ao desânimo de não visualizar uma concreta possibilidade de superação das suas dificuldades em tal momento, em determinado local. (Forghieri, 1991).

O ser humano apresenta capacidade admirável, não só de expansividade (concernente ao seu espacializar), como de vivenciar o distanciamento e a proximidade dos outros seres, independente de estarem, ou não, presentes, pois, “orientando-se exclusivamente pelas

distâncias, enquanto intervalos medidos, encobre-se a espacialidade originária do ser-em” (Heidegger, 1988).

Dessa forma, “através do corpo, dos gestos e dos pensamentos, posso me aproximar ou me afastar dos outros, posso achar, ou não, o lugar no meu ambiente (Critelli, 1988). Portanto, ao “espacializar”, o ser humano procura, concretamente, situar-se no ambiente que o rodeia, vivenciando o seu DASEIN, ora, com amplitude, proximidade, ou, nos instantes em que ocorre um “afundamento nesse existir”, motivado pela ausência de sintonia ou percepção de afastamento” (Stein, 1967).

E - O FUNDAMENTO ORIGINÁRIO DO DISCURSO HUMANO

Na perspectiva fenomenológico-hermenêutica, quando se procura o fundamento da linguagem, originário do Discurso do ser humano, este, em sua abertura, mostra-se como um ser existente, ou seja: “que sai de si para receber o que não é si mesmo” (Almeida, 1995, & Steiner, 1981).

E, nesse processo, “accede à palavra e pensa o Ser, sendo a Linguagem Originária aquela que concede estrutura ao ser humano” (Heidegger, 1988). Como existente e como liberdade, esse “Ser-aí” abre-se às possibilidades do homem, imaginando-o, interpelando-o pelo que permanece oculto.

O ser humano, na sua procura à correspondência com o Ser, fundamenta a sua Linguagem Originária na “voz silenciosa do Ser” (Heidegger, 1988), sede e origem do Discurso, antecedendo, pois, à linguagem da comunicação, Essa palavra originária confere ao homem a possibilidade de acolher os seres, enquanto caráter existencial (Forghieri, 1991). Ao “ser-no-mundo”, o homem comunica-se na totalidade das palavras, expressando o seu discurso, e, ao dizer, ao “ser-coisa”, adquire a Linguagem Expressa, que surge do Discurso, sendo, portanto, uma resposta do DASEIN ao pensamento originário do Ser. Ora, se “o Ser se

mostra e se oculta nos seres” (Heidegger, 1988), o discurso (através de uma linguagem, que, por vezes pode ser distorcida, inautêntica), não só expressa o sentido, como pode desvirtuá-lo. O homem, na sua abertura de DASEIN, na sua possibilidade de poder falar, expressa-se de diferentes maneiras, em diferentes modalidades de linguagem, e, mostra no seu discurso a sua ligação com a Palavra Originária, que o filósofo denominou como “Casa do Ser” (Heidegger, 1979).

A comunicação, através da linguagem, torna manifesto o discurso do ser humano, que se refere às existenciárias do “ser-aí”, pois constituem a abertura que se dá na compreensão do mesmo.

Aqui, no sentido existencial, a compreensão adquire um importante significado, que diz respeito ao modo específico do homem, em sua capacidade e possibilidade de ser e de conhecer. E, essa possibilidade tem origem na forma especial de cuidado (SORGE), em relação ao mundo e da solícitude para com os seres (Heidegger, 1988 & Silva, 1991)

A compreensão pode assumir duas maneiras peculiares de ser: “poder-ser”, como abertura e “poder-ser”, como um projeto, “entendendo-se esse “poder-ser” como um DASEIN atirado ao mundo e encarado no seu universo de possibilidades” (Steiner,1981). A compreensão, como abertura, é existenciário próprio do ser do homem, e, como projeto, refere-se à maneira de apreensão do DASEIN (Silva, 1991). Portanto, ela diz respeito a essa abertura do “DA” (“Aí”) de um “poder-ser” do homem em questão, que, na sua temporalidade, ao ser arremessado ao mundo, necessita e deve ser apreendido, como esclarece Heidegger: “O caráter de projeto da compreensão constitui o “ser-no-mundo”, relativo à abertura do “Ser-aí” como aí de um “poder-ser” (Heidegger, 1983).

A compreensão é, também, referência à manifestação do DASEIN, como *ek-sistente*, pois, como tal, “ao perceber-se como ser que *ek-siste*, a manifestação é transparência e tem relação com o conhecimento de si, e ocorre quando o homem apreende, de modo compreensivo, a abertura

total do seu “ser-no-mundo” (ele próprio na possibilidade de poder-ser) e o “ser-com-os-outros” (Stein, 1988). A compreensão é fundamento existenciário da explicitação, que surge do DASEIN, a partir do entendimento do mundo, e ela vai aparecer nas formas expressivas do discurso.

Da explicitação e da compreensão emerge uma importante existenciária do DASEIN, que é o sentido, não devendo este ser considerado como simples atributo ou pano de fundo da realidade humana, nem aquilo que se situa entre o ser humano e o mundo, e, sim, como algo específico do homem, enquanto abertura como “ser-no-mundo” (Heidegger, 1988 & Silva, 1991). Quando o Ser se doa, através da sua abertura, ele, por ser palavra, atribui sentido, que, “ao desvelar-se, permite chegar ao significado último da existência” (Silva, 1991)

Nesse sentido, o instrumento disponível para se entender o ser humano é a linguagem, na qual o discurso se apresenta, sendo este, por conseguinte, fundamento existencial-ontológico do homem. A linguagem revela a articulação do compreendido, mediante, como já foi mencionado, a expressão e a explicitação. Na sua prerrogativa de falar, expressar-se, no seu *ek-sistir*, o Ser, em “sendo-com-os-outros”, tem essa necessidade básica de estabelecer comunicação e diálogo.

O “poder-falar” caminha, lado a lado, do “poder-ouvir”, mercê do diálogo que se estabelece, e, a partir daí, “é que pode acontecer o poder-compreender” (Steiner, 1981).

O diálogo está em correspondência direta com o dizer e com o ouvir, como explicita Heidegger: “O diálogo faz ouvir o eco do amor e das ações que foram e, assim, ele expressa a advertência do coração. O que é direto e entendido são uma só e mesma coisa. A resposta acolhedora, que forma a trama de um bom diálogo, faz refletir sobre aquilo que todo pensamento fiel, sempre, deve ter em mira” (Heidegger, 1983).

Ao mostrar-se no seu discurso, o homem fala, e a palavra deve ser contextualizada, pois, para se chegar até ela, torna-se necessário que se entenda o seu sentido. A palavra com significado - "*parole-parlante*" - desvela o discurso, enquanto a palavra do discurso vazio - "*parole-parlée*", ao invés de desocultá-lo, encobre, e, essa palavra com significado é o que vai proporcionar ao homem dizer e dizer-se" (Paschoal, 1985;& Heidegger 1978). Ao mostrar o que é, ao dizer-se através da palavra significativa, o ser humano torna claras as possibilidades de ouvir e de calar-se, pontos constitutivos do discurso. O homem ouve a si mesmo e ao "ser-com-os-outros", porque, "ao se dispor para o ouvir, mostra-se em sua abertura de DASEIN, ao ser-com-os-outros" (Heidegger, 1988). E, nesse enfoque metodológico, na relação: ouvir-compreender-dialogar, o ser vai proporcionar um escutar e um responder recíprocos pois, ao poder-ouvir, há a possibilidade de um ouvir solícito que transcende o ouvir natural e, supõe, sobretudo, compreensão (Steiner, 1981)

Pode acontecer que, nesse processo de "estar-com-o-outro", alguém não venha a ouvir com zelo, solícitude, perdendo-se em ouvir palavras e palavras, ocorrendo a dispersão, visto que o "ouvir verdadeiro" implica em compreensão, condição *sine qua non*.

Outra possibilidade existenciária do discurso, além de dizer e ouvir, é o calar-se. As palavras, enquanto meras palavras proferidas com prolixidade, ao invés de proporcionarem a compreensão do discurso, dificultam-na, tomando o sentido obscuro; o silêncio é importante, por dois motivos: impede a instalação do discurso vazio e permite a compreensão do DASEIN, uma vez que houve condições para um "poder-ouvir" autêntico (Heidegger, 1981 & Almeida, 1995)

O discurso humano (do "ser que fala") surge da palavra que representa o *Logos* (do grego: "dizer"), cujo fundamento essencial reside na ontologia do ser que existe. Esse *Logos* é "a palavra originária, que se

manifesta na linguagem” (Heidegger, 1981). Como já foi anteriormente colocado, o ser humano, no seu processo de “*ek-sistir*”, pode viver sem autenticidade, entregando-se ao arbítrio dos outros (“ELES”) e, entre os pontos marcantes dessa inautenticidade, localiza-se o discurso vazio. No domínio do “eles”, essa linguagem já não expressará o discurso do DASEIN da cotidianidade. Quando esse se perde na atitude passiva da entrega ao “eles”, a existência perde o seu vínculo com as raízes genuínas, desliga-se do mundo, dos outros e de si própria (Silva, 1991 & Heidegger 1981). Essa perda da referência do *Logos*, para o ser humano que mergulhou e se perdeu na realidade aparente do discurso vazio, além de ter interrompido a comunicação (no sentido de não atingir o discurso do outro) deixou-o perdido em si mesmo, já não conseguindo ouvir a voz do Ser. Nesse discurso vazio mudam-se os direcionamentos: o importante é falar (tagarelar-com-outro), sem estar preocupado em “ser-com-o-outro”. Perdeu-se o seu fundamento. E, vale ressaltar, esse tipo de discurso vai mais além, chegando ao terreno da linguagem escrita, na qual, ao ler, o ser humano não percebe que está diante de um discurso vazio e, na sua compreensão cotidiana, não percebe que está ante um discurso dessa natureza; vir ao público, ao ser favorecido pela publicidade, não se apropria da coisa, não assumindo nenhum compromisso com a autêntica compreensão (Silva, 1991 & Paschoal, 1985).

Como consequência de tudo isso, há um verdadeiro fechamento do Ser-Aí, que se esconde, uma vez que “está sem sua ligação originária de ser-no-mundo, ao ser-com-os-outros e, ao ser-si-mesmo” (Heidegger, 1988). Na perda passiva no “eles”, o “discurso vazio passou a assumir uma realidade que oculta o NADA, pois o Ser, nele submergiu” (Steiner, 1981).

O discurso vazio está articulado com a CURIOSIDADE - que, em termos fenomenológicos, limita-se à simples visão da coisa, sem se

preocupar com o fundamento originário do ser, procurando limitar-se à novidade- e, à AMBIGÜIDADE - fenômeno abrangente que envolve não só o mundo, mas, também, o “ser-com” e o próprio Ser-Aí, dando a impressão de que tudo é compreendido e expresso, desvinculando o Ser do real - pois, segundo Heidegger, “O discurso vazio, a curiosidade e a ambigüidade determinam um modo de ser do DASEIN - O DESCAIMENTO (Heidegger, 1988).

Esse “descaimento” não está ligado à noção semântica de “descer de um nível superior para um nível inferior”, mas significa perder-se no “ser-com-os-outros”, impelido, impulsionado pelo discurso vazio, pela curiosidade e pela ambigüidade, que irão determinar, inexoravelmente, a inautenticidade, condição já referida anteriormente. É uma possibilidade do Ser-Aí, como constitutiva dele próprio, e, nesse estado, o homem “está despojado das suas possibilidades e realiza apenas uma das possibilidades de Ser” (Paschoal, 1985 & Almeida, 1995).

Um outro existencial, próprio do DASEIN (revelando-o como modo de ser), é a angústia que constitui expressão do sentimento dele. Essa angústia “é o princípio de todos os outros sentimentos, a qual se vela sob a forma de cuidado e de solicitude” (Tapia, 1984). O mundo, como tal, “com seus mistérios que suscitam o medo, a sensação da agressão e da finitude” (Stein, 1988) faz com que o homem experimente a angústia, sendo (o mundo) encarado por ele, como algo ameaçador, como perigo a ser enfrentado e anulado, razão pela qual, a angústia, ao invadir o ser humano reduz o DASEIN a seu próprio “ser-no-mundo”, isolando-o em relação a si próprio (Tapia, 1984 & Almeida, 1994). No seu bojo, a angústia traz o sentimento de estranheza, cercando o homem com um clima de insegurança, diante da sua cotidianidade e, “por sua característica básica irá forçar a uma escolha pessoal entre a existência calcada no discurso verdadeiro, e a inautenticidade, em que irá

possivelmente, predominar o discurso vazio (Steiner, 1981, & Tapia, 1984).

F - LINGUAGEM - EXPRESSÃO DO DISCURSO

O Discurso é sempre uma revelação do sentido do ser e do existir do homem, que, enquanto ser, encontra-se no mundo, mas com os outros, partilhando com eles um ser em comum, que vai tornar a sua Linguagem possível, através da comunicação e da expressão.

Para o entendimento do Discurso torna-se essencial e imprescindível, que nos detenhamos e nos reportemos ao *Logos* (cuja raiz grega significa “dizer”) o qual é a palavra única que fala ao ser humano e nele desperta interrogação. Há uma vasta sinonímia para interpretar o *Logos*: “verbo”, “razão”, “necessidade de pensamento”. Essa palavra de amplos significados tem a mesma raiz grega de *LÉGUEIN*, que, também, traduz-se por “dizer”, “falar” e “entender”. E, entender “não seria outra coisa, senão a articulação do ser do dizer onde o DASEIN se manifesta” (Beaini, T. 1980).

O falar com sentido só irá expressar o Discurso do Ser, se estiver embasado no entendimento, e não na simples articulação de sons, que são meros constitutivos da Linguagem. O dizer irá mostrar o seu grande potencial, quando, aliado ao entender, e, aparece como um “deixar entendido, acolhe e reúne as coisas à frente do SER-ÁI” (Steiner, 1978). O *Logos* direciona o que se mostra e se apresenta ao ser humano. Irá revelar seu Ser no que é dito, quando a palavra, com todo seu potencial, em sua plenitude, é percebida e amplificada. Ele irá desocultar aquilo que é presente. Entretanto, esse desvelamento (expresso na palavra grega *ALÉTHEIA*), que irá mostrar o que estava oculto, “só se torna possível e presente a partir da compreensão do *Logos*, como palavra diretriz para pensar o Ser, o do DASEIN” (Stein, 1988).

Ao longo do tempo, perdeu-se a concepção grega, fundamentada em Heráclito, do verdadeiro sentido da Linguagem, que deixou de ser pensada a partir do *Logos* (enquanto desvela e interroga o Ser) passando a ser focado, sob a ótica de sons e significados (Heidegger, 1969).

A Linguagem representa o Discurso proferido, o falar com sentido, e, sendo a casa do Ser, o homem irá habitá-la. Linguagem e Discurso são inseparáveis, não podem ser desvinculados, pois, se o discurso revela o - Ser no homem que se manifesta, o modo constitutivo da sua essência, a Linguagem é derivada da pronúncia do Discurso (Paschoal, 1980). Como atingir a essência da Linguagem? Há a necessidade imperiosa de que o Ser acolha o silêncio, condição essencial para tal fim, pois, o silêncio, conjuntamente com o ouvir, constituem elementos importantes do Discurso. Portanto, o valor da Linguagem, por vezes, encontra-se menos nas palavras, do que no silêncio atencioso, rico de significação, no qual se permite que o Ser se mostre. A Linguagem Verdadeira é a que precede o falar, atenta ao Ser (Heidegger, 1979). Ela depende do Ser. Há o dizer silencioso do Ser, que, ao desocultar-se, mostra-se, torna presente o significado essencial do mundo. Esse dizer silencioso é a Linguagem Originária ("Ursprache") de onde deriva o falar humano.

Elementos importantes da constituição da Linguagem são o termo e a palavra. Enquanto o primeiro designa a sonoridade pura e a segunda leva à compreensão do que é pronunciado, à abertura, à ressonância da voz silenciosa do Ser que se interroga. É pela palavra plena de significado que o ser humano expressa o seu Discurso e vem a ser o que é. A Linguagem, para ganhar força e expressão, necessita estar ligada à Linguagem Originária, que, segundo o fenomenólogo é constituída de pensamento e poesia, pois, o pensamento diz o Ser e a poesia nomeia o sagrado (Heidegger, 1973) e, ambos, a seu modo, não utilizam termos e,

sim, palavras. O DASEIN é exposto ao jogo da Linguagem pela palavra e não, pelo simples ato de falar, e, a consciência deverá estar intencionada rumo à importância do significado. Há, por conseguinte, uma vinculação íntima entre Linguagem Originária e Discurso do DASEIN, pois, segundo Heidegger, chegar à experiência do Discurso, através da palavra, é permitir que essa atinja o homem em seu modo de Ser-Aí (Heidegger, 1977).

Assim, da experiência do Discurso, a palavra desabrocha, toma conta do homem, envolve-o, permitindo que ele possa dizer-se. Poder dizer-se é uma das possibilidades do DASEIN. É descobrir-se, desvelar-se. Há duas maneiras de dizer-se: na Linguagem Expressiva do Discurso (do pensamento) e na Linguagem Poética. Ambas são oriundas do desocultamento do Ser e referem à Palavra Originária (essencial do existir do ser humano). Entretanto, se a Linguagem do Pensamento, em movimentos de reflexão, volta-se ao passado, interroga-o, a Linguagem Poética experimenta o vôo rumo ao futuro, ao que poderá acontecer, e, há de se compreender que existe uma proximidade entre ambas, porque o Pensamento, em sua sobriedade, consegue poetizar, e, poetizado, torna-se pensante (Beaini, T., 1980; Heidegger, 1979)

Dessa forma, segundo a visão heideggeriana, mediante o Pensamento e a Poesia é que irá surgir a percepção da essência da Linguagem, o dizer essencial.

Como foi anteriormente explicitado, a Linguagem, sem sombra de dúvida, representa o traço de união entre o homem e o Ser que se manifesta. Ela é atributo essencial do homem, na medida em que este é o que é, porque fala. O ser humano, que possui o mundo como lugar das suas possibilidades, onde ele se manifesta, tem a Linguagem como algo que lhe pertence, algo que lhe endereça o Ser, mensagem esta que se manifesta pela palavra” (Beaini, T., 1980). E esta, que expressa o Discurso, ao estar intimamente vinculada à Palavra originária, defronta-se

com o mistério do Ser, põe-se à sua escuta para desocultar-se. A palavra caminha, dessa maneira, em direção ao homem, mostrando-se através do discurso. E este, mediante a escuta silenciosa do Ser, ilumina-se, e surge como palavra carregada de significados, a qual, no desvelamento do Ser, mostra o modo do DASEIN. Portanto, entende-se que, sem a Linguagem, não haveria a menor possibilidade de o homem manifestar-se, comunicar-se, pois, “onde a Linguagem não se instaura, como no ser da pedra, da planta e do animal, não há abertura do DASEIN” (Heidegger, 1972).

G - A INTERPRETAÇÃO HERMENÊUTICA

Como discorremos no Capítulo anterior, o homem busca a sua abertura, por meio da Linguagem, ao se manifestar. E, para se expressar, o ser humano recorre a símbolos, porque, por meio deles, que ora desvelam, ora ocultam, a Linguagem pode nomear os Seres e levar à percepção da ressonância da Palavra Originária. Esta, deve ser percebida e captada, uma vez que “ela é uma primeira ressonância silenciosa que nos faz tornar presente um pouco daquilo que a palavra tem de próprio” (Heidegger, 1977). A fenomenologia hermenêutica refere-se à possibilidade de expressão simbólica da Linguagem, à qual se vincula o problema do sentido que nela, às vezes, emerge, e, outras vezes, permanece oculto, visto que “sempre que o sentido se torna evidente, há um outro que fica oculto, latente, podendo manifestar-se através de um símbolo” (Beaini, T. 1980).

A Hermenêutica, na consideração da expressão da Linguagem por símbolos, remonta à palavra, na sua essência, que deve ser pensada em correspondência ao Ser, uma vez que ela é a sua morada. E, através dela, o homem se mostra como pessoa, rumo à experiência de “ser-com-os-outros”, como DASEIN, que é.

A percepção do significado de um símbolo torna necessário o entendimento da estrutura das manifestações do pensamento simbólico. E, uma das maneiras de se chegar ao simbólico, se constitui em interrogar a respeito do lugar, do "locus" da emergência dos símbolos, oriundos tanto da fenomenologia religiosa, como das imagens do sonho, ou das imagens provenientes da inspiração dos poetas (Heidegger, 1979; Steiner, 1978). Na Linguagem Sacra, os símbolos dizem respeito a aspectos ritualísticos e místicos, que expressam o céu e o poder; no terreno onírico, as imagens encerram um significado latente, subjacente ao manifesto; na imaginação poética, o simbólico surge como delineamento do oculto.

As imagens poéticas ultrapassam a representação mental dos seres no mundo. A poesia, assim, faz tornar evidente, através do simbólico, o aberto que se mostra no DASEIN manifesto (Heidegger, 1977). Eis a razão porque a Poesia é a essência da arte, uma vez que instaura a verdade e constitui a abertura do mundo, no qual o ser humano está atirado em seu processo histórico (D'Artigues, 1973; Ricoeur, S. 1978).

O DASEIN do ser humano, portanto, mostra-se na imagem poética, cuja Linguagem é carregada de símbolos.

Os símbolos ligam-se à compreensão, em direção à interpretação. A compreensão acontece em três importantes etapas. Em primeiro lugar, diz respeito à fenomenologia que procura apreender o significado *originário do simbólico que "dá-se por sua totalidade e já está instaurada na própria compreensão dele"* (Stein, 1979). Em segundo momento é considerado como a *Hermenêutica, propriamente dita, que tem, como finalidade, mostrar que o mundo tem possibilidade de se fazer presente, como desvelamento do Ser, e, que é atribuído ao ser humano o poder de conferir significado. No que se refere à terceira etapa, da compreensão, volta-se ao pensamento dirigido ao símbolo, que tem a ver com a*

Linguagem, na qual, como foi ressaltado anteriormente, expressa o encoberto, o velado, que, assim torna-se manifesto.

Para Heidegger, a Poesia é a única e verdadeira Linguagem, quando afirma: “A Poesia não é mais do que um modo do delineamento da verdade” (Heidegger, 1979).

Certamente, para o fenomenólogo, a poesia é a anunciadora do sentido, ao mostrar o seu poder de comunicação. Ao usar símbolos, o poeta percebe o que neles se oculta e, ao mesmo tempo, o que é desvelamento do Ser. No simbolismo da obra poética, mediante a interpretação, dá-se o desvelamento do sentido, fazendo surgir o DASEIN. Por isso, Heidegger pontua com muita clareza: “A Linguagem mesma é poesia no sentido essencial. Mas, porque a Linguagem é aquele acontecimento, no qual o Ser surge como DASEIN primeiramente para o homem, a poesia é o poema mais originário no sentido essencial”(Heidegger, 1980). Assim sendo, em sua essência, Linguagem é Poesia que faz surgir o ser humano como Ser, que é nomeado através dos símbolos, que lhe abre o acesso à palavra e ao desvelamento (Beaini, T. 1980).

E, a que se refere a Hermenêutica? Ela diz respeito à interpretação do sentido das palavras, está ligada, por definição, à interpretação de textos bíblicos e à arte de interpretar leis.

Entretanto, na abordagem heideggeriana, a hermenêutica é tomada num sentido mais amplo do que teoria e metodologia de um gênero de interpretação.

Ela é orientada, firmemente, para o significado do Discurso através da Linguagem, que “em seu processo de abertura, procura palavras e símbolos para se manifestar” (Merleau Ponty, 1974).

No enfoque de Heidegger, o próprio *Logos*, na fenomenologia de DASEIN, tem caráter hermenêutico, - porque nele apreende-se a genuína compreensão do significado do Ser, razão pela qual ele firma

categoricamente: “A fenomenologia do DASEIN é hermenêutica na significação originária da palavra, segundo a qual especifica a questão da interpretação” (Heidegger, 1988). Por outro lado, não se pode olvidar que, por seus princípios básicos, a hermenêutica heideggeriana exige que se faça a interpretação, norteadada pela descrição do fenômeno experienciado, longe de modelos hipotéticos e teorias explicativas, ou seja: o importante é a experiência do fenômeno em si (Beani, T., 1980 & Paschoal, 1985). Ela, portanto, está ligada à explicitação do sentido do Ser cujo desocultamento se dá na sua condição de DASEIN.

Para haver interpretação é fundamental, essencial, que se chegue a compreender e se tente entender o “ser-aí-no-mundo”. Compreensão, em termos fenomenológicos, significa “compreensão peculiar ao ser humano, que consiste em um modo de ser” (Paschoal, 1985) E, o ser humano, possivelmente compreende, quando descreve, interroga e interpreta o mundo, servindo-se de símbolos.

A hermenêutica heideggeriana tem, como tarefa, elucidar o significado subjacente, pois, sempre que o ser humano fala, há algo para ser revelado, através da sua Linguagem, que representa o espaço em que, através da intersubjetividade, ele é um “ser-com-os-outros”, num processo constante de trocas. Linguagem essa que, em determinadas situações, presta-se também ao ocultamento do significado do Discurso (Stein, 1988).

Assim, por meio da interpretação hermenêutica, à luz de Heidegger, ocorre a possibilidade de se entender o ser humano, o significado da sua existência, pois, este, estando aberto ao diálogo, tem a oportunidade de se dizer. E, é sumamente importante que a interpretação hermenêutica vá além de aspectos parciais do Discurso, em busca da mensagem total deste, embora se saiba que “o que o homem diz pode ser captado, através de olhares por prismas diferentes, havendo, por

consequente, significados diversos ligados a diferentes interpretações (Ricoeur, P. 1978).

Portanto, a interpretação hermenêutica, ao ultrapassar o que é manifesto na riqueza dos significados do que foi dito, procura o expressar-se da palavra, e, mais do que isso, estar sempre na investigação e busca incessante da compreensão do Ser, a fim de que, através dela, possa desvelar o homem.

Concluindo esse Capítulo, é importante ressaltar a interpretação hermenêutica, como um meio de se chegar ao significado do que surge na Linguagem expressiva do homem existente, concorrendo para a restauração da dignidade humana, instaurando um clima de verdadeiro humanismo, como o próprio Heidegger frisou com veemência: “Como humanismo, compreende-se o esforço para que o homem se tome livre para a sua humanidade e nela encontre a sua dignidade” (Heidegger, 1979). E, esse clima de humanismo tem origem a partir do surgimento da compreensão das pessoas que “estão-aí”, no seu cotidiano, trocando relações carregadas de significados de alta importância.

- Nos Anexos (Anexo III) encontram-se NOTAS EXPLICATIVAS sobre termos da Fenomenologia Heideggeriana para melhor compreensão dos textos e da DASEINANÁLISE.

CAPÍTULO III

A DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA - HEIDEGGERIANA (DASEINANÁLISE) APLICADA AO ESTUDO DE JOVENS GRÁVIDAS.

A - DISCURSO E SIGNIFICADO DA EXISTÊNCIA PARA A JOVEM GRÁVIDA: A IMPORTÂNCIA DO SEU ENTENDIMENTO.

Para se atingir o importante e essencial significado da existência para a jovem grávida, um esforço deve ser empreendido no sentido da apreensão do seu Discurso. E, em se considerando quem trabalha com elas, é condição "*SINE QUA NON*", num processo de intersubjetividade, estreitar os laços do entendimento, "ser-com-elas", na verdadeira acepção fenomenológica. Pois, assim procedendo, estabelece-se a condição para percebê-las na sua realidade concreta de DASEIN.

O Ser-Aí, quando localizado no mundo, na sua missão de Ser, é principalmente subjetivo, não no sentido de ser ele mesmo isolado na realidade em que vive, no seu mundo, mas, ao entrar na relação de diálogo, "sendo-com-outro", promove e estabelece, através da fala, a intersubjetividade, desvelando-se nos seres (Forghieri, 1984 & Silva, T., 1991).

O seu discurso ("*LOGOS*") torna-se evidente e expresso, pelo instrumento da Linguagem, que na sua origem, não é simplesmente a Palavra Humana, pois o ser humano só fala, porque ela já se faz presente na Linguagem Originária, que é a Linguagem da interpelação do Ser nos Seres, como ressalta Heidegger: "O DASEIN interroga as possibilidades de Ser, veladas no Ser, é a voz do Ser nos Seres" (Heidegger, 1988). Então, nela dá-se o acolhimento dos Seres, e, mediante essa Linguagem Originária, o homem torna-se humano, porque tem o seu próprio Ser no ato de falar. Cabe, por conseguinte, ao DASEIN, que "o Ser se mostre na Linguagem que é constitutiva do ser humano, e não pode ser reduzida a outros aspectos como: explicar, procurar ordenar" (Stein, 1984). Portanto, na raiz da Linguagem humana, está a Linguagem Originária e, no caso em estudo (A Jovem Grávida),

representa esse Ser que se mostra e se oculta nos seres e provoca o seu existir-aí-no-mundo.

Assim, o Discurso, expresso na sua palavra, deixa-se dizer, como se fora a ressonância da voz silenciosa do Ser (A Jovem Grávida que efetivamente existe, porque fala e se manifesta). E, a jovem grávida, manifesta-se pelo seu pensamento que a conduz à Linguagem e, procura a palavra, na qual o seu Ser se desvela, daí o fenomenólogo afirmar: “O pensamento consoma o Ser à essência do homem. Ele não constitui, nem apenas a manifesta ao Ser, como aquilo que lhe foi confiado pelo Ser. Esta entrega consiste em que, no pensamento, o Ser vem à Linguagem. A Linguagem é a casa do Ser. Em sua morada o homem habita” (Heidegger, 1979).

Dessa maneira, a jovem grávida existe no seu discurso, pleno de significados, porque deixa-se dizer, pois o seu pensamento a ele se atrela, ou mais do que isso: compromete-se com a verdade do Ser, porque “O Pensamento é o compromisso pela verdade do Ser e com ela” (Heidegger, 1979). Neste estudo, que é um caminhar desafiador, na ânsia de perceber a existencialidade das jovens grávidas, mediante o seu Discurso, assume grande importância a consciência do pesquisador, no que concerne ao sentido da Linguagem dessas jovens. E, essa Linguagem não deve ser encarada nem como simples expressão da comunicação, nem como manifestação fonológica, mas, com um caráter mais abrangente, em seu significado essencial, pois “A Linguagem é a origem, que ilumina e oculta, vinda do próprio Ser” (Heidegger, 1979).

Dessa maneira, na sua experiência de gravidez, revelando percepções e sentimentos, jovens grávidas devem ser abordadas, necessariamente, como sendo “Seres-com-os-outros”, como constitutivos essenciais do seu DASEIN, sendo a intersubjetividade, uma das suas características essenciais. Esse “ser-aí-com-os-outros” implica em entendê-lo de maneira existencial, isto é, interpretando cada ser humano

partilhando, co-participando do mundo com os outros.

Ora, se o mundo do ser humano é o mundo do “ser-com”, torna-se necessário e patente que as relações sejam recíprocas, em especial, dos que “tratam” de jovens grávidas: os profissionais que integram as denominadas “equipes de saúde”, para que, de maneira efetiva, estabeleça-se a intersubjetividade, e todos cresçam no inter-relacionamento desejado.

Nessa intersubjetividade, o DASEIN caminha de encontro ao “ser-ai-no-mundo”, de maneira preocupada ou solícita. É na solicitude para com elas, que o potencial humano dessas jovens irá desabrochar, sendo a verdadeira solicitude “determinação e constitutivo do DASEIN” (Heidegger, 1984). O profissional de saúde, que não se deixa envolver numa atitude solícita para com jovens grávidas, além de não ter entendimento delas como ser-existente, nem tentar a co-existência verdadeira, evidentemente, vai situar-se num modo deficiente de “ser-com”. E, essa maneira deficiente de “ser-com”, tende a se manifestar em estudos propostos, nos modos de: “ser-contra-o-outro”, “ser-ignorando-o-outro”, “ser indiferente-para-com-o-outro” “na dependência do desvelamento dos sentimentos e das percepções” (Steiner, 1978)

É no cotidiano, que vamos verificar esse estado de deficiência do “ser-com” (Stein, 1984), bloqueando o relacionamento intersubjetivo, não ao “ser-com”-as jovens grávidas, num movimento de conhecimento do pesquisador, e de desvelamento de um para com o outro, sem intenção de “projetar o próprio de si mesmo no Ser do outro, o que caracteriza um modo inautêntico de ser” (Heidegger, 1988) e, conseqüentemente, “abrindo a oportunidade à ditadura de um ser sobre o outro” (Silva, T., 1991)

Voltar-se para o genuíno significado essencial dessas jovens grávidas, numa atitude de envolvimento e reflexão, num “compreender fenomenológico”, abordando realidades concretas de vida, é um meio de

se obterem condições de perceber o essencial do DASEIN que elas representam.

B - AS DESCRIÇÕES

No método fenomenológico, é importante e básico, a investigação ir de encontro “às coisas mesmas”. Como pesquisa qualitativa, buscar uma compreensão particular daquilo que estuda, no caso, a experiência vivida de jovens grávidas no momento da sua temporalidade existencial, denominada gravidez. A busca do significado dessa vivência, descoberto a partir do cotidiano dessas jovens, é o elemento norteador dessa pesquisa. Não há a preocupação com as leis, generalizações, teorias e princípios, uma vez que o foco da atenção é centrado no individual, no peculiar, em consonância com o desejo de compreender os fenômenos estudados. Não ocorre a tentativa de explicá-los, “através de correlações estatísticas, quantificações de fatores, ou por probabilidades, que venham indicar se tais correlações ocorrem ou não ao acaso” (Martins, J. & Bicudo, V. 1989).

Os fenômenos não se apresentam, como algo concreto, que salta aos olhos; mas, num movimento alternado de ocultação e desvelamento, daí, a importância que assume a Fenomenologia, como um método de acesso ao oculto, ao que ainda não foi descoberto.

Como já foi mencionado no Capítulo II a Fenomenologia teve origem a partir de investigações no campo da Psicologia, principalmente ao se tentar estudar fenômenos, não passíveis de serem abordados e examinados quantitativamente tais como: medo - amor - tristeza - raiva, os quais apresentam dimensões pessoais, carregados de altos significados. E, eles, no mais das vezes, podem estar ocultos pelas particularidades do cotidiano; a Fenomenologia, aqui, surge como um caminho para permitir que os fenômenos se mostrem a si mesmos, nos

seus componentes essenciais, através do importante instrumento da descrição.

A Descrição, no caso, das vivências de jovens grávidas, no seu cotidiano, é utilizada, para que ela cumpra a sua função de auxiliar a desocultar o que não está claro num primeiro momento, uma vez que vivências de jovens grávidas estudadas, expressam-se como casos concretos dos fenômenos investigados (sentimentos de raiva, identificação; percepção de preconceitos e rejeição, no nosso estudo).

O objeto da investigação são as descrições dos sujeitos-jovens grávidas-trabalhando, por meio delas, a essência do fenômeno individual. Assim, o objetivo foi o de buscar a essência (ou a estrutura) dos fenômenos experienciados pelas jovens grávidas, incluídas no presente estudo, essência esta que deve, necessariamente, se mostrar nas descrições. Nelas residem a essência do que se procura conhecer, advinda do sujeito. Em outras palavras: os sujeitos (as grávidas enfocadas) descrevem as suas experiências, são situados, contextualizados, expressam as suas vivências, com seus significados, oriundos do real, do concreto.

Como pesquisador, ao proceder às descrições dos relatos de vida, obtidas por meio de entrevistas e relatos verbais, tomamos o cuidado de tentar excluir aspectos, que não surgissem na experiência concreta dessas jovens, como conhecimentos pré-contextualizados, preconceitos, teorias e “conhecimentos científicos”, para que, houvesse maiores possibilidades de apreender os fenômenos como se apresentavam. Dessa maneira, quando dizemos que estamos interessados na gama de fenômenos, originários das experiências concretas de jovens grávidas (sentimentos e percepções diversas), os colocamos em suspensão, evitando encaixá-los em referenciais preestabelecidos, ou seja: praticando a “redução fenomenológica”, concentrando-nos nos aspectos constitutivos dos fenômenos em si.

Ao assumir, portanto, um modo fenomenológico de conduzir o trabalho, tornou-se necessário que, enquanto pesquisador, nós nos empenhássemos em uma tentativa de procurar “reavivar, tematizar e compreender eideticamente os fenômenos da vida cotidiana, que são vividos, experienciados e conscientemente percebidos” (Martins, J. & Bicudo, V., 1989).

“Reavivar o fenômeno” refere-se a fazer reviver, olhar o objeto a ser examinado, de maneira inteligível e torná-lo possível de ser experienciado. Ao procurar tematizar, a finalidade foi o de estudar, de maneira sistematizada, o tema, a idéia ou o assunto sobre o qual se vai discorrer. Compreender é ver o modo peculiar de algo existir, tomando o objeto na sua intenção total. E, procurar compreender eideticamente (do grego: “eidos”= essência), é referir-se à essência dos fenômenos.

Assim, quando se assume o papel de tematizar e compreender eideticamente um fenômeno, isso implica em tomá-lo seriamente diante dos olhos, estudá-lo de maneira ordenada para “compreendê-lo na sua intenção total, na sua essência, e, não apenas na sua representação” (Martins, J. & Bicudo, V.; 1989)

Com a finalidade de analisar as descrições advindas de relatos verbais, entrevistas, percorremos algumas etapas, de acordo com o método fenomenológico, as quais passamos a descrever.

C - DESCRIÇÃO I - OS RELATOS INGÊNUOS

Nessa primeira fase, procuramos nos colocar no lugar das jovens grávidas, tentando vivenciar as suas experiências, de modo a não agir como mero espectador mas, sendo alguém que, numa imersão empática no mundo das descrições, tivesse a possibilidade de chegar aos significados atribuídos vivencialmente. Assim, o ponto de partida, nesse estudo, foi o registro das entrevistas e dos relatos verbais.

Para fins de tratamento de dados, denominamos essa fase de RELATOS INGÊNUOS ou “descrições individuais ingênuas” (Martins, J. & Bicudo, V.; 1989).

Terminada a etapa das entrevistas e de relatos verbais que eram gravados, procedemos à anotação de tudo quanto fosse possível, com a finalidade de ser o mais fiel possível às descrições. Entretanto, sempre tivemos consciência de que ocorreriam possíveis distorções, sejam em função da nossa condição de observador (na lembrança do que descreve, ou a transcrição da sua experiência vivida naquele momento), sejam da jovem observada (na própria seleção do que evocou e expressou verbalmente).

Certamente, nessa experiência intersubjetiva, na relação pesquisador-pesquisado, a “verdade” considerada, diante das dificuldades da transmissão e escrita de todos os discursos e gestos, é a que foi evocada, selecionada e transmitida pelas jovens grávidas e o que foi observado, sentido, lembrado e descrito por nós, enquanto pesquisador. Um recurso auxiliar foi usado, para minimizar as distorções: o gravador, com a anuência das entrevistadas, para melhor registro dos seus relatos.

Todavia, para encontrar receptividade nessas jovens, por várias vezes, procuramos esclarecer as nossas intenções, na qualidade de pesquisador, tais como: conhecer a realidade vivida, seus sentimentos, para ajudá-las à compreender o momento existencial, o significado da maternidade, e, ao lado disso, fornecer elementos a profissionais de saúde para melhorar as suas condições para abordagem de jovens grávidas.

Esse esclarecimento foi muito importante, facilitando que elas falassem à vontade, descontraindo-as (porque a situação de entrevistas é sempre nova, ameaçadora), e, algo que poderia parecer ser trivial ao pesquisador, para elas poderia ter um significado simbólico, de alta

relevância e importância.

A espontaneidade, a naturalidade, e, sobretudo, a paciência, foram fatores essenciais para afastar constrangimentos e estabelecer uma relação intersubjetiva sem barreiras, (procurando saber ouvir e falar), para caminhar em direção aos objetivos do trabalho.

D - DESCRIÇÃO II - AS UNIDADES DE SIGNIFICADO

Ao término da primeira etapa - Descrição dos Relatos Ingênuos - caminhamos em direção a apontar itens emergentes desses relatos, num trabalho de reflexão, em busca de uma clareza da descrição, para compreender os fenômenos, tentando marcar, ou por em manifesto, em evidência os significados da primeira descrição. Em assim procedendo, procuramos avançar com o intuito de obter as “UNIDADES DE SIGNIFICADO”, que é uma parte da descrição cujas frases se relacionam uma com as outras, indicando momentos distinguíveis na totalidade da descrição de cada caso (ANÁLISE IDEOGRÁFICA), “excluindo o supérfluo atrelado ao relato ingênuo “(Martins, J. & Bicudo, V.; 1989)

Esse momento - DESCRIÇÃO II - caracterizado pela obtenção das “UNIDADES DE SIGNIFICADO”, extraídas de cada entrevista, foi colocado como um caminhar paulatino, em direção à clareza e compreensão dos fenômenos que emergiam dos Discursos.

Optamos por fazer uma re-descrição de cada caso estudado (análise ideográfica), a partir do reconhecimento de aspectos comuns das Unidades de Significado, com fundamento na reflexão de cada entrevista e relato, de cada uma das jovens grávidas do estudo, para obter uma visão de conjunto. Dessa maneira, empreendemos um movimento em direção à análise nomotética, o que significa: “um movimento em direção à generalidade” (Martins, J. & Bicudo, V.; 1989).

O agrupamento dessas Unidades de Significado, de diferentes Discursos, em seus constituintes, teve como finalidade, chegar a uma análise da estrutura do fenômeno, que, “em última análise, são as discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos (no caso, das jovens grávidas), quando o pesquisador assume uma atitude de compreensão psicológica, na procura da compreensão das experiências dos sujeitos” (Martins, J. & Bicudo, V.; 1989).

As “Unidades de Significado” foram reagrupadas em Categorias e Sub- categorias. É importante colocar que “não há uma teoria definida, nem critérios preestabelecidos para se separarem as categorias, uma vez que se trata de agrupar as proposições com algo em comum, a partir do que o pesquisador, na sua relação interpessoal, chegou a refletir” (Martins, J. & Bicudo, V.; 1989).

Assim, a partir do que apreendemos do contato com as jovens grávidas do presente estudo, numa atitude de reflexão, englobamos proposições com algo em comum, no que eram concernentes a um mesmo sentimento ou percepção, experienciado pelas integrantes da nossa pesquisa.

As Categorias, por conseguinte não foram estabelecidas, *a priori*, elas denominam aspectos comuns da experiência das grávidas em estudo, que foram percebidos no processo do relacionamento intersubjetivo, e que, aos poucos, foram sendo desvelados.

E - ANÁLISE

Após os itens do segundo momento (Descrição II), em que as unidades significativas foram agrupadas de acordo com os pontos em comum, tentamos uma maneira de reescrever os “relatos ingênuos”, advindos da linguagem do senso-comum das jovens grávidas.

Com base na reflexão dos fatos narrados inicialmente, ao

adotarmos uma linguagem numa nova perspectiva, a psicológica, com vistas à apreensão dos fenômenos, procuramos, nesse momento, esclarecer novos contextos, considerando, sempre, que há uma relação entre os fenômenos que se mostram e os sujeitos (as jovens grávidas) que os experienciam.

À medida em que os fatos foram sendo melhor esclarecidos, com fundamento nos relatos verbais, os quais manifestavam aspectos centrais da vida das jovens grávidas, caminhamos num esforço de busca do real, no sentido de, como pesquisador, entender e apreender o fenômeno, com vistas à apropriação dele.

Nesse momento, enquanto pesquisador que iniciou o seu trabalho interrogando os fenômenos (por exemplo: sentimento de medo, raiva; percepção de mãe revoltada, pai rejeitador, etc), antes de ter definições ou teorias sobre eles, ao respeitar as dúvidas existentes sobre os mesmos, principiamos um ato de caminhar, lenta e cuidadosamente, numa situação de pesquisa, constituída pelos próprios sujeitos investigados (as jovens grávidas), de maneira a permitir que eles trouxessem à luz, nos seus discursos, o sentido conscientemente percebido.

Ao colocar a perspectiva psicológica na análise, tivemos que, numa relação de intersubjetividade com as grávidas do estudo, tentar eliminar idealizações, generalizações e juízos explícitos, para nos colocarmos no horizonte aberto das experiências vividas, numa atitude de familiaridade e espontaneidade, no sentido de trabalharmos aspectos que se destacavam no nosso campo de percepção. Necessário se fez, como já foi ressaltado, um exercício de reflexão e de imaginação. Imaginação “que gera a possibilidade dos significados, que são de uma ordem especial e se caracterizam por dar origem a uma forma de sentir o fenômeno diante dos olhos, e se caminhar na direção do significado articulado” (Martins, J. & Bicudo.V.; 1989).

Assim, ao procurar entender o sentido do todo (seria a capacidade de entender a linguagem do sujeito), após leituras seguidas das descrições e das discriminações das Unidades de Significado (percebidas nas descrições das jovens grávidas, numa atitude psicológica), conseguimos chegar ao momento das análises, cuja intenção residia em transmutar o texto original para uma linguagem psicológica.

Diante de Unidades de Significado diferentes, agrupamos em categorias diferentes, devido ao fato, de que, na qualidade de pesquisador, na descrição, percebemos mudanças psicologicamente sensíveis, de significados da situação para o sujeito (por exemplo: nos momentos em que os sentimentos, em relação ao pai, variavam de identificação à raiva, ao ódio).

Com base nesse tipo de exemplo, é de se crer que, em termos fenomenológicos, opera-se com a suposição de que a realidade psicológica não se apresenta à mão, mas que precisa ser percebida pelo pesquisador. Este, ao mesmo tempo que descobre, atribui significado àquilo que está descobrindo e vendo. Muitas vezes, somente à medida em que lê as descrições repetidas vezes, ocorre o “*insight*” psicológico, que é um fenômeno, não só de descoberta, como de criação, oriundo do contato mais íntimo com a descrição e, de procura de fidelidade a ela, surgindo como produto da intuição, resultado de uma excitação espontânea, que revela algo que estava oculto, velado.

O termo “*insight*” tem o significado de evidência, e diz respeito “àquilo que se doa à consciência, e é, no seu sentido mais elevado, um caso da razão” (Martins. J., & Bicudo, V.; 1989). Também pode ser entendido como aspectos ou alguns significados constituintes. E, o que é mais importante: estes significados constituintes, ou relações articuladas na estrutura psicológica individual, têm caráter de veracidade, não pertencem necessariamente apenas a uma realidade privada de um

sujeito, mas a de vários outros sujeitos; e, disso decorre, então, que uma estrutura psicológica individual pode, como um todo, pelo menos em princípio, pertencer a vários outros indivíduos, “necessitando o pesquisador determinar que aspectos das estruturas individuais manifestam uma verdade geral e quais não fazem “ (Martins, J. & Bicudo, V.; 1989).

F - AS INTERPRETAÇÕES

A finalidade das interpretações, após o enfoque psicológico, é tentar decifrar o significado oculto.

No trabalho de interpretação consideramos que cada sentimento, cada percepção das jovens grávidas, em relação aos atores sociais, que são elementos constituintes do seu mundo, tem um significado, ou uma rede de significados.

A finalidade da interpretação é a de buscar o significado dos modos de sentir e perceber da jovem grávida, nos diferentes contextos de significação e relacionamento, enquanto ser que ela representa.

Optamos, nesse trabalho, por uma perspectiva fenomenológica à luz de Heidegger, para procurar os significados que estariam ocultos, velados, no ser que existe, no DASEIN (Ser-Aí), cuja essência, é a sua existência.

A interpretação hermenêutica heideggeriana refere-se à explicitação do sentido do Ser que a jovem grávida representa, quando se dá o desvelamento no DASEIN. E, o enfoque hermenêutico-heideggeriano, ao visar interrogar o Ser, assim procede porque, no desvelamento, o Ser faz com que se mostre o DASEIN que é o *da* (Aí) de todos os demais seres.

Para haver interpretação, é essencial que se chegue a compreender e explicitar o “Ser-Aí-no-mundo” que as jovens grávidas representam. E a interpretação hermenêutica, no sentido de chegar à

explicitação do DASEIN dessa jovem, que ora se desvela e ora se oculta sob as palavras é de importância capital para o entendimento do significado do seu Discurso.

Cabe, portanto à interpretação hermenêutica, tornar claro através do que a Linguagem exprimiu, o que estava subjacente. Quando, ao falar, as jovens grávidas procuram dizer, e o que é dito tem uma riqueza de significados não manifestos de imediato, havendo a necessidade de ultrapassar o que é manifesto. Daí, a necessidade da interpretação hermenêutica, para facilitar o acesso que passamos a ter, como pesquisador, ao que elas dizem. Na busca da explicitação do oculto é que realmente surgirão condições de perceber como as jovens grávidas experienciam e que significados atribuem, tanto ao próprio existir, quanto ao dos outros seres. No seu modo de ser, na sua cotidianidade, por meio do Discurso, elas vão tornar claro, manifesto, suas aspirações, inclusive, as que se referem ao mais essencial do seu DASEIN, cuja existência constitui a sua própria essência. A apreensão do Discurso das grávidas do estudo, tomado expresso pela sua linguagem, é tarefa da interpretação hermenêutica, que é uma trilha a ser aberta, em busca da compreensão do que elas, através da Linguagem Verdadeira, mostrem a verdade do seu DASEIN, a sua condição de abertura.

O objetivo da interpretação hermenêutica é chegar à compreensão, mediante o desdobramento das possibilidades de ser que vão surgindo, numa "real fidelidade à compreensão" (Heidegger, 1988).

Para tentar realizar a interpretação hermenêutica, nessa pesquisa, empreendemos um esforço em direção ao conhecimento cada vez maior dos Seres que se mostram (as jovens grávidas) permitindo com que elas surgissem, para que percebêssemos o sentido que neles circulava, uma vez que toda interpretação refere-se à pessoa que a faz ,e, também, à situação concreta.

Temos claro que, para fazer essa interpretação, significou recorrer à experiência que nos possibilitou tentar conhecer o real. E, a experiência, que permite perceber aquilo que é, pertence à essência do ser humano, e cada ser humano vai adquiri-la por si próprio.

À medida que a nossa experiência crescia, junto com essas jovens grávidas, no exercício da vivência, fomos percebendo cada vez mais as nossas limitações e a marca das incertezas. Entretanto, na interpretação hermenêutica da Linguagem das jovens grávidas, o elemento norteador, qual seja: chegar à compreensão do seu discurso, permaneceu constante, para poder aceder ao significado daquilo que elas manifestavam, a fim de ter condições, quiçá, de orientá-las rumo ao genuíno sentido da sua existência, como DASEIN, que, “sendo-no-mundo-com-os-outros”, ao longo da sua temporalidade, projetar-se-ão em direção ao futuro.

CAPÍTULO IV

PROCEDIMIENTO

4.1 - A DESCRIÇÃO DAS JOVENS GRÁVIDAS E DO SEU MUNDO.

As grávidas do presente estudo, em número de seis, residem na periferia de Pindamonhangaba - cidade com população aproximada em torno de 100 mil habitantes, distante 150 quilômetros a leste da capital do Estado de S. Paulo - em distintos bairros, pertencentes a grupos sociais de baixa renda, com nível de escolaridade de primeiro grau variando a renda familiar de um a quatro salários mínimos. Todas são primigestas.

A seguir, apresentaremos alguns dados sobre o perfil da cada jovem, integrante dessa pesquisa qualitativa.

Primeira Jovem - M.S.G. Natural de Minas Gerais (Pouso Alegre), tem 15 anos de idade, com escolaridade correspondente à sexta série do primeiro grau, tem pais vivos e reside com a avó. A renda familiar é em torno de dois salários mínimos. Religião católica. Menarca aos 12,5 anos, teve a primeira relação sexual, com 14 anos de idade. Primeira consulta no pré-natal ocorreu quando se encontrava com 18 semanas de gestação.

Segunda Jovem - A.L.P. Natural do Espírito Santo (Cachoeiro do Itapemirim), tem 17 anos de idade, e cursou até a quinta série do primeiro grau. Pais vivos, separados. Reside com a mãe, a qual vive, em união consensual há 15 anos. Renda familiar de um salário mínimo. Religião católica. Menarca aos 12,5 anos e primeira relação sexual, aos 16 anos. Iniciou o pré-natal com 8 semanas de gestação.

Terceira Jovem - L.N.F. Natural de S. Paulo (Pindamonhangaba), tem 15,5 anos de idade, e estudou até a sétima série do primeiro grau. Pais vivos, separados, e reside com a mãe. Renda familiar de dois salários

mínimos. Religião católica. Menarca aos 13 anos. Iniciou atividade sexual aos 15 anos. Começou o pré-natal com 20 semanas de gestação.

Quarta Jovem - R.M.A. Natural de S.Paulo (Pindamonhangaba), tem 18 anos de idade, primeiro grau incompleto (estudou até à sétima série, sendo “obrigada a sair da escola por causa da gravidez”). Reside com os pais. Renda familiar de, aproximadamente, quatro salários mínimos. Religião evangélica. Menarca aos 13 anos. Início de atividade sexual aos 15 anos. Principiou o pré-natal com 15 semanas de gestação.

Quinta Jovem - R.M.A. Natural de S.Paulo (Pindamonhangaba). 17 anos de idade. Coursou até a sexta série do primeiro grau, saindo da escola “por causa da gravidez”. Reside com os pais. Renda familiar de três salários mínimos. Religião evangélica. Menarca aos 12,5 anos de idade e início de atividade sexual aos 15,5, anos. Começou o pré-natal com 12 semanas de gestação.

Sexta Jovem - T.J.G. Natural de S.Paulo (Guaratinguetá), 18 anos, está residindo com os tios em Pindamonhangaba, desde que ficou grávida. Coursou até a oitava série do primeiro grau, interrompendo os estudos “por causa do tio padre que me tirou do colégio e me mandou para fora da cidade, morar em Pinda”. Pais separados. Renda familiar de quatro salários mínimos. Religião católica. Menarca aos 13 anos e início de atividade sexual aos 16 anos. Começou o pré-natal com 18 semanas de gestação.

OBSERVAÇÃO - Nos anexos (Anexo 2) é apresentada, sucintamente a situação atual das seis jovens, abordadas nesse estudo.

A decisão de incluir esse anexo baseia-se em dois motivos de relevância, que passaremos a expor. O primeiro diz respeito à idéia de mostrarmos a continuidade de um trabalho prospectivo (note-se que as entrevistas e os relatos de vida foram realizados em 1993, e a descrição da atual situação de vida das jovens grávidas refere-se ao ano de 1996). O segundo, para destacar que, o esforço de uma equipe tão pequena, com poucos recursos materiais mas, munida de muito esforço e amor a uma causa, consegue fazer um trabalho edificante, a nosso ver, com bons resultados, o que nos leva a crer que o enfoque às jovens grávidas, dentro de um outro paradigma, pode se tornar realidade.

4.2. - A COLETA DE DADOS

A coleta de dados, concernentes a essa pesquisa, com o intuito de entender o sentido da vida cotidiana das jovens em estudo, em especial, a sua experiência de gravidez, caminhou na procura real da sua concepção de mundo, de acordo com os seus sentimentos e percepções.

O nosso contato com elas ocorreu no Centro de Saúde Emílio Ribas, localizado na Região Central de Pindamonhangaba, o qual concentra, atualmente, a assistência à Saúde da Mulher e da Criança, como referência para a de Unidades Básicas de Saúde que se situam nos bairros da cidade. Nesse local funciona o Serviço de Pré-Natal para todas as adolescentes grávidas (jovens na idade de 12 a 20 anos incompletos), sejam elas residentes no centro ou na periferia do Município. Assim, existe um trabalho multiprofissional com essas grávidas, que envolve atuação de obstetra, de enfermeira, de assistente social, de psicóloga e de pediatra, equipe que trabalha há aproximadamente três anos, no local.

Como pediatra da referida equipe, tínhamos a função de trabalhar com as jovens realizando reuniões de grupo, diariamente, às 7:30 h, antes do início do trabalho do pré-natalista, e durante esse tempo, tivemos contato diário com as “adolescentes grávidas”, como eram denominadas. Nesse programa, em dias diferentes, realizávamos as seguintes discussões, numa linha reflexiva, com bastante abertura e diálogo, dos seguintes temas:

- 1 - “Aspectos da maternidade: o significado de ser mãe, e da criança”- Às segundas-feiras, sob nossa responsabilidade.
- 2 - “Modificações gravídicas. O desenvolvimento do feto”- Às terças-feiras, sob nossa responsabilidade.
- 3 - “Cuidados de enfermagem. Incentivo ao aleitamento materno”- Às quartas-feiras - Responsável: a enfermeira da equipe.
- 4 - “Aspectos psicológicos da gravidez. A participação da família”.- Às quintas-feiras - Responsável: a psicóloga da equipe.

Às sextas-feiras, sob nossa responsabilidade, dedicávamos o tempo disponível para orientações individuais, seja junto às jovens, junto a seus parceiros ou com membros da família. É importante ressaltar que, como elemento-centro dessa equipe, sempre, diariamente colocávamos-nos à disposição dessas pessoas, para as atenções de caráter individual, visto que, ao término da discussão dos temas, sempre havia alguma demanda para atendimento desse tipo. Diante do exposto, não é difícil entender o acesso, a facilidade de comunicação com as jovens que fizeram parte dessa pesquisa. O contato individual com as jovens, ao término da abordagem em grupo (que normalmente durava 40 minutos), foi muito importante, uma vez que, nesse contato, elas colocavam as suas situações concretas de vida para alguém (no caso, a nossa pessoa) disposto a ouvi-las.

Estabeleceu-se, assim, um ambiente de confiança, que possibilitou um inter-relacionamento, condição essencial para que o trabalho tivesse

prosseguimento. Assim, escolhemos, para realizar a nossa Pesquisa, as entrevistas e a gravação dos relatos de vida. Os critérios para a seleção das jovens grávidas fundamentavam-se em alguns dados, tais como: receptividade e boa vontade de cooperar com o nosso trabalho, facilidade de comunicação e diálogo, serem provenientes de diferentes famílias, possivelmente com diferentes contextos de vida.

Inicialmente, não tínhamos idéia do número total de participantes do nosso trabalho. Após entrevistarmos e gravarmos relatos de vida de dez jovens grávidas, constatamos que havia repetição do Discurso (coincidência de sentimentos e percepções) o que nos fez acreditar que, seis (entrevistas-relatos) satisfariam os objetivos do mesmo.

Rotineiramente, quando chegávamos à nossa residência, reuníamos tudo o quanto havia sido anotado, transcrevíamos a gravação, com o intuito de incluir no nosso relato, da maneira mais fiel possível, os detalhes percebidos, de relevante importância num trabalho dessa categoria.

4.3 - A APRESENTAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

As entrevistas e, principalmente, os relatos individuais das jovens grávidas, integrantes desse estudo, constituíram os dados desse estudo. Reportamo-nos, de início, às descrições ingênuas - Descrição I - onde, à luz das estruturas psicológicas individuais, procuramos reconhecer alguns aspectos que poderiam ser genuinamente comuns a todas as descrições, com vistas a facilitar as diversas etapas do tratamento dos dados obtidos. Dessa maneira, caminhamos na intenção de obter as UNIDADES DE SIGNIFICADO (Descrição II), momento esse da pesquisa em que agrupamos estruturas individuais convergentes, que apresentavam pontos em comuns. Descobrimos que, aspectos das descrições ingênuas, consideradas em determinado caso, existiam,

também, em outras descrições concernentes a situações experienciadas e vividas.

Essa decisão foi muito importante, no sentido de tentarmos apreender a estrutura geral do fenômeno. Portanto, na tentativa da generalidade, numa análise nomotética, empreendemos uma ação profundamente reflexiva sobre a estrutura psicológica, à luz de outras descrições buscando encontrar aspectos comuns.

Uma vez agrupadas as Unidades de Significado (Descrição II), partimos para as Análises e Interpretações (já explicadas no Capítulo III), para chegarmos à uma Síntese das Interpretações e à uma Síntese Geral, como detalhadas no final desse Capítulo.

4.4 - AS ENTREVISTAS E OS RELATOS VERBAIS

O roteiro inicial elaborado para a realização da entrevista sofreu várias alterações, após a constatação de que muitas das perguntas, originalmente contidas no nosso roteiro, poderiam resultar em respostas mais abrangentes, se fossem formuladas em forma de perguntas abertas. Concluimos que, a melhor forma de abordar a questão seria solicitar a cada jovem enfocada, que falasse sobre o contexto da sua gestação, sua vida, seu parceiro, seus pais, seus sentimentos, suas preocupações.

A partir daí, decidimos que, em situações em que os Discursos não revelassem questões decorrentes da gestação, iríamos inserindo outras indagações para esclarecer aspectos como: expectativas futuras em relação a si e à criança, as ansiedades, o tipo de ajuda necessária, que julgavam importante naquele momento existencial, por elas considerado tão difícil.

O recurso à gravação foi de alta relevância nesse trabalho. A partir do espontâneo consentimento, da naturalidade e do clima de cordialidade estabelecidos, além da consciência por elas adquirido da natureza do

estudo e da garantia do anonimato, esse instrumento representou um fator essencial para se atingissem os reais objetivos desse estudo.

A desinibição que observamos, possivelmente, foi motivada não só pelos diversos contatos com as jovens nas sessões de grupo, em que constituíamos presença familiar constante, mas, sobretudo, pelo reconhecimento do interesse de nossa parte, enquanto ser humano, interessado pela resolução dos problemas de cada uma, além da real necessidade que tinham de falar sobre um assunto de fundamental importância no contexto de suas existências: seus sentimentos e suas angústias.

Aqueles momentos de contato, em especial as gravações, representaram, muito possivelmente, uma oportunidade única para elas narrarem os seus problemas, as suas preocupações para alguém, que se mostrava disponível não só para ouvi-las, mas, para, conjuntamente estabelecer reflexões em conjunto.

Sentimos que havia concretizado o exercício do encontro e do envolvimento, plenos de significados para o crescimento e enriquecimento recíprocos.

As entrevistas e os relatos verbais das histórias de vida encontram-se anexados ao trabalho (Anexos I e II).

4.5 - AS CATEGORIAS - ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES

Nas Categorias e subcategorias foram agrupados fenômenos fundamentalmente semelhantes (identificação - amor) e fenômenos fundamentalmente diferentes (ódio - amor), de acordo com as suas essências. No caso, enquanto pesquisador, a nossa preocupação esteve voltada para a natureza dos grandes grupos de fenômenos (na nossa pesquisa: Sentimentos e Percepções) que guardam, no seu interior,

conteúdos específicos de fenômenos individuais, os quais igualmente mereciam uma análise.

Conforme foi explicitado em capítulos anteriores, na busca da essência (estrutura do fenômeno) foi dada uma ênfase na natureza descritiva do conteúdo do fenômeno, o que delimita o campo de nossa pesquisa.

Para se conseguir chegar às Categorias, foi necessário proceder a uma leitura cuidadosa das descrições, para dar início às análises e interpretações do que foi visto.

Ao fazermos um esforço para agrupar de aspectos comuns às descrições, conforme os ditames da pesquisa fenomenológica, adotamos as Categorias Gerais e as subcategorias que surgiram nos Discursos. Dessa maneira, os dados, “na maioria das vezes estão sujeitos a serem tratados, segundo a Análise Categorical, através da qual o conteúdo é agrupado de acordo com o sistema próprio do pesquisador, onde os seus tópicos já foram selecionados, com base no que o entrevistado tenha descrito, iniciando-se, então, um agrupamento categorial de resposta” (Martins, J. & Bicudo, V. 1984).

No nosso trabalho, ao lado desse “Agrupamento Categorical” e, consoante o método fenomenológico, iniciamos um esforço de interpretação, também como procedimento exegético, face à riqueza dos dados qualitativos, advindos dos aspectos descritivos dos mundo - vida das grávidas. É evidente que essa interpretação foi realizada, no sentido específico de engajar as descrições ingênuas, descobrindo seus significados psicológicos identificados.

É sumamente importante entender que, na constituição das Categorias, “não se deve perder de vista que o sujeito é o homem (no nosso caso, as jovens grávidas) e a sua visualização dos fatos, inerentes à experiência de mundo, diferentemente do caráter axiomático ou hipotético-dedutivo a que tendem as teorias físicas” (Martins, J. 1989)

Na nossa pesquisa ,os dados foram analisados e interpretados em duas Categorias Fundamentais: Sentimentos e Percepções, das quais derivaram subcategorias como poderá ser observado mais adiante .

É importante ressaltar que essa divisão teve apenas um propósito didático, uma vez que consideramos o homem como um ser uno, indivisível, existindo num processo dinâmico. Neste estudo, as jovens que tentamos compreender, descrever e interpretar um pouco da sua existencialidade, a partir do seu horizonte mais próximo: o cotidiano, revelam nos seus Discursos, momentos de sentimentos e percepções, conforme a sua circunstância, de uma maneira não uniforme, não linear.

Essa explicação se torna necessária e importante, porque, a partir dos referenciais de Heidegger, "deve-se descobrir o homem no seu modo indeterminado de ser, de se revelar, pois é, a partir dele, que todo existir é como é, e, numa atitude interrogativa de interpretação, abrir-se-ão espaços para possíveis e inesperados desvelamentos dos sentidos dos existenciais básicos" (Silva,A.T.,1991, Gomes, 1986).

OS SENTIMENTOS

Em relação a essa Categoria, em momento nenhum adotamos a conceituação da Psicologia Clássica, que coloca que "Todo fato psíquico pode ser composto de dois elementos: o intelectual e o afetivo, sendo o primeiro gnóstico, referente ao conhecimento de uma situação, e, o segundo, afetivo, que exprime os valores: são os sentimentos" (Garcia,J.A.;1973).

Reportamo-nos sempre aos referenciais de Heidegger, para quem, os sentimentos, afetos, há muito são rebaixados à condição de simples fenômenos psíquicos secundários, porque os sentimentos, entendidos como disposição afetiva, não são aspectos acidentais do homem,

representam “uma dimensão constitutiva do Ser que está-aí-no-mundo” (Heidegger, 1988).

São esses sentimentos que vão colocando os seres da nossa pesquisa (as jovens grávidas) perante o seu modo originário de captar e compreender o mundo que vai surgindo para elas, à luz de uma tonalidade afetiva, que se expressa no medo, na confiança, na esperança, etc.

Portanto, sob essa ótica, são os sentimentos que vão abrindo ao ser humano o seu “estar-lançado-no-mundo” e por ele se deixar tocar, tornando possível um **dirigir-se para**, desvelando, dessa maneira o universo do seu existir.

Tais fenômenos mostram evidentemente, o mundo vivido, e podem ser descritos e serem passíveis de compreensão, uma vez que “ao serem percebidos através dos sentidos, revelam alto significado, e, quando estão consolidados, representam a experimentação do maior grau de consciência das pessoas” (Viscott, D. S. 1982).

Portanto, ao colocarmos “Sentimentos” como uma grande Categoria, neste trabalho, empreendemos um esforço no sentido de pontuar que, no viver das jovens grávidas, eles refletem um pouco de suas histórias, e da perspectiva de mundo que residem no seu Ser.

Ao enveredarmos, num autêntico mergulho, no sentimento dessas jovens tentaremos viver o mundo concreto por elas experienciado, na procura incessante da verdade, embora lembrando que esses sentimentos possam, muitas vezes, ser disfarçados, negados, racionalizados, mas, um sentimento (raiva, rejeição, ódio, etc) só será verdadeiramente compreendido quando se tiver percorrido a sua trajetória natural (Viscott, D.S, 1982).

Nesta pesquisa, ao permitir que fluíssem naturalmente os sentimentos das grávidas, possivelmente, possibilitamos a oportunidade

que a elas faltava de perceberem que, também, podiam tornar-se mais realistas e mais autênticas na maneira de sentir o mundo.

Ao deixar, numa atitude de compreensão que esses sentimentos pudessem ser expressos e verbalizados, elas, na sua grande interrogação existencial, provavelmente puderam ter uma resposta inicial: “Eu sou o ser que está experienciando sentimentos e criando o meu mundo”.

AS PERCEPÇÕES

No conceito da Psicologia Clássica, a percepção “é um segundo fenômeno intelectual, que tem, por base, a sensação (que é um dado imediato, fornecido pelos nossos sentidos e registrado automaticamente no cérebro) e é o resultado de uma elaboração, de uma síntese mental, de uma construção da nossa consciência” (Fontoura, A. A., 1968).

É de capital importância, o conhecimento de que a percepção, propriamente dita, envolve, em termos de fenomenologia, “A tomada de significação: o sujeito compreende e nomeia o objeto, e, evidentemente essa significação, antecipada ou presente, é que comanda todo o processo perceptivo (Forghieri, Y. C., 1989).

Portanto, na interpretação do que “como algo lhe parece” (que é, em última análise, o perceber), as jovens grávidas, na sua interação com o mundo, na procura do significado da sua existência, por meio dessa busca, cria a si mesmo, na sua realidade de vida, pois, “aceitando-a ou rejeitando-a, transformando-a ou não, é um ser com liberdade para intervir na sua situação de existência, ao existir, ou seja: produzindo a sua própria consciência de si mesmo, uma vez que há relações estreitas entre a natureza de um ser e o mundo que ele percebe e as influências que ele sofre” (Ponty, M, 1984 & Olson, R.G., 1970). Por isso, é verdadeiro dizer que toda percepção é função da experiência, em que “o

meu corpo e os fenômenos estão rigorosamente ligados, e, a própria coisa nos é dada como vivida por nós, e, reconstruída enquanto é parte de um mundo” (Ponty, M, 1984).

Portanto, na nossa pesquisa, para conceituar essa Categoria fenomenologicamente, refutamos o conceito inicial, com base nos pressupostos da Psicologia Clássica, e, nos norteamos pelos referenciais do fenomenólogo Merleau-Ponty, seguidor de Heidegger, o qual, durante a sua vida acadêmica, trabalhou com a finalidade de desvelar a estrutura invariável da percepção, encarando-a como ponto principal do seu trabalho, por sentir a importância de tal fenômeno para o esclarecimento do sentido da verdade. Assim, procuramos analisar o ser humano, não como um feixe de relações causais que determina suas percepções diante do mundo, mas como aquele que detecta a existência da possível liberdade de ele atribuir significados, surgindo, ao lado da percepção a “consciência de”, consciência que é o cerne da existência, e que guarda consigo uma rede de intenções significativas.

A percepção, por conseguinte, dirige-se ao objeto, vai atingi-lo com significação, razão pela qual, a fenomenologia concebe a percepção como um “ato no qual essa significação se revela para si” (Merleau-Ponty, 1988). Ela, dessa maneira, é um estudo de abertura às coisas, que corresponde a uma tomada de posição, afetiva e prática, do sujeito vivo em face ao mundo, só podendo se dar numa relação intencional que se dirige ao mundo do “para si” e do “para-o-outro” (Martins, J e Bicudo, V. 1983 & Merleau-Ponty, 1988).

Dessa maneira, ao colocarmos essa Categoria - Percepções - no nosso trabalho, reafirmamos, tal como o fenomenólogo, que o “homem é ao mundo, e, consciência é uma consciência perceptiva, e, que a experiência da percepção remete os seres à presença do momento onde se constituem para eles as coisas e as verdades” (Merleau-Ponty, 1986).

Para nós, qualquer possibilidade de percepção (no sentido explicitado por Merleau-Ponty, por nós adotado) dá-se através do corpo intencional, ligado ao mundo do DASEIN, já colocado por Heidegger, e, que o apreende em meio a mudanças de perspectivas - apreensão do mundo, numa síntese de horizontes de tempo, tal como as jovens grávidas o percebem.

A seguir, apresentaremos as Categorias, com as respectivas subcategorias que foram encontradas nessa pesquisa qualitativa, iniciando, assim, as Análises e Interpretações, importantes fases do método fenomenológico, por nós adotado. Conforme relatamos na Coleta de Dados, os Discursos da Jovens Gravidas, que deram origem às Categorias, foram retirados de dois momentos distintos: entrevistas, e, principalmente, os relatos de vida (que foram gravados e transcritos).

CATEGORIAS

A - SENTIMENTOS

A -1 - SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À GRAVIDEZ

- A -1.1 - REJEIÇÃO AO CORPO
- A -1.2 - REJEIÇÃO À GRAVIDEZ
- A -1.3 - MEDO E INSEGURANÇA
- A -1.4 - VERGONHA

A -2 - SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À MÃE

- A - 2 - 2 - PIEDADE
- A - 2.2 - AMOR
- A - 2.3 - VERGONHA
- A - 2.4 - DECEPÇÃO
- A - 2.5 - FALTA
- A - 2.6 - RAIVA

A - 3 - SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À CRIANÇA.

- A - 3.1 - CONSCIENTIZAÇÃO DO SEU VALOR
- A - 3.2 - AMOR E ACEITAÇÃO
- A - 3.3 - REJEIÇÃO AO ABORTO

A - 4 - SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AO PAI

- A - 4.1 - IDENTIFICAÇÃO
- A - 4.2 - REJEIÇÃO
- A - 4.3 - REVOLTA E ÓDIO

A - 5 - SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AO PARCEIRO

A - 5.1 - SEGURANÇA

A - 5.2 - DECEPÇÃO

A - 5.3 - SUPERIORIDADE

A - 5.5 - REVOLTA

A - 5.6 - REJEIÇÃO

A - 6 - SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AOS IRMÃO/ AMIGOS

A - 6.1 - REVOLTA

A - 6.2 - DECEPÇÃO

A - 6.3 - RAIVA

A - 6.4 - VERGONHA

A - 7 - SENTIMENTOS EM RELAÇÃO A DEUS.

A - 7.1 - CONFIANÇA

A - 7.2 - MEDO

A - 7.3 - ESPERANÇA

B - PERCEPÇÕES DOS FATORES SOCIAIS ENVOLVIDOS

B - 1 - PERCEPÇÃO DO PARCEIRO

B - 1.1 - PAI SUBSTITUTO

B - 1.2 - OMISSO

B - 1.3 - REJEITADOR

B - 1.4 - AGRESSIVO

B - 1.5 - PROTETOR

B -2- PERCEPÇÃO DE SI MESMA (DELA ENQUANTO GRÁVIDA)

B - 2.1 - CRIANÇA

B - 2.2 - DONZELA

B - 2.3 - PROSTITUTA

B - 2.4 - FIGURA FORTE

B -3 - PERCEPÇÃO DO PAI

B - 3.1 - AGRESSIVO

B - 3.2 - INSENSÍVEL

B - 3.3 - CRUEL

B - 3.4 - REVOLTADO

B - 3.5 - COMPREENSIVO

B - 4 - PERCEPÇÃO DE DEUS

B - 4.1 - PUNITIVO

B - 4.2 - COMPREENSIVO

B - 4.3 - O SER DE ONDE PROVÉM AJUDA

B - 5 - PERCEPÇÃO DA MÃE

B - 5.1 - RAIVOSA

B - 5.2 - FRACA

B - 5.3 - SUBMISSA

B - 5.4 - INSEGURA

B - 5.5 - REVOLTADA

B - 6 - PERCEPÇÃO DOS IRMÃOS E/ AMIGOS

B - 6.1 - MANIFESTAÇÃO DE HIPOCRISIA

B - 6.2 - AGRESSIVOS

B - 6.3 - COM VERGONHA (VERGONHOSOS)

B - 6.4 - REJEITADORES

B - 6.5 - PRECONCEITUOSOS

C - PERCEPÇÃO DAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

C - 1 - IGREJA

C - 1.1 - REJEITADORA

C - 1.2 - APOIO

C - 2 - ESCOLA

C - 2.1 - REJEIÇÃO

SENTIMENTOS

A -1. SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À GRAVIDEZ

A -1.1. REJEIÇÃO AO CORPO

“Eu me sinto assim como uma pessoa de corpo diferente. Parece que tô inchada” (E2)

“A barriga crescia, eu me sentia grandona, desajeitada, até com inveja das outras meninas da minha idade.” (E1).

“Eu sinto que sou outra pessoa.” (E3)

“Eu vejo meu corpo crescendo, será que vou ficar feia com esse barrigão? (E4)

“Meu Deus, como a gente fica diferente com esse corpo se transformando, inchando, será que vou ficar normal? (E5)

“Eu estou me achando disforme, grandona.” (E6)

ANÁLISE

A rejeição ao corpo está relacionada com a transformação física e o temor de não voltar à normalidade, bem como à auto-repulsão. Dá-nos diversos depoimentos a preocupação com a alteração da imagem corporal.

INTERPRETAÇÃO

Os termos utilizados para indicar a transformação corporal são: “inchada”, “grandona”, “desajeitada”, “disforme”. Observa-se que são palavras que trazem no seu bojo o cunho depreciativo, de auto-desprezo, traduzindo verdadeira aversão à nova imagem corporal advinda do

fenômeno gravidez, suscitando até o sentimento de inveja em relação às jovens da mesma idade, que não estão grávidas. A atitude de espanto (“Meu Deus, como a gente fica diferente com esse corpo”) e o receio do retorno à normalidade (“será que vou ficar normal” - E5) revelam o drama íntimo das jovens, no seu relacionamento, de “ser com”, estar aí consigo mesmo, no que significa existir. Essa tentativa de compreender a si mesmo, diante de uma nova possibilidade, é uma possibilidade ontológica de “ser” da jovem grávida, sendo-lhe permitido não apenas compreender seu ser, seu “ser no mundo”, bem como a compreensão por ele realizada.

A -1.2 - REJEIÇÃO À GRAVIDEZ:

“Eu não queria ficar grávida. É uma barra pesada.” (E2)

“Fiquei chateada pois eu não queria ter filho, porque nossa vida tava muito ruim.” (E1)

“Eu não queria isso, pois sou criança pra ter essas coisas.” (E3)

“Eu posso falar pro senhor que eu não queria ficar grávida, ter que dar de cara com essa situação ruim.” (E4)

“Estar grávida, nessa situação a gente sem saber das coisas, é uma barra, não é brincadeira.” (E5)

ANÁLISE

As referências concernentes à rejeição à gravidez estão expressas no não querer, por ser uma situação difícil de enfrentar, e, pela condição de vida precária. Por outro lado, invoca-se à condição infantil para não rechaçar a gravidez, bem como o fato de não saber o que vai acontecer.

INTERPRETAÇÃO

Pontificam nesses discursos como pontos em comuns os sentimentos de negatividade, sendo essa sustentada pelo argumento, da condição de vida para o enfrentamento da nova situação de vida . Essa negação é reafirmada até com veemência quando, de uma maneira explícita coloca-se o “não conhecimento” do que está por vir, e, até o não assumir outro papel “por se encontrar criança”, ser este que não se vê em condições de assumir a responsabilidade materna..

A -1.3 - MEDO E INSEGURANÇA

“A gente se sente meio insegura, sabe? É o medo do futuro” (E2)

“Quando falo nesse assunto, eu fico até nervosa “ (E2)

“Eu tenho medo é da hora de nascer” (E1)

“Eu tenho medo do parto, da dor que é muita. Minha tia disse que eu vou ver o que é bom pra tosse” (E3)

“A minha irmã vive me fazendo medo. Que vão me amarrar, que vão mexer em mim, que vão cortar minha barriga.” (E3)

“Meu Deus do céu, com essas história de gravidez eu fico tão insegura e tão nervosa, a gente não sabe o que vai acontecer.” (E5)

“Nessa situação difícil eu me sinto muito insegura, com medo do parto da criança não nascer bem.” (E6)

ANÁLISE

Frente à nova situação de vida, o medo e a insegurança estão vinculados ao futuro, e, ao momento imediato que é o parto, associado à dor, colocada como motivos preponderantes do temor. Nota-se, aqui, a insegurança advinda da pressão familiar intencional de provocar o medo.

Ao lado disso, a preocupação com as condições de nascimento da criança representam fatores que reforçam esses sentimentos.

INTERPRETAÇÃO

Nessas falas, começam a emergir as questões de temporalidade. tempo imediato (“hora do nascer”) e tempo remoto (“medo do futuro”), e, tempo atual (“quando falo nesse assunto, eu fico até nervosa”, “meu Deus do céu, com essa história de gravidez, eu fico tão nervosa, insegura”).

Tempo: presente e futuro aqui se desvelam com significado importante, trazendo consigo, para a jovem, na sua inexorável condição de “ser consigo mesma” (estar grávida) e ser-com-os-outros as marcas indeléveis do temor e da insegurança.

A -1.4 - VERGONHA

“Hoje eu passo vergonha, as pessoas se afastam”. (E2)

“Morro de vergonha de sair na rua”. (E3)

“Nossa, as pessoas olham pra gente, eu fico com vergonha pensando que elas estão comentando”. (E4)

“Com esse estado, diferente das outras meninas, eu morro de vergonha, sei lá!” (E5)

ANÁLISE

A vergonha sentida pelos atores sociais envolvidos implica na idéia percebida de ser diferente dos iguais, expressando isso de maneira clara (“morro de vergonha”). Esse sentimento encontra-se, por outro lado a importância por eles concedida ao comentário. Diante disso, nota-se o

afastamento recíproco que se estabelece: de si mesmo em relação aos outros, e, destes em relação a elas.

INTERPRETAÇÃO

O “Ser-aí” da jovem grávida, entendido como ser que atua no mundo, mundo de relações, ante a situação emergente (a gravidez), no seu “ser com”, mostra uma quebra, uma dificuldade, que é expressa pelo “afastamento”, pelo “ser diferente”, o que, de uma maneira explícita, aponta para a força das ligações que oferecem significados.

A -2 - SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À MÃE

A -2.1 - PIEDADE

“Eu tenho pena da minha mãe que não reage ao meu pai”. (E1)

“A coitada da minha mãe começava a querer me livrar e apanhar também” (E1)

“Eu não tenho raiva. Tenho pena dela (da mãe). As mulheres são fracas porque querem”. (E2)

“Eu fiquei nessa situação, com pena da minha mãe, pela decepção que ela teve comigo, sabe?” (E4)

“Fiquei com pena da minha mãe, quando eu contei, porque sei que ela ficou triste, porque queria um casamento certinho”. (E5)

“Eu tenho dó dela não participar comigo, podia né ?” (E6)

ANÁLISE

O sentimento de piedade em relação à mãe não surge isoladamente, na sua justificativa. Caminha desde a não reação e aceitação do “castigo” por parte da figura materna, e a decepção desta, pelo ato praticado pela filha. Observamos, também, a contradição de sentimentos: decepção de um lado (materno) sendo “compensado” pela auto-culpa (E4). Se, de um lado ocorre a frustração materna (ante a ocorrência da gravidez), por ver abortarem as perspectivas de futuro em relação à filhos (E5), acontece, mais do que uma frustração, uma verdadeira queixa pela falta de participação da figura mãe (E6).

INTERPRETAÇÃO

Nessa relação inter-subjetiva: mãe-jovem, emerge explicitamente, a estrutura fundamental do DASEIN: o ser-no-mundo enquanto estrutura fundamental, partilhada reciprocamente, compreendendo dentro do “espaço vazio” (falta de participação e reclamação) e da temporalidade (perspectiva futural da mãe).

A -2.2 AMOR

“Eu me sinto ainda feliz de ter uma mãe, de saber que eu ainda posso ter confiança nela”. (E2)

“Apesar do que aconteceu, da bronca eu gosto muito dela”. (E4)

“Ela com toda a situação, com a sua revolta, eu... gosto dela” (E5)

“Ela é meio complicada... meio ausente nas coisas, mas eu amo ela mesmo assim” (E6)

“Eu apesar dela não participar, eu tenho amor por ela” (E6)

ANÁLISE

Não obstante todos os reveses da situação em que se encontram, há nos diversos discursos, a manifestação clara do amor em relação à mãe. É o amor que reside na confiança da certeza de poder contar com, apesar da reação, em maior ou menor grau, de violência. Amor que está presente, apesar da consciência do agir do outro (não participar, “ser complicada”, “ser ausente”).

INTERPRETAÇÃO

O desvelamento da afetividade, expressa pela palavra amor, é uma das possibilidades de ser - no - mundo. E, não obstante, muitas vezes, o ser humano, na sua cotidianidade, não mostrar claramente sua afetividade, expressa pelo amor - possivelmente a sua maior expressão - no discurso pode se desvelar como apreciamos nesses discursos.

A -2.3 - VERGONHA

“Minha mãe me xingou tanto, dizendo que eu não devia ter feito aquilo, e fiquei com vergonha dela. Eu me culpei”. (E4)

“Sabe, que quando eu fiquei grávida, eu fiquei com vergonha da minha mãe, pois eu pensava que ela ia me achar a maior galinha, que fez o que ela não fez, sei lá”. (E5)

“Minha mãe me disse que eu devia ter me cuidado, ter cabeça, e ai eu fiquei com sentimento de vergonha, sabe?” (E6)

ANÁLISE

O sentimento de vergonha nas diversas falas, perpassa pelo aspecto da culpabilidade por um ato (no caso, ficar grávida). E, ele se intensifica à medida em que se compara à mãe no tocante ao passado (“ela não fez o que eu fiz”) e, assim, acha-se o pior dos seres, que praticou um ato impensado, segundo a concepção da mãe (“me disse que eu devia ter cabeça”)

INTERPRETAÇÃO

Na relação, sempre “sendo-com-o-outro”, no caso, a mãe, quando vem à tona, a vergonha por um acontecimento, notamos de uma maneira evidente que esse “estado de ânimo” permite uma compreensão mais profunda vindo ao encontro de determinada sensação, que “é o que é”. Esse sentimento encontra-se ligado ao “julgamento”. A jovem entrega-se aos valores da mãe.

A -2.4. DECEPÇÃO

“Minha mãe nunca foi tão aberta assim comigo, como uma mãe (nessa hora a jovem chorou). (E2)

“Quando eles souberam que eu tava grávida, a minha mãe ficou brava, foi falando pra todo mundo, podia ter sido mais legal, não precisava me crucificar “. (E4)

“Ai, pelo que ela falou, falou, eu pensei que ela podia me ajudar mais, ser mais mãe, entendeu ?” (E5)

“Mais eu penso que não precisava só tá censurando, me culpando, até desanima, sei lá ? “ (E6)

ANÁLISE

A decepção revelada nos diversos discursos, em relação à mãe, está sempre vinculada à falta de abertura, e, a ausência e/dificuldade para o diálogo. O estabelecimento da comunicação se deu em nível da censura e da culpa, que deram origem ao desânimo e a angústia, expressos nas diversas falas.

INTERPRETAÇÃO

Decepção aliada à atribuição de culpas, “crucificação”, falta de diálogo nesse mundo de relações-jovens-mães, na sua dinâmica de interação desgastante, aqui se fazem presentes, sendo constitutivos do existenciário de cada ser: mães e jovens grávidas.

Culpas e angústia (“até desanima”- E6) são, muito provavelmente, hipotecas pesadas e esmagadoras pagas, com muito custo, pelo ser humano, na sua cotidianidade.

A -2.5. FALTA

“Sinto falta dela, eu sei que ela tem medo de mim, por causa do inguinorante do meu pai” (E1)

“Você precisa saber que, com todo o sermão, ela ficar meio chateada mais eu queria era mais perto de mim, pra me acalmar” (E4)

“Olha, eu sei que ela ficou chateada, meio distante, mais o meu desejo era que ela ficasse perto de mim. Dava mais segurança, não é ?” (E5)

ANÁLISE

A falta da figura materna, a sua ausência está associada à noção de segurança, mesmo tomando conhecimento do real sentimento (desprezo ou contrariedade) demonstrado. A proximidade da mãe, segundo os Discursos, ao lado de trazer a segurança no instante de vida difícil e sofrido, é portadora daquilo de que carecem tanto: a placidez do espírito.

INTERPRETAÇÃO

Ausência e falta são carregadas de alto significado na concepção fenomenológica. Isto porque o ser humano na compreensão de si mesmo, existindo de fato num mundo, entende que não é isolado e seu destino, num mundo que lhe é próprio tem que estar vinculado aos seres que, de acordo com a sua expectativa, devem vir ao seu encontro, para estabelecer uma situação harmônica de coexistência.

A -2.6 RAIVA

“Ai, eu fiquei com muita raiva dela, pois eu acho que ela devia me dar apoio “. (E4)

“Eu sei que nessa hora, que ela me xingou, eu fiquei com muita raiva mesmo. Achei muita falta de consideração com uma filha nessa situação difícil “. (E5)

“Um mãe numa hora dessas, é pra apoiar, né? Eu fiquei com raiva, revoltada, porque ela não participava “. (E6)

ANÁLISE

O sentimento manifesto de raiva nas diversas falas, das entrevistas, não surge isoladamente. Vem, de uma maneira subliminar, acoplada à sensação de falta de apoio, falta de consideração num momento crucial da vida e, máxime pela ausência de participação.

INTERPRETAÇÃO

A raiva, como manifestação de um modo de ser, é importante componente dos discursos das jovens grávidas. É, por conseguinte, algo percebido e manifesto da existência (aquilo que se des-vela). Especificamente, surge aqui associada a outros fatores subentendidos: falta de participação e apoio da mãe.

A - 3 - SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À CRIANÇA.

A - 3.1 - CONSCIENTIZAÇÃO DO SEU VALOR.

“Eu não quero dar o meu filho para ninguém criar.” (E 1).

“Eu tô pensando no direito que ele tem de ter pai”. (E 2).

“Ele mesmo criado sem pai, vai ser gente”. (E 2).

“O meu filho, a minha criança, será uma coisa muito importante, eu vou me sentir gente” (E 4).

“Porque...ter uma filho, é ele que vai dizer que eu sou uma verdadeira mãe, uma mulher de verdade”. (E 5).

“Deus vai me dar uma criança que vai me dar alegria, vai me dar amor”. (E 6).

ANÁLISE

Nessa categoria surgem as noções de valorização, de ser mulher e ser capaz de doar-se para o outro, no sentido daquilo que lhe faz parte: amor e maternidade. A conscientização de sentir-se mãe responsável; que aspira a uma relação de bem-querer, em que seja o elemento receptor e doador de amor, emerge, de maneira explícita, nesses Discursos. O fato de invocar a Divindade, na expectativa da esperança de receber alegria e amor, aparece como um elemento importante no que se refere a essa conscientização do valor do filho, que irá fazer parte da sua existência.

INTERPRETAÇÃO

As experiências vividas pelos sujeitos (as jovens grávidas) tendo em vista o surgimento do outro (a criança) que as complementa, traz, nesse instante, a noção de aproximação afetiva, (Espacialidade) revelada na preocupação com o ser-do-outro (a existência futura do filho que almeja) e, sobretudo, a sua perspectiva futural.

A - 3.2 - AMOR E ACEITAÇÃO.

“Quando eu ganhar essa criança, eu vou assumir, vou arranjar um emprego que me aceitem com meu filho” (E 1).

“Eu vou lutar para que meu filho se crie sem grilhos...Ele vai ser criado com amor” (E 2).

“Eu quero ficar com meu filho que precisa do meu amor, do amor de pai que eu não tive” (E 3).

“O meu filho vai ficar comigo, vai receber amor mesmo que eu não tive, que não me deram, pode crer em mim”. (E 4).

“O meu filho eu não quero dar nunca, entendeu? Eu quis que ele viesse para ter amor. A barra é difícil, não é nada fácil, mas eu quero com todo amor”. (E 6).

ANÁLISE

Apreciamos nessas “falas”, mais do que um desejo, a intenção acentuada, de elas (as jovens grávidas) enfrentarem uma nova realidade por mais dura que seja, enfrentando todos os riscos, as barreiras, pois, assim agindo, terão condições de dar de si o que tem de melhor: o amor.

O amor, aqui evidenciado, emerge como componente de sanidade mental (“que meu filho se crie sem grilhos”). Mesmo enfrentando todas as vicissitudes do momento em que vivem, o fato de negar a doação do filho a outrem, representa a plena aceitação de uma condição adversa.

INTERPRETAÇÃO

As jovens grávidas enquanto Seres que, nas suas existências compartilhadas, nos seus desvelamentos, buscam um verdadeiro sentido para o seu viver, através de uma atitude solícita para com o novo Ser (o filho) com quem passarão a se comunicar, doar-se. Com essa abertura de si mesmas para com o outro, elas crescem e dão um sentido maior às suas existências, um sentido transcendental.

A - 3.3 - REJEIÇÃO AO ABORTO

“Uma amiga me falou que arrumava uma enfermeira para tirar a criança. Deus que me livre”. (E 2).

“Ela (enfermeira) ia botar uma coisa em mim que era pra criança sair, ai me deu um medo porque...porque...a criança ia morrer e Deus não ia me perdoar”. (E 3).

“Quando uma amiga me falou que era bom fazer um aborto, eu fiquei assustada, mas na hora eu já falei que eu não queria ficar com a consciência pesada. Ia ficar com o peso de ter matado uma pessoa, entendeu?”. (E 5).

“Olha, eu fiquei grávida, agora vem gente que fala que eu podia tirar a criança, pois é muito pesado, vai complicar a vida. De jeito nenhum, quem vai ter que assumir sou eu, não acha? Deus me pôs no mundo, e eu não tenho o direito de tirar a vida de ninguém”. (E 6).

ANÁLISE

Perpassam em todos esses discursos a rejeição veemente ao aborto, numa demonstração inequívoca da aceitação dos filhos que irão nascer. Essa rejeição está vinculada à tríade de sentimentos: medo, remorso e perdão-temor da represália da figura divina que não iria perdoar um ato criminoso, doloso e, a consciência abalada pelo peso do remorso. Além disso, há a revelação bem clara de que o direito à vida é inalienável, pelo próprio entendimento de que um Ser Superior - é o doador da vida.

INTERPRETAÇÃO

Nesse instante, surge a existência vinculada à questão do Direito à Vida. Vivenciando angústias, medos, as jovens buscam a racionalidade do existir, de viver a própria vida, na negação desse momento temporal: o aborto. Ao surgir essa possibilidade, elas percebem que, vivenciá-lo em sua concretude, é ser-contra-o-outro, deixam de transcender a si mesmas.

A - 4. - SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AO PAI

A - 4.1 - IDENTIFICAÇÃO

“Eu queria ser a filha única dele. Eu ia me sentir orgulhosa”. (E 2).

“O pai é meio caladão, meio sentido, mais é bom, eu sinto que ele gosta de mim. Ele não diz, mais é assim e, eu gosto dele.” (E 4).

“Mais mesmo assim, eu não queria um pai diferente. Bem ou mal é meu pai. Cada um tem um pai com seu jeito, não é?”. (E 5).

ANÁLISE

A identificação, esse mecanismo mental inconsciente pelo qual tentamos nos esforçar para nos assimilarmos ao outro, aqui está manifesto, mais pelo sentimento de bem-querer à figura do pai. Esse querer implica na cobrança da reciprocidade de afetos e na aceitação daquele com todas as suas qualidades e defeitos.

INTERPRETAÇÃO

Nas suas realidades concretas de existir (ser-aí-no-mundo) as jovens grávidas revelam em seus discursos uma abertura em relação ao pai, da maneira como eles se apresentam. Ser-com-eles significa, nesse momento, aceitá-los, ter a satisfação de estar-com-eles respeitando-lhes as maneiras peculiares de ser.

A - 4.2 - REJEIÇÃO

“Me bateu, me bateu que eu fiquei com tanto ódio que fugi”. (E 1).

“O meu pai, sabe como é, meio difícil. Não sei lhe dizer. Tem hora que eu sinto que não gosto muito dele. Eu acho que é falta de se chegar, sei meio complicado” (E 5).

“Sinto falta do meu pai, do carinho, de se chegar, ele se afasta, aí, se ele não me quer, eu não quero ele, é difícil, sabe?”. (E 6).

ANÁLISE

A rejeição da figura paterna está ligada, não só à não participação deste no momento crucial da vida dessas jovens, como também à violência física. Há um claro sentimento da falta do genitor no que ele representa como elemento doador de carinho e de afeto, o que gera o afastamento das jovens grávidas, levando-as a se sentirem na solidão.

INTERPRETAÇÃO

Conquanto seja fundamental na existência dessas das jovens grávidas a sua relação com os outros, no caso com o pai, quando existe a sensação de estar só, por não existir um compartilhar vivenciando, mesmo assim, elas são “seres-com” na sua condição existencial. Essa sensação de estar só “é um modo deficiente de ser-com” (Heidegger, 1988,).

A - 4.3 - REVOLTA E ÓDIO

“Ele, meu pai, nunca foi de ajudar a gente. Eu ,até hoje, cresci muito revoltada. (E 3).

“Ele muito difícil, sem compreensão da minha difícil situação, por isso senti ódio dele”. (E 4).

“Olha, eu fico meio puta da vida com meu pai que ficou tão longe da situação. Que pai complicado ! Eu fiquei revoltada mesmo!”. (E 5).

“O pai não participar é duro, não é? Tem hora que eu fico revoltada com esse meu pai”. (E 6) .

ANÁLISE

O binômio revolta-ódio revelado nessas “falas” das jovens grávidas está sempre acoplado à sensação do vazio, da ausência, do apoio. Assim, falta de compreensão, distanciamento, não participação são motivos colocados, situações vivenciadas, pelas quais elas tentam estabelecer a relação causal para o ódio e a revolta que expressam.

INTERPRETAÇÃO

Embora seja importante o entendimento de que “o mundo é sempre um mundo compartilhado com os outros” (Heidegger,1988,pgs 169-170) o estar só, representado pela não participação atrelado aos sentimentos de ódio e revolta, é uma maneira de ser-com-no-mundo. O distanciamento, de uma maneira explícita, apresenta-se como fator desencadeante de outros sentimentos verbalizados.

A - 5.- SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AO PARCEIRO

A - 5.1 - SEGURANÇA.

“Eu me sentia muito segura quando ficava com ele. (E 3).

“Eu me sinto protegida com ele,tá?” (E 3).

“Ele, no fundo, sei lá, me ampara”. (E 4).

“A gente até se sente feliz, quando sabe que ele quer proteger, o melhor para a gente”. (E 5).

“Mesmo ficando meio desnorteada, sei lá, ele pergunta se estou bem, isso é uma proteção, não é?”. (E 6).

ANÁLISE

Essa sensação de que conseguiu uma medalha de combate contra as procelas das angústias e inseguranças do momento que enfrentam (a gravidez), as jovens associam-na à proteção da proximidade. Por outro lado, essa consciência do amparo que não sabem bem definir, e a proteção são constituintes importantes desses discursos.

INTERPRETAÇÃO

Nessa relação ser-com-o-outro-, notamos um impacto sobre essas grávidas, marcado pelos sinais do outro: seus gestos, seus sentimentos que se tornam presentes. Há um vivenciamento espacial harmônico mostrando como o outro existe no Ser-aí das jovens grávidas.

A - 5.2 - DECEPÇÃO

“Eu achava que ele devia vibrar mais, sei lá. (E 4).

“Mais fico triste, pois ele devia tá mais junto, mais perto, sabe?” (E 5).

“Eu fico pensando que a notícia da vinda da criança, ele parece que não quer, é meio esquisito. A gente fica sem graça” (E 5).

“Ele não vibrou com a notícia de eu tá grávida. Eu fiquei triste”. (E 6)

ANÁLISE

Diante do impacto da nova notícia (“estar grávida”) na esperança de alguma repercussão positiva, notamos aqui a estranheza e a decepção provocadas pelo distanciamento. Há presente nos discursos, de uma maneira geral, a tristeza oriunda da não sintonia, da ausência da vibração de sentimentos dos parceiros. Essa dissintonia representa, possivelmente, a origem de uma angústia, advinda da decepção.

INTERPRETAÇÃO

Presencia-se no Ser-aí das jovens grávidas, nesses discursos, a fragilização do seu Eu, no relacionamento com o outro, vivenciado pela sensação do abandono, que abala os alicerces do inter-relacionamento. Percebe-se que existe o desejo do Ser (a jovem grávida) de trazer para si o outro, possivelmente o seu bem-querer, de compartilhar o resultado de uma relação afetiva.

A - 5.3 - SUPERIORIDADE

“Eu vou poder dar isso (amor), coisa que ele nunca pode dar para a criança” (E 2).

“Esses homens pensa que as mulheres são fraca, vão ceder, mais eu sinto muita fortaleza aqui dentro” (E 2).

“Mesmo ele não tando muito perto, eu acho que não devo deixar a coisa cair. Eu sinto força, que parece que ele não tem”. (E 4).

“Agora eu vou dizer, eu fiquei triste com ele, mas naquela hora que eu falei que tava grávida, eu vi que tava controlada, mais consciente da situação e tinha mais força do que ele”. (E 6).

ANÁLISE

A noção de superioridade colocada nesses discursos está vinculada às sensações de poder conceder amor a um terceiro (a criança), e, à consciência da fortaleza própria para enfrentar a solidão, o afastamento. O impacto da revelação (o fato de estar grávida) possivelmente revelou o binômio contraditório na relação grávidas-parceiros: fragilidade de um lado e fortaleza de outro.

INTERPRETAÇÃO

Nessas “falas” assistimos o vivenciar de um cotidiano, intensamente marcado pela presença da solidão. Ao mesmo tempo, indica estarmos diante da presença de um Ser (a jovem grávida) que escolhe decididamente o que prefere, e, que a força interior não foi proveniente da manutenção do vínculo: jovem-parceiro. O Eu (dessas jovens grávidas) torna-se mais forte, e se sobrepõe ao outro, no momento

em que tomam consciência de si mesmas, da força de poderem se colocar como pessoas que se assumem, com autenticidade.

A - 5.4 - REVOLTA

“Ele me falou que não ia assumir o que ele não fez, e que eu falei que era uma falta de consideração. Uma sacanagem. Que ele ia pagar por isso, por ter feito uma coisa e não ter assumido”. (E 2).

“Ele não merece se encontrar com a criança, frente a frente. Ele não tem moral de encarar a criança” (E 2).

“Eu fiquei muito louca da vida, revoltada, quando eu falei que eu tava grávida, e não senti vibração. Devia haver, né?”. (E 4).

“Eu não fiquei só triste, não. Fiquei foi puta da vida com meu noivo sem vibração”. (E 5)

ANÁLISE

A revolta expressa nos relatos está atrelada, de uma maneira compreensível, de um lado, com o não cumprimento do parceiro com a ética (assumir a situação real, e não cumprimento de um “dever”), e, por outro, pelo afastamento e não correspondência às expectativas das jovens grávidas. A falta de sintonia afetiva dos parceiros, face à nova realidade (a gravidez), despertou uma reação forte nesse primeiro momento.

INTERPRETAÇÃO

Através da intersubjetividade, sendo-com-o-outro, notamos a clara intenção do Ser (as jovens grávidas) de fazer parte do cotidiano do outro (os parceiros). Entretanto, percebemos, nesses Discursos, um Ser com a

sensação de abandono pelo outro, diante do que, os sentimentos de revolta afloram. Tal fato acontece, pelo fato de que há um desejo de ser amado, e a não correspondência, provavelmente, transmuta o bem-querer em agressão e mágoa.

A - 5.5 - REJEIÇÃO

“Eu peguei as minhas malas, deixei um bilhete para ele não me procurar, porque eu não era lixo” (E 1).

“Nunca mais vi ele. Voltar pra ele, eu não volto” (E 1).

“Eu não quero nada com ele. Aquela paixão, aquele tesão, tudo já passou”. (E 2).

ANÁLISE

Nesses discursos, observamos, não só a morte da paixão, mas, mais do que isso, a ruptura total. A rejeição aos parceiros vincula-se à percepção do amor próprio ferido, que desencadeia uma atitude radical, e o desejo de construir uma nova vida.

INTERPRETAÇÃO

A partir da consciência do fim, da quebra dos vínculos afetivos, as jovens grávidas partem em busca do esquecimento do outro, porque já não sentem condições de estabelecimento de uma coexistência pacífica. O sentimento de defesa do Eu, ferido ao máximo, promove, muito provavelmente, o afastamento definitivo.

A - 6 - SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AOS IRMÃOS E/AMIGOS.

A -6.1 - REVOLTA

“Aí, eu falei:” me respeite que eu não sou nenhuma pecadora (por ter engravidado). Pecadora é a senhora que reza e comunga e fala mal da pessoas.” (E 2).

“Dá muita revolta, ver que as amigas, os irmãos, se afastam, e põe culpa na gente. Afinal eu não matei, nem roubei, o que é pior.” (E 4).

“Eu fiquei muito louca da vida, vendo que as pessoas se afastavam, ficavam cochichando na maior falsidade, como se fosse santa, sabe? (E5)

ANÁLISE

Nessa subcategoria, percebemos se a reação à rotulação que foi imposta às jovens grávidas: “pecadoras”, pelo fato de terem engravidado, visto que, para elas, o “pecado” reside em outros valores, tais como: atitudes e atos contraditórios (“rezar, comungar e falar mal da vida alheia”). Por outro lado, a revolta encontra-se irmanada ao distanciamento, atrelado à hipocrisia do agir dos outros.

INTERPRETAÇÃO

Em meio à aparente indiferença, ao afastamento físico dos que as cercam, as jovens, no que se refere ao aspecto fenomenológico do Ser, elas permanecem seres-no-mundo, reagindo, na ânsia de serem si-mesmas, às rotulações, marcadas por valores por elas negados.

A - 6.2 - DECEPÇÃO

“Aí, eu fico em casa, até choro, vendo que as amigas me isolam, aí penso que tive mesmo uma desilusão com elas”. (E 4).

“A gente fica meio desiludida com as pessoas que eram amigas, se afastaram, e ficam olhando a gente meio desconfiada, parecendo que estou doente, sabe?”. (E 5).

“A gente fica decepcionada com as amigas que desprezam a gente: aí eu pergunto se não existe amizade, pois a gravidez não é motivo pra ser mal vista, desconsiderada, não é isso?”. (E 5).

“Fiquei com raiva e desiludida, com o meu irmão, me rejeitando, me achando a ovelha negra da família” (E 6).

ANÁLISE

Diante da conjuntura do momento existencial (a gravidez) observamos, nos Discursos, a presença da decepção aliada aos sentimentos de desilusão e à constatação dos vínculos rompidos. Não ocorre um afastamento puro e simples, mas a consciência de um fenômeno de maior amplitude: repulsa, como se estivessem acometidas de uma doença que exigisse isolamento total. Existe um desgosto, proveniente da marca da rotulação (“ovelha negra da família”) cruel e discricionária.

INTERPRETAÇÃO

Nessas experiências de relações, vividas por essas jovens grávidas, notamos que, a partir da presença dos outros, de diversas maneiras (rompimento de laços de amizade, rotulação discriminatória), ao atribuírem significados, enquanto seres-no-mundo, elas mostram o

seu compreender, no que diz respeito a assumir a intenção total das coisas e dos seres, no seu modo específico de existir.

A - 6.3 - RAIVA

“Aí, me deu raiva, e eu falei: “sua língua de trapo, eu não sou uma perdida (por ter engravidado)” (E 2).

“O meu irmão veio com aquela que eu era uma errada, que ele ia ficar mal com os amigos, por causa da irmã que não soube se comportar. Aí, eu fiquei com raiva mesmo”. (E 4).

“Um dia, eu falei pra Célia: “Você não é amiga, tá? É uma falsa, tá me censurando, fiquei mesmo com raiva dela.” (E 5).

“Aquele bando de gente me censurando, me deu raiva.”(E 6).

ANÁLISE

O sentimento forte de raiva revela-se como uma reação das jovens grávidas à censura, irmã-gêmea da hipocrisia e da falsa-moralidade. Mais do que uma reação, essa raiva demonstra o desagrado ante a rotulação e a culpa que lhes foram atribuídas por constituírem um entrave na vida do outro (o irmão).

INTERPRETAÇÃO

No seu desvelamento pela palavra que expressa o seu Ser, no seu provável compromisso com a verdade, notamos uma clara revelação das jovens grávidas, no que elas entendem como “querer-ser-si-mesmo-no-mundo”. Esse querer traz consigo a repulsa veemente à falsa moralidade, à censura, e mais do que isso: mostrar-se responsável, ao assumir uma nova postura diante da atual realidade de vida.

A - 6.4 - VERGONHA

“Eu morro de vergonha de sair na rua, porque os outros vão ficar dizendo:” Já se perdeu.” (E 3).

“Agora, eu não saio pra lugar nenhum. Todo mundo falando mal, entendeu?” (E 3).

“No começo eu fiquei com vergonha até de sair de casa, parecia que era uma estranha no meio de todo mundo.” (E 4).

“Com aquele pessoal todo fazendo pressão eu fiquei com vergonha até de ir na igreja. Parecia a pior pessoa do mundo, uma condenada” (E 5).

ANÁLISE

O sentimento de vergonha está atado a algo muito forte, colocado como marca indelével no consciente das jovens grávidas: a pressão do julgamento do mundo exterior (perder-se”). Como desdobramento de tudo isso, está a verbalização de “sentir-se condenada”, “culpada”, e a tendência ao isolamento (“não saio para lugar nenhum”).

INTERPRETAÇÃO

Na sua preocupação de estar-no-mundo, enquanto sujeito social, as jovens grávidas mostram no seu estado de consciência, uma preocupação com o Ser-dos-Outros, ou seja: a preocupação com o significado da palavra do outro, pelo seu pensamento (expresso ou subentendido) e pela força do julgamento desse.

A - 7 - SENTIMENTOS EM RELAÇÃO A DEUS

A - 7.1 - CONFIANÇA

“Vou fazer tudo o que for possível e Deus vai me ajudar” (E 2).

“Nessa hora difícil, a gente tem que confiar em Deus. Ele perdoa os erros da gente, não é ?” (E 4).

“A gente tem que confiar que Deus protege, é só a gente não pensar no mal”. (E 5).

“Deus vai me dar força pra eu enfrentar essa barra, ele compreende o sofrimento. Eu passo tudo isso, mais confio que ele me protege” (E 5).

“Eu confio em Deus, porque se eu errei ele me perdoa”. (E 6).

ANÁLISE

Em relação à figura Superior - no caso, o Deus por elas referido, permeia os Discursos o sentimento de confiança, vinculado à ajuda esperada, não obstante esta esteja condicionada ao perdão dos erros. (“ficar grávida”). Entretanto, a proteção e a compreensão do Ser Divino em relação à situação que enfrentam, atrelam-se a não pensar no mal, pois esse não merece o perdão.

INTERPRETAÇÃO

Na relação das jovens, dessas falas, com o imaginário-DEUS-, percebemos, claramente, o Ser Sagrado que surge no seu contexto de vida, como uma realidade poderosa, com uma gama intensa de significados. É o Ser Superior que “está-com-as jovens”, em relação harmônica, representando aquilo de que elas carecem: fonte de ajuda ou fortalecendo-as em suas existências.

A - 7.2 - MEDO

“A enfermeira ia botar uma coisa que era para a criança sair. Aí me deu medo porque a criança ia morrer e Deus não ia me perdoar”. (E 3).

“Quando eu pensei se ia abortar, se seria a solução, eu pensei em Deus, fiquei morta de medo, pois Deus castiga quem é errado e tira a vida dos outros”. (E 5).

“O senhor já pensou se eu pensar em me desfazer da criança, ou dar a criança ? Isso me dá medo porque Deus quer a família unida, Deus dá o castigo. Não quero nem pensar”. (E 4).

ANÁLISE

Observamos, nesses discursos, forte e explícito sentimento de medo, ligado à ação concreta do aborto, enquanto ato condenável, tendo, como reação imediata, a ação Divina concretizada no castigo. Isso, porque na concepção dessas jovens grávidas, esse é o Deus que castiga e abomina o que é errado. O Deus, que atribui a norma intransferível de que a família deve ser unida (e rechaça qualquer idéia no sentido do abandono da criança), esse Deus estabelece dor da punição a quem transgredir essa norma.

INTERPRETAÇÃO

Esse sentimento de medo, também um dos constituintes ônticos do “ser-no mundo” que estas jovens grávidas representam, está sendo vivido e experienciado, como expressão do mundo religioso. Esse mundo religioso, marcadamente constituído por símbolos, transcende o homem, como ser, com forte influência no seu pensar.

A - 7.3 - ESPERANÇA

“Eu quero que Deus me dê uma boa hora”. (E 2).

“Eu acho que Deus vai me dar forças, vai me dar coragem”. (E 3).

“Por isso, eu falo pro senhor, que Deus tá me olhando. Eu espero que ele não me castigue se eu errei, e me dê forças para eu não sofrer no parto, nem deixar de criar meu filho” (E 4).

“Se eu não tiver esperança em Deus, eu não posso ter felicidades. Não sou santa, mas acho que Deus não me abandona nessa situação difícil”. (E 6).

ANÁLISE

Notamos, nesses diversos Discursos, que, nesse instante, há uma busca dessas jovens, de procurarem, através da crença forte no Ser Supremo (Deus), a esperança, que está associada à idéia do Deus que não abandona quem sofre, do Deus que livra do sofrimento (“uma boa hora”) e concede força necessária para enfrentar as vicissitudes do momento. Portanto, aqui, apreciamos o sentimento de esperança, mesclado aos sentimentos de perdão, coragem e bonança.

INTERPRETAÇÃO

No entendimento da existência humana, dentro do prisma de análise fenomenológica, são apontados para outros mundos vivenciados e experienciados, além do mundo pessoal e o mundo das relações: o mundo das entidades, que aparece nessas falas. Nesse inter-relacionamento com o mundo das entidades, no caso, a entidade espiritual-Deus-, surge um Deus que se mostra, seja em nível cognitivo

(crença) ou expressivo (símbolo-esperança mesclada com perdão e concessão de coragem).

B - PERCEPÇÃO DOS ATORES SOCIAIS ENVOLVIDOS

B - 1 - PERCEPÇÃO DO PARCEIRO

B -1.1 - PAI SUBSTITUTO

“ Eu nunca tive um pai, ele parece um pai para mim” (E 3).

“Eu penso que ele vai ser um pai duas vezes” (E 3).

“Ele, no fundo me protege, parece um pai, um pai que eu não tive, que eu não senti proteção”. (E 4).

ANÁLISE

Observamos nessa subcategoria, presente nos Discursos, que a figura do parceiro toma o lugar do pai, seja pelo fato da ausência deste, (física ou afetiva) seja porque o parceiro lhe traz a proteção tão necessária ao seu momento existencial. A colocação explícita de “ser pai duas vezes” significa o exercício da paternidade com papel de proteção exercido duplamente: em relação à jovem grávida, e em relação ao filho que virá.

INTERPRETAÇÃO

Na sua condição de abertura para as influências do seu mundo idealizado ou seu mundo concreto, vivido com afetividades, as jovens grávidas, seres que pensam e se expressam pela linguagem, transferem-se para a situação de proteção, que lhes confere a figura paterna. Tal situação de proteção percebida lhes traz, pelo menos, no momento de grande angústia, a segurança de que tanto necessitam.

B -1.2 - OMISSO

“Ele não vibrou, não ficou muito perto. O que é isso?” (E 5).

“Ele ia pagar por isso, ter feito uma coisa e não ter assumido” (E 2).

“Ele falou que não ia assumir” (E 2).

“Eu fiquei muito louca da vida, quando eu falei que tava grávida, e, não senti vibração” (E 4).

“No começo ele ficou meio de lado: acho que era medo de assumir responsabilidade” (E 6).

ANÁLISE

A percepção do parceiro como figura omissa, em relação à situação da gravidez, vincula-se à observação da “falta de vibração”, do medo daquele em assumir uma responsabilidade, e enfrentar uma situação nova e desafiadora. Notamos no pensamento das gestantes, a relação biunívoca entre “ter feito algo, não assumir e ter que pagar pelo ato cometido”.

INTERPRETAÇÃO

No momento indelével, marcante suas existências, que é a situação da gravidez, nessas falas, enquanto “Seres-aí-no-mundo”, no mundo carregado de sonhos, fracassos, as jovens, aqui, realizam um movimento de tomar posse de si mesmo tomando-se autênticas (autenticidade é essa consciência de si mesmo, tomando suas próprias decisões). Percebe-se aqui, que, elas adquirem propriedade (ganham-se), não perdendo seu domínio, mostrando-se assim responsáveis por si mesmo. Na visão fenomenológica, ao cunharem o parceiro de irresponsável, elas os descobrem como Seres que se perdem na

inautenticidade (não tem consciência de si mesmo e da sua responsabilidade).

B -1.3 - REJEITADOR

“Será que tô ficando feia e, ele não quer mais saber de mim?. (E 1).

“Eu fico pensando que, com a notícia da vinda da criança, os homens parece que não querem”. (E 5).

“Me deu a impressão que ele não queria”. (E 4).

“Parecia que aquele homem não queria a criança, sei lá. (E 5).

“Quando eu vi o espanto dele com a notícia, eu senti que ele não queria aquilo, sei lá, o jeitão dele já falou, sabe?”. (E 6).

ANÁLISE

A percepção dos parceiros, enquanto rejeitadores, expressa-se na idéia de repulsa à alteração da imagem corporal que elas assumem diante do evento da gravidez. Essa rejeição, de maneira concreta, é percebida, na medida em que elas verbalizam que os parceiros não querem a vinda do outro (a criança), possivelmente, até para não dividir espaço.

INTERPRETAÇÃO

Aqui, evidencia-se, que o primordial de ser-no-mundo do Homem, não é algo abstrato, mas sobretudo concreto, algo concretamente experienciado, presente, que se realiza nas diferentes formas peculiares do comportamento, de se relacionar. Em se relacionando deficientemente com as grávidas (“rejeitando-as”), esses parceiros não deixam de, no

contexto da sua existencialidade, permanecem como “seres-aí-no-mundo”.

B -1.4 - AGRESSIVO

“Ele começou a beber muito e a me bater. E me batia, pois dizia que eu era a culpada daquela situação desgraçada”. (E 1).

ANÁLISE

A agressividade do parceiro, nesse caso está relacionada diretamente à ocorrência, em sua vida, de uma situação inesperada e desesperadora (“desgraçada”), advinda de uma gravidez não planejada e não desejada. A reação, nesse sentido, é imediata, surgindo a agressão dupla em sua plenitude: auto-agressão (alcoolismo) e hetero-agressão (o ato de bater).

INTERPRETAÇÃO

Essa situação de agressividade: o outro-contra-si-mesmo e, esse mesmo outro-contra-o-outro, percebida pela grávida, de uma certa forma, pode ser entendida como a vivência com o “mundo humano”, compartilhado de uma maneira deficiente, significando que o Ser (o parceiro) não deixa de “Ser-com”, embora de um outro modo de se relacionar, marcado pela agressividade.

B -1.5 - PROTETOR

“Eu me sentia protegida com ele, tá?” (E 3).

“A gente até se sente feliz, quando sabe que ele quer proteger, o melhor para a gente”. (E 3).

“Sei lá, ele me pergunta se estou bem, isso é uma proteção, tá?”.(E 6).

ANÁLISE

O papel de protetor ,exercido pelos parceiros nesses Discursos, revela-se pela percepção de se sentirem (as jovens do estudo) protegidas,quando isso é verbalizado de uma maneira clara (E 3) ou subentendida. (E 6).

INTERPRETAÇÃO

Notamos a compreensão do existir dessas grávidas, percebida enquanto vivenciam momentos de relação harmônica com o outro (os parceiros). O fato de perceberem a preocupação do outro, as jovens vivenciam uma experiência que transcende o seu “Eu”, o seu mundo próprio (sendo-si-mesmas). Nesse instante o parceiro é percebido numa atitude de aproximação que lhes traz a percepção do bem-estar.

B -2 - PERCEPÇÃO DE SI MESMA (ENQUANTO GRÁVIDA)

B -2.1 - CRIANÇA

“Eu me sinto ainda criança, com essa gravidez. Com essa barriga de mulher, mais sonho como criança.” (E 5).

“Eu ainda tenho coisa de menina, de criança, aquelas fantasias, o senhor entende”. (E 6).

ANÁLISE

Ao se perceberem como crianças, essas jovens explicitam, em suas falas, de uma maneira cristalina, a sua auto-percepção, auto-imagem. Colocam, sem rodeios, características da infância que trazem consigo: os sonhos e as fantasias de crianças.

INTERPRETAÇÃO

Enquanto se situam no seu “mundo próprio” ou seja, na sua identidade, as jovens, na concretude da situação experienciada (mulher-grávida), visualizam, de um modo peculiar, o novo momento: mostram-se como seres que sonham, que retrocedem no tempo e no espaço, para viverem a fantasia de uma existência mais amena, conservando algo inerente à infância feliz (vívida ou idealizada), em que, certamente, não existem os percalços do sofrimento e dos traumas.

B - 2.2 - DONZELA

“Aconteceu que eu fiquei grávida, mais não estava preparada, sei lá, pra perder a virgindade. Eu queria ficar moça até casar” (E 5).

“Embora talvez eu tivesse que ficar moça pra casar, tenha perdido a virgindade, mais não sou nenhuma mulher da vida” (E 6).

ANÁLISE

Nesses casos, observamos a percepção dessas jovens em relação ao valor social: a virgindade. Se, por um lado, deparamo-nos com um Discurso em que está subentendido o arrependimento de “ter perdido a virgindade”-, de outro lado, numa outra fala, mesmo reconhecendo o valor da virgindade, a consciência do seu valor pessoal fala mais alto, chegando a contradizer a possível regra social do meio onde vive: “quem perde a virgindade, é mulher da vida “.

INTERPRETAÇÃO

Ao se perceberem como seres capazes de atribuírem valores a si mesmas, no questionamento à questão da VIRGINDADE, podemos reconhecer as jovens grávidas em mais uma maneira preocupada de existir. E, essa manifestação fundamenta-se primordialmente, no próprio “ser-no-mundo” que elas são realmente.

No seu modo de pensar, elas se apresentam inautênticas ao se deixarem ser arrastadas pelas correntezas dos valores sociais dominantes.

B - 2.3 - PROSTITUTA.

“Aí, eu pensei, eu sou considerada pelo irmão, uma perdida na vida, é duro, não é? “. (E 4).

“A Célia, eu sei que ela transa. Se afastou. Não ficou grávida e dá uma de santinha. Ela é direita, e eu sou uma perdida? “. (E 5).

ANÁLISE

Nesses discursos, notamos uma percepção das jovens como prostitutas, por atribuição de outrem. Há, entretanto um fato importante: o questionamento, pelo fato de, a outra poder ter relações sexuais, não ser considerada como tal, uma vez que não engravidou. Sobressai aqui, a base na qual se assenta a falsa moralidade (tem relações sexuais, passa “por santa” desde que não ocorra a gravidez). O valor social vigente diz: casar e engravidar está dentro das normas aceitas, entretanto, o engravidar e ficar solteira é o problema. A pseudo-moralidade reside justamente aí: podem as jovens, até ter relações sexuais, mas, engravidar, NÃO !

INTERPRETAÇÃO

Não obstante serem consideradas pelos componentes do seu meio social como prostitutas, rotulação percebida muito explicitamente, nesses momentos as jovens em questão, continuam sendo-si-mesmas, sem cair na “impropriedade (ou seja: deixarem o seu ser-no-mundo (DASEIN) viver como os outros, submetendo-se aos valores impostos por eles). Daí, o surgimento do questionamento aos valores colocados por outrem, expressos nesses Discursos.

B -2.4 - FIGURA FORTE

“Eu me sinto forte. Eu tenho fé na minha confiança em mim mesma. Eu sei que vou conseguir”. (E 4).

“Eu devo ser forte pra enfrentar tudo. Eu rezo. Peço a ajuda de Deus”. (E6).

ANÁLISE

A percepção de ser figura forte, nessas unidades significativas, atrelam-se à auto-percepção da fortaleza proveniente da fé e da esperança. Essa fortaleza mantém íntima relação com o provável auxílio da entidade transcendental: Deus

INTERPRETAÇÃO

Ao se assumirem como figuras fortes, nessas falas, as jovens, como sujeitos sociais em estudo, demonstram o que é Ser, no sentido de existir. Em termos fenomenológicos, ESCOLHEM-SE, ou seja: tomam decisão por si mesmas. Procuram, sob o domínio de si mesmas, jamais perder a sua essência. As suas possibilidades de Ser, nessas falas, não são dispostas pelos outros.

B - 3 - PERCEPÇÃO DO PAI

B - 3.1 - AGRESSIVO

“ Ele me bateu, me bateu”. (E1)

“ Uma vez, ele me agrediu, assim na palavra. Era melhor ter batido, doía menos, sabe ? “. (E5).

“O homem ficou uma fera. Bateu até na minha mãe”. (E1).

“Ele me falou que eu tratasse de ajeitar a situação, que ia ficar ruim para ela também, que a vontade era me bater”. (E4).

ANÁLISE

Aqui sobressai a agressividade em seus matizes principais: agressão física e verbal. Há uma percepção da angústia, que dá origem à agressividade verbal. A justificativa para a agressão foi que a nova situação inesperada (a gravidez) se tornou “ruim”, insuportável para o pai, fazendo com que esse partisse para a agressão, sobretudo física.

INTERPRETAÇÃO

Em relação a “ser-no-mundo-com-os- pais”, observamos, nesse instante, a carência, no sentido de manifestação existencial da afetividade paterna, que seria o relacionar-se-com-o-outro de maneira envolvente e significativa. Afloram nesses Discursos, a percepção da força da agressividade verbal, e, a entrega do outro (o pai) aos domínios da irracionalidade (“ficou uma fera”. Bateu até na minha mãe).

B - 3.2 - INSENSÍVEL E OMISSO

“Aquele homem tão sem sentimento, tão egoísta. (E2)

“Ele nunca foi de ajudar a gente. (E3)

“Sim, tem hora que ele fica tão longe da situação, como eu falei, que eu acho que ele não tá nem aí pra que tá acontecendo. (E5)

“Ele não deu nenhuma palavra, um apoio. (E6)

ANÁLISE

A insensibilidade e a omissão da figura do pai, percebidas pelas grávidas tornam-se evidentes, seja pela “palavra de apoio” não concedida, seja pelo distanciamento estabelecido, seja pela falta de ajuda real e concreta, possivelmente oriunda do egoísmo revelado (valor da honra desrespeitado).

INTERPRETAÇÃO

Ao compreender a presença-do-outro (no caso, os pais) tal fato traduz o significado importante da existência das jovens no seu modo de ser-si, num mundo pouco compartilhado. Contudo, na revelação do egoísmo e da omissão, observa-se nesses pais, a falta de vibração nesse instante existencial, o distanciamento vivencial e o distanciamento afetivo (que nos trazem a noção fenomenológica da ESPACIALIDADE, distante de conotação geográfica).

B - 3.3 - CRUEL

“Sei lá, ele com o jeito caladão, sentido, se afastando, tá sendo muito cruel comigo, tá me machucando, tem hora que eu penso que é vingança.” (E4)

“O meu pai .. ele disse pra eu me virar, ver o que eu fiz, que eu aprontei e tal. É muito duro, não tem coração, é um coração de pedra.” (E5)

“Porque o pai que não dá nenhuma palavra, um apoio, é ter um coração muito duro. É querer maltratar, né?” (E 6)

ANÁLISE

A crueldade aqui referida e notada é espelhada pela atitude de afastamento do pai, pela manifestação do sentimento de vingança, e, pelo mutismo que magoa. A metáfora usada “coração de pedra” marca, de maneira clara, o que representa “ser cruel” na linguagem dessas jovens.

INTERPRETAÇÃO

A crueldade, expressa pelo abandono e mutismo dos pais referidos nesses Discursos, revela a possibilidade do próprio “ser-no-mundo” (os pais) de dificultar a convivência e a compreensão. Com o surgimento do distanciamento que passa a existir, permite com que desmorone a ponte do entendimento entre os próprios sujeitos isolados (as jovens grávidas) e os que se isolam (os pais).

B - 3 - 4 - REVOLTADO

“Ele me agrediu, assim na palavra. Eu acho que tava com vergonha, revoltado com a situação (E5).

“Ele deve ter ficado revoltado, eu penso assim: ele fica meio calado, eu acho que ele tinha outros planos pra mim. Uma vez eu vi ele falando pra minha mãe que aquilo deixou ele meio sem rumo” (E4).

“Será que o ignorante do meu pai, quando ver a criança, vai bater nela também?” (E1).

ANÁLISE

A revolta que se instala e se mostra nos pais, em forma de agressão ou sentimento de vergonha, mantém claros vínculos com o comportamento por eles assumido. Tal comportamento, por sua vez, está impulsionado, possivelmente, pela a frustração sentida, em que os planos (em relação à filha) caíram por terra, arrasando esperanças conduzindo-os aos limites do “sem rumo”.

INTERPRETAÇÃO

Nesse momento, presencia-se a inautenticidade desses pais, que, em função de uma nova situação (que lhes trouxe vergonha e revolta) deixa ocorrer o desencontro. O existir desses pais, nessas falas, transforma-se num constante “ser-com-deficiente”, sem comprometimento.

B - 3.5 - PRECONCEITUOSO

“Minha mãe apoiava uma galinha que tinha se perdido. (E1).

“Que não tinha cara para ver os amigos dele, e, se eu arrumasse um homem e me casasse, até que ajeitava a situação” (E1).

“Ele foi caladão, se afastando, meio sentido”. (E4)

ANÁLISE

A preocupação dos pais é percebida, na medida em que estes estabelecem a valoração do comportamento das filhas, em função das “soluções” por elas apresentadas. Ao procederem assim, nesses Discursos, elas passam a percebê-los como pessoas preconceituosas, e, acima de tudo, egoístas, no sentido de que, muito possivelmente estão preocupados na resolução que melhor lhes conviria.

INTERPRETAÇÃO

Os pais, nessas falas, retraem-se nas palavras e na agressão-com-o-outro (seja a filha ou a mãe). Envolvem-se em uma rede de valores impostos, permanecendo em temor do que os outros possam pensar, caracterizando-se, assim, como seres inautênticos, sob o domínio do egoísmo.

B - 4 - PERCEPÇÃO DE DEUS

B - 4.1- PUNITIVO

“Porque a criança ia morrer (a enfermeira ia botar uma coisa para a criança sair) e não ia perdoar” (E3)

“O Senhor já pensou, se eu abortar ou dar a criança, aí, Deus dá o castigo” (E4).

“Eu sei que Deus castiga quem não tem responsabilidade com o seu filho, com sua responsabilidade com o seu filho, com sua família. Eu acho que Ele não perdoa mesmo” (E5).

“Deus castiga quem é errado e tira a vida dos outros.” (E5)

ANÁLISE

Emergem, nessa subcategoria, valores que as jovens atribuem em consonância com as atitudes que poderiam estar tomando: não assumir o filho, aborto e morte significam castigo, enquanto que, a responsabilidade, o perdão. Todos esses valores estão em relação direta com a decisão a respeito daquele que é o epicentro das atenções: a criança. Nessa linha de raciocínio, o Deus punitivo mostrará a sua face, na medida em que a criança for atingida.

INTERPRETAÇÃO

As grávidas, enquanto “seres-aí-no-mundo”, nesses Discursos, revelam uma percepção da figura divina, diretamente ligada às suas atitudes em relação ao futuro filho. No momento em que elas passam a “ser-contra-o-outro” (os filhos), seja na tentativa do aborto ou do

abandono, surge o Deus punitivo, juiz das ações, portador da espada do castigo.

B - 4.2 - COMPREENSIVO

“Eu acho que Deus vai me dar coragem.” (E3)

“Eu sei que Ele ajuda quem tem boa intenção. Ele sabe e compreende o sofrimento.” (E4)

“Deus pensa na dificuldade da gente, Ele é Pai; compreende os erros da gente, não é?” (E5)

ANÁLISE

O poder de compreensão do Ser Divino aqui é percebido na idéia do entendimento do sofrimento e do “erro” que as jovens assumiram pelo fato de estarem grávidas. Por outro lado, colocarem o argumento da boa intenção para obterem a força de que carecem, para enfrentar a situação, elas, possivelmente, também o colocam como o passaporte para obtenção do olhar compreensivo de Deus.

INTERPRETAÇÃO

Ressaltamos, nesse caso, a noção da compreensão sentida, não só no sentido de indicar “compreender alguma coisa”, mas, no modo do ser se desvelar. O Ser Superior, para as jovens grávidas, “ek-siste”no momento em que Ele pode ser alguma coisa; pode mostrar-se benevolente, à medida em que concede o perdão. No entendimento delas próprias, colocando-se enquanto “seres-aí”, como alguém que “errou” (aqui as jovens, de alguma maneira, mostram um encontro consigo mesmo no mundo comum).

B - 4.3 - O SER DE ONDE PROVÉM AJUDA

“Deus vai me dar força e coragem” (E2)

“Ele vai me ajudar nessa hora difícil, vai dar condição para que eu lute pelos meus direitos, pelo meu filho”. (E4)

“Deus ajuda quem tem boa intenção. Eu sei que vou contar com a ajuda D’Ele “ (E4)

“Tenho fé na ajuda de Deus. Eu aprendi que Ele não desampara. É só a gente se arrepender dos erros, e praticar o bem, né?” (E5)

ANÁLISE

A invocação da figura de Deus, nesse momento colocada como fonte de ajuda, vem fortemente atrelada ao fator condicional. Ela só será concedida, possivelmente para quem se arrepender, praticar o bem, ter boas intenções, condições em consonância com o Discurso oficial da Religiões Ocidentais, que se apoiam nas pilastras da filosofia Judaíco-Cristã: “O Deus está presente quando o homem reconhece o erro”.

INTERPRETAÇÃO

Na sua condição de “ser-com-a-Divindade”, as jovens, no seu DASEIN colocam-se, cedendo à tentação da mundaneidade: os valores impostos da Religião para ter um encontro com Deus, que, muito provavelmente está acima desses valores. As grávidas, ao se entregarem a esses valores, ao arbítrio deles, entram em estado de ambigüidade de comportamento. Nesse desafio da sua existência, essa queda traz algo de importante: serem as jovens compelidas a buscarem o autêntico, significando seguirem a si mesmas, os seus próprios valores.

B - 5 - PERCEPÇÃO DA MÃE

B - 5.1 - RAIVOSA

“Minha mãe me xingou tanto”. (E4)

“Depois que eu contei, ela chorou, e, eu notei que ela ficou com raiva, meio distante.” (E5)

“Ela disse assim, que eu tinha estragado tudo. Ficou dois dias me olhando, com raiva, sabe?” (E6)

ANÁLISE

A percepção da figura da mãe, enquanto raivosa nesses discursos torna-se explícita pela seqüência das atitudes: o desabafo de choro, o falatório (“xingou tanto”) e o distanciamento. Tais maneiras assumidas revelam a ansiedade e o temor ante a situação inesperada que surgiu (a gravidez da filha).

INTERPRETAÇÃO

O estado d'alma de perplexidade e ansiedade, provavelmente conduziram essas mães ao terreno da angústia. Nesse momento, diante do inesperado e do imprevisto, elas, enquanto seres-aí, como seres arremessados e atirados no mundo, perdem a capacidade do domínio, e partem para o falatório e o distanciamento.

B - 5.2 - FRACA

“A coitada da minha mãe começava a querer me livrar a apanhava também “ (E1).

“A tola da minha mãe agüentando o mau humor daquele homem” (E2).

“As mulheres são fracas porque querem e tem medo de perder o homem. Ela devia ter mais força, ser mais forte (E2).

“Eu acho que ela não devia ter abaixado a cabeça quando meu pai culpou ela também pela situação” (E5).

ANÁLISE

Nessas falas, nota-se a fraqueza que se apoderou dessas mães que, também, foram vítimas incontestas da violência dos maridos (violência física e verbal), sem esboçarem reação. Tal atitude é repudiada e criticada pelas jovens grávidas, atribuindo estas a “fraqueza da mulher ao medo de perder o homem”.

INTERPRETAÇÃO

As mães percebidas, nesse contexto, ao se retraírem na não-reação, entregam-se à ditadura dos maridos. Quando passam a existir em referência ao outro (no caso, os maridos), perderam a si mesmas, entregando-se à passividade, explicada pelo medo de “perder o marido”.

B - 5.3 - SUBMISSA

“Ele dizia que minha mãe era uma galinha” (s/resposta)

“Ela não reage ao meu pai” (E1).

“A tola agüentando o mau humor daquele homem (E1).

“Eu noto que minha mãe não responde, pro meu pai mesmo com razão, nessa situação toda” (E5).

“Sempre (a mãe) foi uma criatura muito sem ação, reagir a nada” (E6)

ANÁLISE

No contexto desses Discursos, observa-se a submissão das mães, fortemente ligada ao silêncio diante da agressão sofrida, e, mais do que isso: a uma implícita aceitação da violência, ao suportá-la com tolerância. Explicitamente, presencia-se o retrato da mulher-mãe esmagada pelo machismo reinante, mas, não aceito e repudiado pela mulher-filha.

INTERPRETAÇÃO

Os homens aqui referidos, na sua maneira de ser-com-as esposas esmagam-nas, submetendo-as ao arbítrio dos seus valores. A submissão das mães é entendida (em termos fenomenológicos) como total entrega à vontade e ao arbítrio massacrante do outro e representa a marca indelével de um viver inautêntico.

B - 5.4 - INSEGURA

“Ela tem medo de vim me ver, por causa do inguinorante do meu pai” (E1).

“minha filha, eu não sei como vou lhe ajudar” (E2).

“Eu sei que ela ficou perdida, quando eu contei. Até chorou” (E5).

“Ela me falou depois: “Mais minha filha, eu não sei o que vamos fazer” (E4)

“Ela me falou chorando, falou que tava insegura” (E6).

ANÁLISE

A insegurança, irmã do temor, aqui se desoculta nas ações das mães das jovens, ante o impacto da situação que surgiu. Dessa maneira, às vezes se escondem no choro, outras, na verbalização da sua impotência (“não saber como ajudar”) no medo da reação do esposo, e, na declaração explícita da sua insegurança.

INTERPRETAÇÃO

A insegurança das mães, percebida pelas filhas, denuncia uma tentativa delas de se encontrarem, em nível fenomenológico, ou seja: “estarem em sintonia” com o sofrimento da filha, embora confessem a sua impotência. Acompanhando esse “encontrar-se” está a experiência dolorosa da angústia que elas passam nos seus discursos para as filhas.

B - 5.5 - REVOLTADA - PRECONCEITUOSA.

“No começo a minha mãe ficou revoltada e triste” (E2)

“Ficar grávida sem casar é uma puta na família” (E2).

“Foi o que a minha mãe achou: eu ia ficar mal falada, que morria de vergonha dos vizinhos” (E2)

“Foi o que a minha mãe achou: eu ia ficar mal falada, que morria de vergonha dos vizinhos” (E2)

“ Minha mãe me xingou tanto, que eu não devia ter feito aquilo” (E4).

“Ela, com sua revolta ... Eu gosto dela” (E5)

“Eu sei que ela ficou revoltada, ela devia ter outros planos pra mim” (E6).

ANÁLISE

Emerge à clareza da compreensão do Discurso das jovens, a observação da situação de revolta das mães, no seu modo de verbalizar e na sua maneira de sentir (“ficar triste”). Também elas, na percepção das jovens, apresentam-se como figuras preconceituosas, visto terem colocado, sem rodeios, os valores sociais (evidentemente com o selo do preconceito).

Nesse instante, mostra-se a face mais cruel de um valor social incorporado (muito possivelmente nas classes de menor poder sócio-econômico): grávida, sem casar, equívale a não ter moral, tendo, como alternativa ou destino, as sendas amargas da prostituição.

INTERPRETAÇÃO

Em sua constituição essencial de “ser-no-mundo,” na sua “facticidade”, as mães mostram nesse momento, a crise maior da sua angústia espelhada pela revolta e pelo preconceito. Dominadas pelo preconceito, tornam-se “seres-contra-os-outros”, quando o mundo parece nada mais poder oferecer, inclusive a condição de co-existência (“mitdasein”) com os outros. Perdem-se na “impropriedade”, na medida em que passam a viver pelos valores impostos, não oriundos de si.

B - 5.6 - COMPREENSIVA

“Minha mãe falou com meu pai pra eu ficar em casa” (E1)

“A minha mãe fez uma proposta, dela cuidar da criança pra eu ir trabalhar. Ela tenta me ajudar de qualquer maneira” (E2).

“Ela disse ter ficado chateada, que ia enfrentar comigo, que eu me preparasse pra reação das pessoas” (E4).

“Mesmo assim,ela disse:“Vamos lá, nós vamos lutar. Já aconteceu” (E5).

“Minha mãe, com toda confusão me falou que não ia me abandonar” (E6).

ANÁLISE

A compreensão das mães, em relação à situação das filhas, está carregada de uma série de tomadas de posições: tentativa de trazer para o lar quem o pai rejeitou; proposta de cuidar da criança que vai nascer e estímulo à luta para o enfrentamento da nova realidade das vidas das jovens grávidas. Representa a percepção do momento das afinidades e da valorização das pessoas, algo de um valor profundamente positivo.

INTERPRETAÇÃO

Processam-se, de acordo com os discursos supramencionados, o desvelar do entendimento e da construção. As mães, nesse instante de suas vivências, no seu modo de ser, escolhem-se (tomam decisões por si mesmas) e adquirem propriedade, não se alienando, não perdendo a sua singularidade, enfim, ganham domínio de si mesmas.

B - 6 - PERCEPÇÃO DOS IRMÃOS E / AMIGOS

B -6.1 - MANIFESTAÇÃO DE HIPOCRISIA

“Eu não sou nenhuma perdida porque estou grávida e solteira. Pecadora é a senhora que reza e comunga e sai falando dos outros. Deixe de ser falsa” (E2).

“Na casa da minha tia ficam na maior falsidade. Meu tio me pergunta se eu não vou me casar, se eu não tenho vergonha” (E3).

“Minha irmã fez o que fez e fica condenando” (E3).

“Achei falsidade mesmo da Célia. Eu sei que ela transa, mais não ficou grávida, e dá uma de santinha. Ela é direita e eu sou uma perdida?” (E5).

ANÁLISE

Nessas falas, observa-se o surgimento da hipocrisia denunciada pelas grávidas, associada à pseudo-atitude de parentes ou pessoas do seu meio social. Permeia esses discursos, o questionamento em relação à atitude contraditória: ser rotulada de “pecadora” ou “perdida” por pessoas que não têm condições morais para fazer “tal enquadramento”.

INTERPRETAÇÃO

Nas suas relações intra-mundanas, observamos que as jovens deixam entrever nesse momento, a sua reação e indignação ante a hipocrisia que detectam nos seres que vivem na impropriedade, enquanto seres-aí-no-mundo que se mostram em consonância com os valores impostos e anônimos. Por outro lado, aparece a reação das grávidas na

sua possibilidade de Ser-aí, no momento em que não se entregam ao temor da opinião dos outros.

B - 6.2 - AGRESSIVOS

“Meu irmão um dia me xingou. Só a minha madrinha e minha mãe não me xingam” (E2).

“A minha irmã me xingou que eu não tinha juízo e ela teve” (E3).

“Naquela confusão, o meu irmão mais velho, de 28 anos, disse que se eu fosse filho dele, ia me dar uma surra, porque eu não me comportei como uma moça direita” (E5).

ANÁLISE

A agressão percebida nesses momentos mostra a sua face na expressão oral de componentes da família, todos eles, certamente presos a valores comportamentais em relação ao sexo (“não se comportar como moça direita” ou seja: teve relações sexuais e engravidou) dentro de uma postura pseudo-moralista.

INTERPRETAÇÃO

Na reação agressiva percebida, os seres em questão: irmã e irmão, envolvidos pelos valores do seu meio social, mostram-se, enquanto “seres-com-os-outros”, um modo deficiente de ser. Como seres lançados no mundo, na sua situação afetiva peculiar (no caso, de raiva), existencialmente estão inseridos no mundo concreto de valores e de relações, atrelado às marcas indelévels do preconceito.

B - 6.3 - VERGONHOSOS

“Meu irmão disse que não ia à escola, que eu era culpada de ele passar vergonha” (E3).

“A Célia falou que não ia sair comigo, porque as meninas ficavam falando e pegava mal” (E5).

“E, esse meu irmão falou que eu era a vergonha da família, que eu era a primeira a me perder” (E5).

ANÁLISE

Observamos, nessas manifestações, a marca importante de um ônus que recai sobre as jovens grávidas: a CULPA de uma situação estabelecida. O rótulo da culpabilidade é mais extensivo: vai até à mácula na honra da família e o comprometimento da suposta boa reputação das integrantes do grupo a que pertence.

INTERPRETAÇÃO

Nesses casos, ante a rotulação imposta pelos outros, as grávidas não deixam de permanecer como “seres autênticos”. E, assim permanecem, ao perceberem o outro no seu espaço, tornando-se presentes, embora com atitudes marcadas pelo preconceito, que é irmão da discriminação. Enquanto “seres-aí”, não se deixam aprisionar na rede de agressões.

B - 6.4 - REJEITADORES

“Meu irmão, um dia me xingou e disse que eu tinha que casar, na escola ele não ia mais” (E3).

“Os meninos falaram pro meu irmão mais velho que ele tem uma irmã mulher da vida” (E3).

“Aí, eu irmão falando tudo aquilo, eu me senti um lixo. Sem valor nenhum, sabe?” (E4).

“O meu irmão me rejeitando, me achando a ovelha negra.

A gente se sente rejeitada mesmo” (E6).

ANÁLISE

Nas falas, aqui colocadas, percebemos a rejeição, de maneira clara, mostrada na força da palavra agressiva e rotuladora. A palavra acompanhada da violência da estereotipação (“ovelha negra”, “mulher da vida”) marcam de maneira indelével essas jovens.

INTERPRETAÇÃO

É de se observar, de maneira muito explícita, a fragilização do eu dessas grávidas, nesse momento, que no seu modo de Ser-aí pagam um elevado tributo à rejeição de sua condição de “estar grávidas”. Em termos sentimentais; de auto-valorização, quando, alienando-se de si mesmas (“me senti um lixo”, “sem valor”) caminham em direção à angústia que lhes esmaga.

B - 6.5 - PRECONCEITUOSOS

“Tudo me humilhando, só minha madrinha e minha mãe não me xingam” (E3).

“Coitadinha, tão nova e já se perdeu” (E3).

“Aquilo do meu irmão me chamar de errada, que não soube se comportar, só porque eu fiquei grávida, era humilhação, preconceito mesmo” (E4).

“Quando ela me falou aquilo, a minha melhor amiga me isolando, eu vi que era preconceito mesmo” (E5).

ANÁLISE

Os sujeitos que gravitam em torno das jovens, nesses Discursos, apresentam-se e são notados como preconceituosos, revelando-se na expressão da falsa moral, promotores do isolamento social e despertadores dos sentimentos de humilhação. Há, por parte das grávidas, uma consciência cristalina desses eventos.

INTERPRETAÇÃO

Na compreensão da presença do outro, (aqui, o irmão ou a amiga) as jovens não deixam, no seu inter-relacionamento de ser-com, condição essencial de existirem. Nesse ser-com, ao sentirem-se isoladas do contexto, aprecia-se o processo da coexistência em desarmonia.

C - PERCEPÇÃO DAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS

C -1 - IGREJA

C -1.1 - REJEITADORA

“O padre falou que eu estava em estado de pecado. Que eu não tinha juízo; porque Deus quer o homem e a mulher unidos no casamento, que eu não devia ter feito aquilo” (E6).

“Ele foi lá no colégio em Guará, e trancou a minha matrícula. Não deixou eu me despedir das minhas amigas e das minhas professoras e me trouxe para Pinda” (E6).

ANÁLISE

A rejeição por parte da Igreja, aqui demonstrada pelo seu representante que por ela fala, de fato e de direito, no nosso entender, prende-se ao dogmatismo da religião católica que preconiza o direito ao uso da sexualidade após o casamento, com vistas ao papel reprodutor da mulher.

Observa-se a incontinenti reação imediata à transgressão dessa regra: exclusão social (da escola) e o “exílio” forçado.

INTERPRETAÇÃO

A figura do religioso, que traz consigo os valores e interesses da classe dominante e privilegiada (o clero), com forte ascendência nas classes sociais menos privilegiadas, (como é o caso da jovem enfocada) mostra uma teodicéia conservadora, com sua expressão simbólica e concreta de dominação. A Igreja Católica, na figura desse padre,

expressa o mundo religioso na sua forma normativa (através de preceitos, normas e obrigações). E, esse mundo religioso exerce um forte poder de decisão autoritário, consolidando o conceito de que existe a legitimização religiosa de um exercício de dominação.

Não há o encontro, nem o esperado advento da harmonia por parte do religioso. A jovem passa a “ser-com-o-outro” de maneira inautêntica, entregue à passividade, sem meios de surgir para si mesma.

C - 1.2 - APOIO

“O pastor falou com o meu noivo” (E5).

“O pastor me falou que não ia deixar de dar apoio” (E5).

ANÁLISE

Nesse Discurso, constata-se um esboço de solidariedade expressa nas atitudes da figura que encarna a religião: o pastor, que verbalizou, de maneira clara o seu apoio à jovem que se encontra diante de um momento existencial difícil. O pastor, nesse caso, nos mostra de uma certa maneira, a função social da religião como integradora, embora, como componente do mundo religioso presente, certamente ele veicule também conjuntos de valores e normas.

INTERPRETAÇÃO

Na sua relação religiosa, projetando uma concepção igualitária, baseada certamente nos princípios da fraternidade, o pastor vai de encontro à jovem. Estabelece uma relação intersubjetiva a qual, certamente, possibilita condições de desvelamento, na forma da aceitação do outro. Presencia-se, nesse momento, a situacionalidade da figura religiosa que traz consigo a segurança de que a jovem necessita para se mostrar um ser autêntico.

C - 2 - ESCOLA.

C - 2.1 - REJEIÇÃO

“Os meus pais me tiraram da Escola, porque a Diretora falou para ele que era melhor pra mim, porque o comentário era grande” (E5).

ANÁLISE

Na clareza e simplicidade desse Discurso, a figura da Diretora, aqui, corporificando a autoridade do sistema educacional, mostra a ideologia autoritária e discricionária do mesmo.

Certamente, a jovem não atende (de acordo com a atitude assumida pela Diretora) às expectativas da Escola, seria o “aluno diferente”, cuja presença, efetivamente constituiria um estorvo, em virtude da situação “nova” por ela criada. Percebe-se, nas entrelinhas da fala dessa autoridade escolar, que a sua ação educativa está fundamentada na corrente ideológica que considera a Escola como mera transmissora de conhecimentos formalizados, sem maiores interesses de contribuir para o desabrochamento do ser humano como tal, em sua totalidade.

INTERPRETAÇÃO

Notamos, nessa fala, ao se contemplar a atitude da Diretora da Escola, que, enquanto educadora não tem a noção de que a educação constrói-se no existir cotidiano, em situações de troca de saber e afetividade. Com certeza, no contexto dos valores tradicionais da educação (onde possivelmente estão os valores referenciais dessa Diretora), esta se faz presente, infelizmente, no espaço da inautenticidade. Seria de importância fundamental para o seu crescimento, o conhecimento de que o ato de educar é construir um espaço em que os seres, “estando uns-com-os-outros”, em situação de envolvimento, possam exercer as suas potencialidades em sua plenitude.

4.6 - SÍNTESE DAS INTERPRETAÇÕES.

Para elaborar essa fase do trabalho, tomaremos como ponto de partida, o vivido das jovens grávidas, procedendo a uma revisão das Categorias: Sentimentos e Percepções, momento em que destacaremos aspectos emergentes que foram constantes nos discursos dessas pessoas. Esses aspectos foram aparecendo a partir das interpretações não estando, imediatamente aparentes no momento em que foi descrito no relato ingênuo.

Dessa maneira, com o surgimento da gravidez, há nos discursos, por conta da reação à transformação da imagem corporal, e o advento do drama de serem-si-mesmas, ou serem-consigo-mesmas, a franca rejeição ao corpo. Por outro lado, a rejeição à gravidez em si é sentida não só pelo receio do desempenho de um novo papel, o deixar de sentir-se criança, mas, também pelo medo em relação à perspectiva futura.

No seu modo de ser surge o momento difícil da nova situação de vida a ser enfrentada. Além disso, desvelam-se aspectos particulares de medo e insegurança, que nessas falas estão associados à noção de temporalidade expressa pelo receio do desconhecido que lhes reserva o porvir. A vergonha se faz presente quando essas jovens, ao se sentirem diferentes de outras do seu mundo (nos aspectos de corpo e comportamento) tem, como consequência imediata, a decisão do afastamento.

No que se refere à figura materna, as grávidas, na sua relação intersubjetiva, ora se encontram em estado de ânimo levantado, em atitude de amor e piedade e, algumas vezes, em estado de raiva.

Os sentimentos de piedade e amor estão intimamente ligados à questão da espacialidade no meio familiar, em que elas no seu "ser-com" embora de maneira deficiente, e à temporalidade, em que aqui, há uma tomada de consciência de que, no seu agir, elas foram agentes causais

da frustração da perspectiva de futuro que as mães haviam idealizado. É de se notar, que emerge nessa relação mãe-filha, no instante em que ocorre a carência do diálogo, a falta de participação afetiva e ausência, que indubitavelmente irão dar origem à angústia e aos sentimentos de decepção, falta e raiva.

Não se deve olvidar que nesse inter-relacionamento mãe-filha há momentos difíceis de coexistência, expressos pela vergonha, em função de algumas jovens se sentirem culpadas (pelo fato de estarem grávidas) e pela censura imposta pelo mundo de relações, momento em que, entregues ao julgamento dos outros, elas passam a percorrer as trilhas da inautenticidade.

No que se refere à criança que ainda não nasceu, no sentido biológico-obstétrico, mas já é parte integrante do seu mundo, em termos de existencialidade, há todo um sentimento de encontro, as jovens se constituem-si-mesmas, na proporção em que demonstram conscientização do valor da criança, expressando-a através da afetividade como preocupação, sendo-com-o-outro, como quando se constituem seres doadores de afeto. O amor e a aceitação de quem vem partilhar do seu mundo revela uma atitude de acolhimento, de abertura de si-para-o-outro, promovendo um crescimento do seu eu. E, a expressão maior desse amor pode ser observada na franca rejeição à prática do aborto, que lhes traz medo do sobrenatural -Deus-, e, muito mais do que isso: reporta-as ao direito à vida, pois nesse momento marcante do seu existir, o aborto significa deixarem de ser-si-mesmas e passarem a ser-contra-o-outro.

Na forte relação com a figura do próprio pai, os sentimento situam-se em pólos distintos: identificação e rejeição, passando pelo ódio. Ao se identificarem com o pai, mostram uma abertura solícita, no sentido de ser-com-eles, na maneira como eles realmente são, demonstrando um bem-querer que suplica pela reciprocidade de afeto. Por outro lado, em

algumas falas, instala-se a rejeição, motivada não só pela violência física do pai, mas, pela não participação, verificando-se a angústia da solidão.

O vazio, o distanciamento afetivo da figura paterna (mais uma vez, apreciamos a noção da espacialidade), provocam o surgimento, em alguns discursos, dos sentimentos de revolta e ódio, uma vez que, para elas parece não existir o mundo partilhado-com-o-outro.

Encontros e desencontros surgem nas falas referentes aos parceiros. Algumas vezes, presencia-se a segurança, dada pela proximidade deles, nos gestos e sentimentos, num vivenciamento espacial harmônico. Noutras, a angústia vem rondar, surgindo a decepção pela ausência de sintonia, dessas jovens que, não conseguindo incorporar o bem-querer do outro, passam a vivenciar um instante de fragilização pessoal.

A não correspondência e o sentimento de revolta vêm à tona, sobretudo quando percebem o não cumprimento da ética (não assumir junto a situação de gravidez), levando as mesmas, conforme verbalizam, ao domínio das mágoas, sentindo não fazer parte do cotidiano do outro.

Entretanto, ao sentirem o amor próprio ferido, e constatarem a morte da paixão, ocorre por parte de algumas jovens, o aparecimento do sentimento de rejeição aos parceiros, fazendo com que, elas se entreguem ao exercício da autenticidade, ao tomarem, por si mesmas, a decisão do afastamento, momento esse de afirmação e crescimento.

Os sentimentos em relação aos irmãos e/amigos variam da revolta à vergonha. A revolta que aparece é ditada pela rotulação discriminatória ("errada", "pecadora") e atos contraditórios cunhados pela hipocrisia.

Todavia, essa revolta faz com que elas, ao reagirem de maneira veemente, embora magoadas, ao perceberem o distanciamento, tomem-se autênticas, não capitulando ante a ditadura reacionária dos outros. Ao verbalizarem a sua decepção (que tem origem na desilusão, no afastamento, no sentirem-se rotuladas e desprezadas), de uma certa

maneira, as grávidas tomam consciência do seu valor, ganham-se, mesmo numa circunstância de coexistência difícil.

A vergonha sobrevem, máxima pela pressão dos valores do mundo exterior, no instante em que elas colocam em si a culpa, suscitando, de imediato, uma nova reação: a raiva. Esse sentimento alicerçado no repúdio à censura e à pseudo-moralidade, à hipocrisia, possivelmente as conduz à recuperação, aos trilhos do viver autêntico, promovendo o crescimento desse Eu, o qual anseia tão somente ser-si-mesmo no mundo duro, cruel, mas que deve e tem que ser experienciado.

Os sentimentos concernentes ao mundo religioso desvelam-se sob a forma de confiança, medo e esperança. A confiança surge quando esse “Deus” simboliza a possibilidade de perdão, auxílio, proteção, condicionada (ao reconhecimento do “erro”, à auto-atribuição da “culpa”). É nesse momento em que ela enxergam a sua relação harmônica com a Divindade, simbolizando fonte de ajuda, favorecendo a sua maneira de ser com a Divindade no modo da aceitação.

Por outro lado, o temor em relação ao Ser Superior está intimamente ligado à prática do aborto, que, no imaginário das jovens, irá despertar a ira e o castigo, além da punição que, provavelmente ocorrerá se a criança for abandonada, mostrando, de maneira explícita, a força do poder Divino influenciando essas jovens no seu modo de Ser-aí-no-mundo.

Surgem em alguns discursos, fato que merece registro também, a figura de “Deus” como elemento doador de esperança e bonança, mas, sempre condicionado ao reconhecimento dos erros, ditado pelos valores teológicos judaico-cristãos. Não é, portanto, um “Deus” só perdão, e só esperança. No seu “ser com” o mundo espiritual, apresentam um modo de ser na crença, ou na esperança de um ser doador de coragem e perdão.

Quando nos detemos nos resumos das interpretações da Categoria Percepções (conquanto já tenhamos afirmado que não existe essa dicotomia - Sentimentos e Percepções - há um entrelaçamento entre eles, estão em relação dinâmica, porque dinâmico é o ser humano com a sua riqueza de encontros e desencontros) os fenômenos se desvelam, facilitando-nos e aumentando a compreensão do que foi vivido, concretamente, pelas jovens que integram o nosso estudo.

No que diz respeito à percepção dos parceiros, pelas jovens grávidas, algumas vezes, eles aparecem como figura do pai com sua riqueza de encontros e desencontros, os fenômenos se desvelam, facilitando-nos a compreensão do que foi vivido concretamente pelas jovens que integram o nosso estudo. No que concerne à percepção dos parceiros, algumas vezes eles aparecem como a figura do pai substituto, protetor, e outras vezes, desvelam-se como rejeitadores e agressivos. Assim, é que se observa que em alguns momentos, na compreensão deles que elas têm uma abertura, como se estivessem representando o pai idealizado simbolizando proteção, e, noutras falas, com atitudes concretas de agressividade e violência. Por vezes, esses entregam-se à omissão, acarretando nas grávidas a consciência de falta de vibração e envolvimento, mostrando atitude de rejeição à nova situação de vida que não desejam enfrentar (a gravidez) ou repulsa à figura do outro (a criança) que, por certo, em termos de espacialidade, será um ocupante desse "locus afetivo" que não quer dividir.

É importante ressaltar que se estabelece um coexistir harmônico, quando essas jovens, em alguns discursos, percebem de seus parceiros a maneira solícita de estar junto, de conceder proteção numa atitude de zelo, preocupação, para com elas.

A percepção que elas têm de si mesmas é manifestada de diversas formas. Acreditam ser crianças, com seu mundo de sonhos e fantasias, transcendendo tempo e espaço, num retorno a um mundo onde tenham a

concretude de um viver sem as asperezas do sofrimento. Contudo, na sua maneira preocupada de existir, percebem-se donzelas, ao se contraporem contra o forte valor social da virgindade (perdida), buscando serem-si-mesmas. Nessa procura, protestando contra a rotulação, ao se notarem prostitutas, gritam contra a falsa moralidade, não caindo na impropriedade, ou seja: não se deixam ser dominadas pelos valores impostos pelos "outros". E, ao mostrarem, em algumas falas, a consciência que têm de serem mulheres fortes (embora relacionem essa fortaleza ao auxílio da Divindade) como seres, tomam decisões próprias, não permitindo que as possibilidades do seu ser sejam dispostas pelos "outros".

No que diz respeito a como a figura paterna se lhes parece, estes estão colocados no patamar comum da omissão, revolta, preconceito e da agressão.

Sendo-no-mundo com os pais, é percebido o clima de agressividade física e verbal dessas pessoas, que se perderam no falatório e na curiosidade dos outros, estes se entregaram totalmente a um possível valor social vigente: a filha grávida representa transgressão ao seu código de valores. Permeia essa relação a ausência da aproximação, havendo, pois, um real distanciamento promovido pelo pai, quando este, por seu próprio egoísmo, passa a viver num mundo pouco compartilhado. Por outro lado, a crueldade paterna é observada, não só pelo distanciamento estabelecido, como pela percepção da vingança que se faz presente. Esse ser-com do pai, de um modo deficiente, faz com que desmorone a ponte de entendimento entre os dois.

Os pais, entregues aos valores do mundo circundante, e, por sentirem as filhas frustrarem os seus planos futuros em relação a elas, mostram, sob a forma da agressão (verbal ou física) a sua revolta, e, mais do que isso: o preconceito que advém da falsa moralidade que portam consigo.

A percepção de Deus está sempre fortemente vinculada à ideologia Judaico-Cristã: o Deus punitivo ou compreensivo que auxilia, com base na condicionalidade. Deus se lhes parece compreensivo, na medida em que, as jovens, na relação com a criança, sendo-com-a-criança estão sendo-com-Deus. No momento em que ela é um Ser-contra-a-criança (por exemplo, na tentativa de aborto, ou abandono) aí vem o Deus punitivo, e passa a ser Deus-contra-elas-mesmas.

O Deus compreensivo, que concede perdão e compreensão, manifesta-se em alguns Discursos, sob o condicional das boas atitudes (“assumir os erros” para dar um bom exemplo). Ao se deixarem apoiar pelas pilastras da moral Judaico-Cristã (“Deus está presente para quem reconhece os seus erros”), na sua condição de ser-com-a Divindade, elas deixam perceber uma entrega aos valores dogmáticos da religião.

A mãe, por sua vez, é notada, assimilada sob diversos matizes: indo de figura compreensiva até o polo oposto: raivosa e preconceituosa. Enquanto raivosas, são percebidas como seres aprisionados pela raiva, que partem para o falatório, perdendo a capacidade de domínio e serem-si-mesmas. Ante a violência física e verbal dos maridos, aparecem como figuras fracas, que permanecem na passividade, perderam-se e passaram a existir em referência aos outros.

Por conseguinte, desvelam-se submissas, e, aqui, observa-se a dualidade das reações: inicialmente, mulher-mãe esmagada pelo arbítrio do machismo dos esposos, depois, passando a ser-si-mesma, ganhando-se na autenticidade, ao reagirem ante a situação de domínio masculino.

Não se pode perder de vista, em alguns Discursos, a revelação da insegurança dessas mães, manifesta sob a forma de choro, do medo à reação dos esposos, e, até da verbalização da sua impotência, demonstração inequívoca de uma situação de “descaimento” dessas mulheres, possivelmente massacradas pelo peso da angústia de presenciarem a experiência sofrida das filhas.

Em outras falas, mostram-se para as filhas grávidas, dominadas pela revolta. Essas mães entregam-se aos valores impostos, caem nas malhas do preconceito discriminatório (“ter filha grávida sem casar é ter prostituta em casa”, para exemplificar), perdem a sua condição de coexistência pacífica e passam a ser-contra-o-outro.

Entretanto, ao se desvelarem compreensivas, numa condição de sintonia com o mundo de sofrimento das filhas, elas ganham domínio de si mesmas, e, de acordo com as atitudes assumidas passam a ser solícitas para com elas, numa atitude de diminuir o distanciamento afetivo.

Na sua relação de intersubjetividade com irmão e/amigos, não há polarização no que as jovens grávidas percebem. Estes se lhes aparece como seres que habitam o terreno comum dos hipócritas, agressivos, preconceituosos e rejeitadores.

Os seres hipócritas, que se apresentaram na relação com as jovens, traziam a marca da rotulação, sendo, portanto, inautênticos uma vez que se mostraram portadores de valores anônimos. Nesse contato, acontece em alguns discursos, a reação das grávidas, ao enfrentarem as agressividades da realidade do momento.

Na medida em que os irmãos e/ou amigos foram percebidos como agressivos, com atitude pseudo-moralistas, eles demonstraram explicitamente, um modo de ser-com, visto que se encontravam sob as amarras de valores sociais cristalizados e discriminatórios (por exemplo: “moça direita não tem relação sexuais e nem engravida com qualquer um”).

Certamente, ao se mostrarem vergonhosas, essas pessoas promovem um alteração espacial (afastamento das pessoas, e, da escola), perdidos na ditadura dos valores dos outros (“honra manchada pela gravidez da irmã solteira) e jogando os dardos da culpa sobre as grávidas, certamente para se eximirem dos seus atos culposos.

Diante dos rejeitadores e preconceituosos, as jovens grávidas pagam elevado tributo: são marcadas pela violência incontestada da estereotipação (“ovelha negra”, “mulher da vida”), caminhando num descaimento, em direção à angústia, e, embora vivendo uma relação espacial desarmônica, não deixam de ser-com-os-outros, conquanto se instale a coexistência conflituosa, e, por vezes agressiva.

Quando apreciamos a percepção da Igreja, representada de um lado por um padre (Igreja Católica) e, por outro, por um pastor (Igreja Evangélica), nesse momento, observamos a bipolaridade de atitudes existentes: rejeição e apoio.

No que é concernente à figura da Igreja rejeitadora, vamos contemplar uma jovem e um padre em rotas opostas. O primeiro, certamente preso ao dogmatismo vigente, como representante de um sistema social poderoso, toma atitudes violentas que colidem com o direito de ser do outro. É uma pessoa que, armada dos poderes arbitrários, aniquila o outro. Por sua vez, a jovem entregue à passividade, deixa de ser si mesma e se deixa carregar no domínio dos valores do outro. Todavia, há o discurso da outra figura religiosa (o pastor) indo ao encontro solícito com a jovem grávida. Possivelmente, inicia-se uma relação intersubjetiva com as características das atitudes fraternas, possibilitando certamente, que a jovem grávida, possa crescer e mostrar as suas potencialidades.

A Escola, observada sob a ótica de um único discurso mostra conforme a verbalização da representante do sistema educacional (a diretora), certamente respaldada pela ideologia autoritária e excludente (vigente atualmente) que não procura ser-com-o-outro. Não há comprometimento, envolvimento, nem a instituição espacial afetiva. A educadora ao estar atrelada aos valores de uma ideologia educacional dominante, permanece um ser distante-de-si-mesma, uma pessoa descompromissada com a sua missão de ser uma verdadeira educadora,

que, assim sendo, deveria buscar atitudes de compreensão e de envolvimento significativo com a sua educanda.

4.7- SÍNTESE GERAL

Tomando como ponto referencial a Síntese das Interpretações dos discursos das jovens grávidas, e, no entendimento de que elas constituem seres-lançados-no-mundo- na sua condição da facticidade, e, portanto a ele abertas, uma vez que com ele se relacionam na sua situação afetiva, destacamos alguns pontos de alta relevância para a compreensão de sua experiência de gravidez.

Portanto, à luz da DASEINANÁLISE de Heidegger, mostraremos alguns aspectos que surgiram da experiência vivida dessas jovens, no seu modo de serem-si-mesmas, desvelaram sentimentos e percepções captadas em seus discursos.

1 - Na sua situação de coexistência com as pessoas, as jovens grávidas desse estudo, ao trocarem significados, no seu modo de ser, em alguns momentos mostram atitudes solícitas em relação à mãe, ao pai e à criança, encarando-os como seres doadores e receptadores de amor, e em outros instantes revelam, em relação aos atores sociais com quem convivem sentimentos opostos, de rejeição e ódio.

2 - As jovens do nosso estudo, nas suas possibilidades de desvelamento, percebem os outros co-presentes na sua existência, seja na indiferença, seja no distanciamento afetivo (pais, parceiros e amigos)

Como seres lançados no mundo, sendo indubitavelmente “com -os-outros”, nos seus diferentes modos de existir, na sua condição de

cotidianeidade mostram nos seus Discursos, percepções e sentimentos variados na sua irrestrita condição de abertura.

- 3 - As jovens grávidas, indubitavelmente sua condição de “ser-com-o-outro”, na sua relação com a criança, deixam emergir uma forma de preocupação no sentido de estar junto de, para que, numa relação de amor, tenham condições de construir uma nova vida, um mundo melhor, no qual tenham a oportunidade de se desenvolverem, cuidando de si e do outro.

Outra vezes, encontram-se perdidas em si mesmas, ao se entregarem ao julgamento dos outros (o impessoal), como apreciamos nos momentos em que são rotuladas como “perdidas”, “prostitutas” e causadoras da “vergonha da família”.

Esses outros, que são co-presentes na convivência cotidiana dessas jovens, tutelam-nas, nesses momentos, e consolidam o seu poder de dominação.

- 4 - Na estrutura de existencialidade dessas jovens que, a priori, está incluída na cotidianeidade, onde reside o horizonte mais próximo do Ser, verificamos que, no seu modo de ser, reagem, por decisão própria nos momentos cruciais de assumirem a criança e de protestarem, com veemência, ao Discurso discriminatório, sem se deixar dominar pelos “outros”, como elas expressam em alguns discursos, ao serem percebidas como seres “inferiores”, “causadoras da desgraça e da vergonha do seu lar” e “ovelhas negras” de um contexto familiar.

- 5 - Considerando-se a condição de coexistência das integrantes da nossa pesquisa, na sua condição de espacialidade, observamos aproximações e distanciamentos.

Dois fatos relevantes merecem a nossa análise. O primeiro se refere ao momento em que as jovens, ao deixarem de ser-si-mesmas, entregam-se à ditadura dos outros, sem maiores reações (sentem-se rejeitadas, culpadas, rejeitam o próprio corpo, submetem-se ao juízo do padre ou da diretora da escola).

O segundo, diz respeito à recuperação da escolha, quando essas grávidas decidem poder-ser a partir de si-mesmas, vivendo a responsabilidade da sua existência e saindo dos valores do impessoal para si-própria (isso ocorre, por exemplo, quando, em algumas falas decidem lutar pelo filho que virá, ou reagem à rotulação dos irmãos e/amigos, e no momento especial em que se sentem “mulheres fortes”).

6 - O surgimento das Instituições Sociais (além da família) como a Escola e a Igreja, em que os seus representantes deixam aflorar, no inter-relacionamento com as jovens, de uma maneira explícita, uma forte carga de rejeição e discriminação, sobrepondo-se a estas. Assim, ao encobri-las com a fortaleza incontestada das suas ideologias, tendem a fazer com que as jovens caminhem pelas sendas da perda da sua essência e da sua singularidade.

7 - Dentre as grávidas da nossa pesquisa, surge a questão da temporalidade, como horizonte da compreensão do Ser, como elas vivem o seu tempo, a si mesmo, ao seu Ser, ao que lhes diz respeito. Não há um aprisionamento desses Seres nas três dimensões estanques do tempo (presente, passado e futuro). Conduzidos pela luz desveladora da hermenêutica de Heidegger, entendemos que essas dimensões coexistem, que há transcendência de um momento temporal para outro. Dessa maneira, vamos compreender que essas grávidas, na sua condição de ser-no-mundo e na compreensão do ser

histórico que elas realmente constituem, mostram-nos a dimensão do presente. Nas falas em que tornam claro algo que afeta e marca a sua existência, que é o vir-ao-encontro de-si-mesmo, subsiste a idéia de passado. E, nos discursos em que se abrem para as suas possibilidades, observamos a perspectiva futural. Ao refletirmos nesse movimento de ser e tempo, teremos condições concretas de compreender que a temporalidade emergente dos discursos desvela o sentido de ser do DASEIN, sendo, por conseguinte o lugar do enaltecimento do ser.

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória desse estudo constituiu-se um processo contínuo de aprendizagem e um ponto de partida na nossa longa caminhada. Não foi nosso intento fazer uma análise filosófica da estrutura transcendental do ser humano enquanto ser-no-mundo. Mas, com base na interpretação de discursos de jovens grávidas, à luz da hermenêutica de Heidegger, chegar ao sentido das formas concretas das suas existências, no momento desse marco de suas vidas: a gravidez.

Esse trabalho representa um esforço com a finalidade de aplicar no Campo de Pesquisa em Saúde Pública, com ênfase na Área Materno-Infantil, o método qualitativo por meio qual se busca uma compreensão particular daquilo que se estuda, sem preocupação com princípios explicativos, leis e generalizações, a priori, colocando o foco de sua atenção centralizado no específico, no individual, almejando sempre a compreensão dos fenômenos estudados.

Ao adotarmos o enfoque hermenêutico-fenomenológico de Heidegger na nossa pesquisa, procuramos trabalhar fenômenos (que se mostram a si mesmos e podem ser trazidos à luz) os quais não podiam ser estudados em termos quantitativos, tais como: o medo, a revolta, o amor, entre outros, uma vez que apresentam variadas e enormes dimensões pessoais, portanto, sendo percebidos, através das descrições dos sujeitos que os experienciaram.

Dessa maneira, apropriando-nos desse tipo de metodologia, é que tivemos a oportunidade gratificante de, ao considerarmos a experiência e vivência da gravidez pelas jovens do nosso estudo, num processo de intersubjetividade, trazer à luz da compreensão, a riqueza incomensurável dos significados.

O nosso trabalho pretende conduzir profissionais de saúde que trabalham na Atenção à Saúde da Jovem Grávida a repensar o paradigma médico-biológico vigente, embasado na visão clínico-obstétrica, voltada para as repercussões materno-fetais do ciclo

gravídico-puerperal nas jovens, entre as quais destacamos: elevados índices de mortalidade materna, e doença hipertensiva da gravidez, além de altas taxas de natimortalidade, prematuridade e baixo peso ao nascer dos seus conceptos.

Torna-se imperioso recuperar a Atenção à Saúde das Jovens Grávidas, através do olhar compreensivo, em que os profissionais de saúde, na sua relação intersubjetiva, sendo-com-as-grávidas, ajudando a serem-si-mesmas, promovam assim uma nova relação médico-paciente.

Esse ser-com, que se dá no mundo partilhado- com-os-outros, com certeza, irá suscitar participação e a condição para o desenvolvimento das jovens em estado gravídico, que muito possivelmente terão melhores condições para se desvelarem e desabrocharem as suas potencialidades.

E, isso se torna possível, a partir do instante em que, numa atitude de solicitude, envolvimento, os integrantes das equipas multidisciplinares de saúde (assistentes sociais, médicos, enfermeiros, psicólogos) sejam seres-para-com-elas, propiciando um clima de abertura, para efetivamente auxiliá-las, nesse marco da sua temporalidade, representado pela gravidez, no mais das vezes, plena de trevas das dúvidas e dos espinhos do sofrimento.

O enfoque DASEINANALÍTICO de Heidegger tenta mostrar um caminho, uma possibilidade para esses profissionais, em, ao crescerem junto com as jovens, recuperarem a Atenção à Saúde da jovens grávidas, a partir do verdadeiro entendimento do genuíno significado de suas existências, significado esse apreendido através do Discurso que é a habitação do ser que elas realmente constituem.

Portanto, “sendo com” as jovens grávidas no modo da aceitação, os que trabalham com esses seres especiais, na dinâmica do seu próprio caminhar, propiciarão um clima de abertura para o desvelamento.

Como já frisamos, continuamos num processo de reflexão e de aprendizado. As dúvidas se avolumam, mesmo porque a verdade é uma luz incerta, e não existem respostas definitivas para a questão do significado da existência humana.

Entretanto, ao término desse trabalho, surge uma certeza: é importante pensar o SER, regressar ao solo da existência, ao concreto, ao mundo das significações vividas. Regressar ao universo edificante do encontro e do cuidado. O convite a essa viagem significa posicionar-se perante normas e verdades absolutas, sustentadas pelo positivismo, que trabalha sempre com fatos (enquanto algo que se torna objetivo, mensurável, rigorosamente estudado) e, nesse trabalho, ao contrário, tratamos sempre com fenômenos (os quais mostram-se a si mesmos dentro de uma situação, carregados de intencionalidades e significados).

Torna-se necessário fugir à entrega total às seduções da tecnologia (sem contudo, abandoná-la) e pensar no existir humano, promovendo o retorno “às coisas mesmas”, para encontrar a essência. Por certo, é uma tarefa em que surgirão obstáculos, o sofrimento das incompreensões, mas, cremos, é compensadora.

Como humanista e poeta, temos consciência de que esse desafio é construtivo por representar um caminho ao crescimento do verdadeiro ser humano, e porque sabemos que, a cada estrela que morre na madrugada, desperta uma flor e desponta a aurora da esperança de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. **Adolescência Normal**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

ALDROVANI, C. L. et alii. Fatores etiológicos de reprodução na adolescência. In: Organização Pan-Americana de Saúde. **Coletânea sobre Saúde Reprodutiva do Adolescente Brasileiro**, 227-237. Brasília, 1988.

ALMEIDA, M.F. **Cuidar de Ser: uma aproximação do pensamento heideggeriano**. S.Paulo, 1995. (Dissertação de Mestrado, PUC).

ANDERSON, C. The lightening shadow: a case of study in adolescent out of wedlok **Jogn Nurs**. Hargestown, 5 (4): 19-22. July/August, 1976.

ARIÉS, P. **História Social da criança e da família** Rio de Janeiro, Guanabara., 1986.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 1980.

BEAINI, Curi, T. **Questões Fundamentais sobre a Linguagem no Pensamento de Martin Heidegger**.S.Paulo,1980. (Tese de mestrado- PUC)

BECKER, D. **O que é adolescência**. Coleção Primeiros Passos (59). São Paulo, Brasiliense, 1985.

BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 4ª ed.Petrópolis, Vozes, 1978, 247 p.

BERLINGER, G. **Medicina e Política**. 1ª ed. Hucitec, São Paulo, 1978.

- BEZERRA, M. L. et alii. Estudo retrospectivo sobre adolescentes grávidas atendidas no I.M.I.P. (PE) no biênio: 1984-1985. In: **Coletânea sobre saúde reprodutiva do adolescente brasileiro**, 249-255, Brasília, 1988.
- BILLUNG MEYER, J. The single mother: Can we help? **Can Nurse**, Montreal, **75** (10):26-28, Nov., 1979.
- BUBBER, M. **Eu e tu**. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.
- CABRAL, A. C. V. et alii. Gravidez na adolescência. **J. Bras. Ginecol.** **95**: 251-253, 1985.
- CAMPOS, J. C. & CARVALHO, H. A. C. A mãe solteira. In: **Psicologia do Desenvolvimento: influência da família**. São Paulo, Cortez & Moraes, 1989.
- CAPLAN, G. Psychological aspects of maternity care. **Amer J. Public Health**, Washington, **47** (1): 25-31, Jan., 1957.
- CAREY, W. B. et alii. Adolescent: age and obstetric risk. In: McAnamey, E. R. (ed.): **Premature adolescent pregnancy and parenthood**. New York, Grune and Stratton, 1983.
- CASTRO MOURA, J. V. Gravidez na Adolescência: Estudo retrospectivo nos anos de 1978, 1982 e 1987 na Santa Casa de Misericórdia de Pindamonhangaba, S.P., 1991 (Dissertação de Mestrado - Faculdade de Saúde Pública - U.S.P.).

CLARK, J. et alii. Adolescent pregnancy - obstetric and sociologic implications. **Clin. Obstet. Gynecol.** 16: 1026-1037, 1971.

CLAURMAN, D. A. et alii. Reaction of unmarried girls to pregnancy. **Canad. Med. Ass. J.** Ottawa, 101: 328-334, Sept., 1969.

CIRIGLIANO, G.F.G. - **Fenomenologia da Educação**. Tradução de Izaina Bezerra. Petrópolis, Vozes, 1969.

COLLI, A. Z. Maduración sexual de los adolescentes de São Paulo. In: Organización Panamericana de Salud, **La salud del adolescent y el joven en las Americas**. Washington, D.C., 1985 p.249-58 (OPS- Publicación científica, 489).

DANIELS, A. M. Reaching unwed adolescent mothers. **Amer. J. Nurs**, New York , 69 (2): 332-335, Feb., 1969.

DELLA NINA, M. Alguns aspectos psicossociais na assistência à gestante diabética. **Ped. Med.**, São Paulo, 19: 231-239, 1984

DOTT, A. B. & FORT, A. T. Medical and social factors affecting early teenage pregnancy. **Am. J. Obst. Gynecol.** 125 532-538, 1976.

ENDERLE, P. S. Who relinquish their children fare better or worse than those who raise then? **Fam Plan Persp.**, 20 (1): 25-32, 1988.

ENDERLE, C. **Psicologia da Adolescência: uma abordagem pluridimensional**. Porto Alegre , Artes Médicas, 1988.

- FISCHMANN, S. H. The pregnancy resolutions decisions of unwed adolescents. *Nurs Clin. North Amer. Philadelphia*, **10** (2): 217-227, June, 1975.
- FORGHIERI, Y.C. (Org) - **Fenomenologia e Psicologia**. São Paulo, Cortez, 1984.
- FORGHIERI, Y.C. Apresentação: Fenomenologia, existência e psicoterapia. In FORGHIERI, Y. C. **Fenomenologia e Psicologia**. S.Paulo,Cortez,1984.
- FORGHIERI, Y.C.- A vivência do tempo em situações significativas frustradoras. **Ciência e Cultura - suplemento 38** (7): 1048, 1986.
- FORGHIERI, Y.C. Significação, espacialidade e temporalidade em vivência de contrariedade intensa. **Ciência e Cultura- suplemento 39** (7): 615, 1988.
- FORGHIERI, Y.C- Contribuições da fenomenologia para o estudo das vivências. **Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia 2** (1): 07-20, 1989.
- FORGHIERI, Y.C. Esboço de um enfoque fenomenológico da personalidade. **Ciência e Cultura- Suplemento 41** (7): 444, 1990
- FURSTENBERG, F. F. **Unplanned parenthood: the social consequences of teenage child bearing**. New York, the free press, 1976.

GAUDERER, E. C. Crianças, Adolescentes e Nós: Questionamentos e Emoções. São Paulo, ed. Almed, 1987.

GIORGI, A. (1970). Psicologia como Ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica. Belo Horizonte, Interlivros, 1978.

GOJMAN, I. et alii. Alto riesgo neonatal en el hijo de madre adolescente y sola. *Obstet. Ginecol. Lat. America*, 37: 327, 1979.

GOMES, H.S.R. - Um estudo sobre significado de família. S.Paulo, 1986. (Tese de Doutorado - PUC- São Paulo)

HEIDEGGER, M. Que é metafísica. Tradução de Emildo Stein, São Paulo, Duas Cidades, 1969.

HEIDEGGER, M. Que é isto, a filosofia? Tradução: Emildo Stein. São Paulo, Duas Cidades, 1971.

HEIDEGGER, M. O fim da filosofia e a questão do pensamento.
Tradução: Emildo Stein. São Paulo, Duas Cidades, 1972.

HEIDEGGER, M. "Sobre a essência da verdade". in. Os pensadores,
Tradução: Emildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, M. "Sobre o Humanismo" in. Os pensadores, Tradução :
Emildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, M. Todos nós ...Ninguém. Tradução: Dulce Critelli, São Paulo. Moraes, 1982.

- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis. Vozes, 1988, 2ª edição.
- HUSSERL, E. **Elementos de uma Elucidação Fenomenológica do Conhecimento in: Os Pensadores**, São Paulo, Abril Cultural, 1981.
- HUSSERL, E. **"Investigações Lógicas"**. in: **Os Pensadores**, São Paulo, Nova Cultural, 1988.
- HUNT, I. I. W. B. **A fertilidade na adolescência: riscos e conseqüências. Population Reports**, Washington, série J. **10**: 169-191, 1976.
- HUNTCHINS JR., F. L., et alii. **Experience with teenage pregnancy. Obster. Gynecol.**, **54**: 1-5, 1979.
- IPLAN/IPLEA/UNICEF. **Gravidez na adolescência**. Publicação Técnica Internacional. Brasília, 1986.
- KANDELL, N. **The unwed adolescent pregnancy: an accident ? Amer. J. Nurs**, New York, **79** (12): 2112-2114, Dec., 1979.
- KLEIN, L. **Antecedents of teenage pregnancy. Clinic Obstet. Gynecol.**, Hargestown, **21** (4): 1151-1159, Dec., 1978.
- LAWRENCE, R. A. & MERRIT, T.A. **Infants of adolescents mothers: perinatal, neonatal and infancy outcome. Semi. Perinat.**, **5**: 19-32, 1981.

- LIPPI, U.G. & SEGRE, C. A. M., Gravidez na adolescência: resultados perinatais. In: Organização Pan Americana de Saúde. **Coletânea sobre saúde reprodutiva do adolescente brasileiro**, 75-78, Brasília, 1988.
- LOYOLA, M. A., **Médicos e Curandeiros**. 1ª ed., São Paulo, Difec. 1984.
- MALDONADO, M. T. P., **Psicologia da gravidez, do parto e puerpério**. Petrópolis, Vozes, 1976.
- MALRIEU, P., **Language y representación**. In: Bronckart, J. P., **La genesis del language: du aprendizaje y desarrollo**. Madrid, Pablo del Rio, p. 67-75, 1977.
- MARCON, S.S. Vivenciando a gravidez.S.Paulo,1991. (Dissertação de Mestrado -. PUC)
- MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia. Fundamentos e recursos básicos**. São Paulo, Editora Moraes Ltda, 1989.
- MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V . **Estudos sobre existencialismo, Fenomenologia e Educação**. São Paulo, Editora Moraes Ltda, 1983.
- MARTINS, J. (org) **Temas fundamentais de Fenomenologia**, São Paulo, Editora Moraes Ltda, 1989.
- MATHIAS, L. et alii. Complicações obstétricas nas primigestas precoces. **Clin. Obst. Bras.**, 3 (2): 437-440, 1980.

MC ARNARNEY, E. R., et alii. Obstetric, neonatal and psychosocial outcome of pregnancy adolescent. **Pediatrics**, 61: 199-206, 1978.

MC ANARNEY, E. R., Adolescent mothers and their infants. **Pediatrics**, 73: 358-362, 1984.

MC ANARNEY, E. R., Adolescent pregnancy and childbearing. **Pediatrics**, 75: 973-975, 1985.

MERLEAU PONTY, M. **Fenomenologia da Linguagem** in: **OS Pensadores**, São Paulo, Abril Cultural, 1974.

MERLEAU PONTY, M. **O homem e a Comunicação**. Tradução de Celina Luz. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1974.

MERLEAU PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. S. Paulo, Hucitec-Abrasco, 1992.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

OLSON, R.G. **Introdução ao Existencialismo**. Tradução de Djalma Forjaz Neto. São Paulo, Brasiliense, 1970.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **El embarazo y el aborto en la adolescencia**. Série de informes Técnicos. Ginebra, nº 583, 1975.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Higiene de la reproducción en la adolescência: Procedimento para la planificación de investigaciones sobre servicios de la salud.** Publicación off set. 77. Ginebra, 1983.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **La salud del adolescente y el joven en las Americas.** Publicación científica de la O.P.A.S., nº 489, Washington D. C., 1985.

ORLANDI, E.P.- **A Linguagem e seu Funcionamento. As formas do Discurso.** Campinas, Ed.Unicamp, 1987.

OSSOFSKY, J. D. & OSSOFSKY, H. J. **Teenage Pregnancy: psychosocial considerations.** *Clinic Obstet. Gynecol.*, Hargstown, 21 (4): 1161-1173, Dec., 1978.

PANZARINE, S. et alii. **A systems approach to adolescent pregnancy.** *Jogn Nurs.*, Hargestown, 10 (4): 287-289, July/August, 1981.

PENCHASZADEH, V. & MARQUEZ, M. **La investigation en la salud materno-infantil y reproducción humana.** *Educ. Med. Salud*, Washington, 11 (1): 41-49, Jan/Mar., 1978.

PINTO E SILVA, J. L. **Gravidez na adolescência: conduta frente à anticoncepção e ao sexo.** *J. Bras. Ginecol.*, Rio de Janeiro, 90 (6): 283-287, Jun., 1980.

PINTO E SILVA, J. L. **Fertilidade na adolescência.** *J. Bras. Ginecol.*, Rio de Janeiro, 91 (2): 119-123, Fev., 1981.

PINTO E SILVA, J. L. Contribuição ao estudo da gravidez na adolescência. Campinas, 1982, 123 p. (Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP).

PINTO E SILVA, J. L. Aspectos pediátricos da gravidez na adolescência. **J. Bras. Ginecol.**, 94 (8): 319-326, 1984.

PINTO E SILVA, J. L. et alii. A multigravidez na adolescência. In: Organização Pan-Americana de Saúde. **Coletânea sobre saúde reprodutiva do adolescente brasileiro**, 101-111, Brasília, 1988.

RICOUER, P. **O conflito das interpretações: ensaios de hermêutica**. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1978

ROMEIRO DOS SANTOS, M.I. Identidade: uma questão de cotidianidade. Uma leitura heideggeriana da Identidade. S.Paulo, 1994. (Dissertação de Mestrado - PUC)

SARREL, & KLERMAN, L. V. The young unwed mothers: obstetric results of a program of comprehensive care. **Amer. J. Obst. Gynecol.**, Washington, 105 (4): 575-578, Oct., 1969.

SCHUTZ, A. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

SILVA, A.T.- Sentido dos Existenciais básicos para Heidegger. S.Paulo, 1991. (Dissertação de Mestrado-PUC)

SOIFER, R. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1980.

SPINK, M. J. P. **As Representações sociais e sua aplicação em Pesquisa na Área de Saúde.** (Mimeo) , 1989.

STANLEY, M. G. & PETZOLD, S. A. Characteristics of the mother and children in teenage pregnancy. **Amer, J. Dis. Child.**, 137: 365-372, 1983

STEIN, E. **Compreensão e Finitude.** Porto Alegre, Editora Ática 1967.

STEIN, E. **Seis Estudos sobre "Ser e Tempo"**(Martin Heidegger), Petrópolis, Editora Vozes, 1988.

STEINER, G. **As idéias de Heidegger.** Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, Editora Cultrix, 1978.

SUCUPIRA, A. C. S. L. **Relações médico-paciente nas instituições de saúde brasileiras.** S. Paulo, 1981. (Dissertação de Mestrado-Faculdade de Medicina - U.S.P.).

VALENTE, C. A. et alii. **Assistência pré e perinatal à mãe adolescenter.** J. Bras. Ginecol., Rio de Janeiro, 83 (5): 229-235, Maio, 1977.

VALENTINI, L. **Um discurso popular. Uma leitura fenomenológica.**São Paulo, 1984. (Dissertação de Mestrado. PUC)

VISCOTT, D. **A Linguagem dos sentimentos.** Tradução de Luiz Roberto S.S. Malta. São Paulo, Summus, 1982.

VITIELLO, N. **Gestação na Adolescência.** **Femina**, Rio de Janeiro, 9 (7): 527-532, Jul., 1981.

VITIELLO, N. **Adolescência hoje**. São Paulo, Roca Editora, 1988.

TONIOLO, R.M. O espaço deste tempo: uma leitura da intimidade do adolescente. Rio de Janeiro, 1980. (Dissertação de Mestrado- PUC)

WAGMAN, M. S. R. et alii. Gravidez na adolescência: aspectos psicossociais. In: Organização Pan-Americana de Saúde. **Coletânea sobre saúde reprodutiva do adolescente brasileiro**. Brasília, p. 89, 1988.

ZUCKERMAN, B. et alii. Neonatal outcome: is adolescent pregnancy a risk factor? **Pediatrics**, 71: 489-493, 1983.

ANEXOS

ANEXO I

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1 - CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS.

1.A - IDADE

1.B - PROCEDÊNCIA

1.C - ESCOLARIDADE

1.D - OCUPAÇÃO

1.E - RELIGIÃO

1.F - NÚMERO DE IRMÃOS

1.G - ORDEM DE NASCIMENTO DA GESTANTE

1.H - INÍCIO DA ATIVIDADE SEXUAL

1.I - IDADE GESTACIONAL

2 - DADOS DO ESTUDO

2.A - Solicitar que conte algo sobre a sua vida, sua família e seu namorado.

2.B - Procurar introduzir durante a narrativa, ou quando oportuno, as seguintes questões:

1. Tempo de relacionamento com o pai da criança.
2. Como se deu o início das relações sexuais com ele.
3. Conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais.
4. Como se sentiu ao saber da gravidez.
5. O que fez ao saber da gravidez.
6. O que aconteceu quando a família soube da gravidez.
7. O que aconteceu quando o namorado soube da gravidez.
8. Quais os planos em relação à criança.
9. Quais as expectativas futuras para ela própria.
10. Que ajuda considera necessária no momento (tipo de ajuda e quem pode ajudar).

- 2.C - Solicitar que faça uma avaliação da entrevista.

- 2.D - Agradecer a colaboração e proceder a consulta pré-natal conforme a rotina estabelecida pela Instituição.

- 2.E - Anotar na ficha da gestante um resumo do que foi narrado.

PRIMEIRA ENTREVISTA

M.S.G. 15 anos, nasceu em Minas (Pouso Alegre). Trabalhou no comércio do tio durante um ano. Estudou até a 5ª série do primeiro grau e abandonou os estudos por conta própria. É católica, como a família, mas vai raras vezes à Igreja. Renda familiar de 2 S.M. Os pais são vivos. Tem quatro irmãos e é a filha mais velha por ordem de nascimento. A menarca ocorreu aos doze anos e meio, e, iniciou as primeiras relações sexuais com 14 anos de idade. Na sua primeira consulta ao pré-natal, pela data da última menstruação estava com idade gestacional de 18 semanas.

RELATO

“O que mais me preocupa e o meu problema é o meu pai. É assim: eu vou querer ver minha mãe e não dá certo. Meu pai ... ele não tava sabendo que eu tava grávida. Ele soube faz duas semanas que um vizinho contou a ele. Um colega de serviço. Ele ficou furioso, né? Aí ele falou pra minha mãe: “Além dessa menina sem cabeça não tá em casa, tá grávida de um homem que não presta, não vale nada. Pelo menos fosse um homem que prestasse, que trabalhasse, “ficou muito nervoso. Ele é muito nervoso. Ele bebe muita pinga e é muito inguinorante. Quando toma suas cachaça se lembra do que eu fiz, bate na minha mãe. Não deixa que eu veja minha mãe ... Não deixa minha mãe me ver. ... (Nessa hora; chorou muito). Eu não vou falar pro senhor que a gravidez é ruim. Ruim mesmo não tá, sabe?. Também não tá sendo bom. Porque eu queria ... eu queria ... (Nessa hora chorou de novo). Eu não queria tá pulando de um lugar pra outro; eu queria tá na minha casa, junto com minha mãe, ajudar ela, ajudar ela na casa, meus irmãos, meu pai. Mais não dá. Porque eu arrependi das coisa que eu fiz.. Devia tá lá na minha casa ...porque não faltava nada, sabe? Meu pai trabalhava fora, e ele

ganhava quatro ou cinco salário por mês. Não me faltava nada em casa. Nem pra mim, nem pros meu irmão, nem pra minha mãe ... aí eu aprontei, que eu saí de casa ... (Nessa hora, novamente chorou). Sei lá ... ele ficou desgostoso, nervoso e tudo. Sabe, eu acho que ele gostava de mim, depois de tudo ele me desprezou. Sim, a primeira vez que eu saí de casa foi por causa da minha mãe Ela me bateu no colégio, na frente do pessoal, e eu fiquei com vergonha e com raiva. Ela não deixava eu sair de casa, de jeito nenhum, pra não me perder. Aí... aí... de noite...de noite... ela tava assistindo televisão, e eu fui tomar banho. Pedi a minha roupa, ela se descuidou, e eu fiquei com muita raiva, saí fiquei no parque perto de casa até umas onze hora da noite, aí fiquei com medo, porque o lugar lá é perigoso, né? Fui dormir lá na casa de um colega que mora na Cidade Nova. Sim, quando eu me levantei eu pensei: "Se eu voltar pra minha casa, minha mãe vai me bater muito e eu não vou voltar lá. Nisso, eu peguei um ônibus para ir pra cidade, quando descii a polícia me pegou, e me levou pra casa pois minha mãe tinha dado parte.

Quando minha mãe me viu, começou a chorar, falou que não ia mais judiar de mim, que eu podia levar meus colega em casa, podia ter amizade ... Eu tinha treze anos, quando meu pai chegou em casa, me bateu ... me bateu ... olhe, aí eu fiquei com tanto ódio que eu fugi pra São José dos Campos. Rodei um tempão, feito uma pessoa sem rumo. Fui na rodoviária velha e pedi pra uma mulher que pedia esmola na rua, que me levasse pra casa dela, um barraco numa favela. Fiquei dois meses, e a polícia me procurando ... Meu pai que mandou, sabe? Até que a polícia me pegou e me mandou pro Juizado, e lá eu fiquei oito dias, sabe?. Me levaram pra casa, e quando eu cheguei meu pai tava viajando. A polícia falou que pra ficar com minha mãe ela tinha que assinar um papel. Aí, eu chorei. Eu implorei pra minha mãe pra ela assinar, eu não queria voltar lá no Juizado, que é muito ruim, batem na gente, sabe? eu falei pra minha mãe que eu não ia embora. Ela assinou e a polícia foi embora.

Conversei um tempão com minha mãe. Eu tava mesmo decidida a ficar em casa, sabe? Não ia sair mais. Eu ainda não tinha me perdido. Eu podia ser danada, vingativa, ter raiva do meu pai, mais ainda não tinha me perdido. Aí, meu pai chegou e os senhor nem queria saber o que aconteceu. O homem ficou um fera mesmo. Na hora que me viu, começou a me bater. E bateu mesmo pra valer, falou pra quem eu tinha dado, pra quem eu tinha me entregado, que ele ia me matar, eu e quem ... quem tivesse se aproveitado de mim. Eu falei para ele, que eu ... que eu não tinha feito nada com ninguém. Ninguém tinha se aproveitado de mim. Ele não acreditou mesmo. Ele pensou que eu tinha me perdido. Aí ele pegou e viajou na segunda-feira. Na terça-feira, minha mãe pegou e me levou prum médico pra ver se eu ainda era moça. Ela tava louca da vida com uma vizinha que tinha dito que eu tinha me perdido, tinha transado com todo mundo lá em São José. O médico fez o exame e disse que eu ainda era moça. Minha mãe falou pro meu pai se tinha jeito. Era ele me ver que ele me batia, dizia que eu era da vida dele., que ele não tinha cara pra ver os vizinho e os amigo dele, e que se eu arrumasse um homem e me casasse, até que ajeitava a situação. Aí, batia em mim e na minha mãe. O homem não podia me ver na frente dele. A coitada da minha mãe começou a querer me livrar e apanhava também. Ele dizia que minha mãe devia ser uma galinha que apoiava a filha que tinha se perdido. Fui ficando em casa, mais não deu pra agüentar. Aí, eu saí e fui morar com minha tia, irmã da minha mãe. Aí, meu pai mandou me chamar e eu voltei. Nessa hora eu já tinha aprendido a fumar, e a ir com outras amigas a baile aqui em Pinda. Meu pai, a primeira coisa que falou foi me xingando, dizendo que eu andava com outras perdida e fumava maconha. Eu falei que eu nunca tinha fumado maconha, e ele teimando que eu tinha feito aquilo. Que eu só arrumava amizade com quem não prestava. Nisso eu fiquei com muita raiva dele e pensei: "Esse cara não é meu pai, diz que ando com mau elemento, que eu fumo maconha e não

fumo, que eu sou perdida, eu vou andar com quem eu quiser e fazer o que eu quiser”. Passei a ir a todos os bailes e andar com pessoas que não prestava.

Aí, foi quando eu conheci esse rapaz que vai ser o pai do meu filho. Conheci ele num baile. Fui dormir na casa de uma amiga lá no Jardim Rezende, aqui em Pinda. Eu me perdi com ele. Dormiu eu e ele lá no quarto e minha amiga nem ligou. Ele é um rapaz assim ... como eu vou dizer... A família dele é boa, mas ele não. Ele rouba e eu não sabia. Eu não sabia que ele era desse jeito, gostou sempre de andar bonitinho. Quando eu soube que ele era assim, eu quis terminar mas não dava mais. Ele me ameaçou, mais eu já gostava dele, não era culpada de gostar, né? Aí, eu fiquei com ele , mais a minha mãe não sabia desse rolo todo. Ele ia lá em casa, ficava no portão um tempão comigo, mais ele não entrou lá em casa, porque meu pai trabalha fora, viajando e minha mãe pensou que pegava mal ele ficar entrando lá em casa sem meu pai tá lá, sem ordem de meu pai. Aí, eu falei pra ele dar um tempo, pra ele falar com meu pai, mais eu fiquei com medo, pois meu pai é muito inguinorante, sabe,? Aí, eu não deixei ele falar com meu pai. Eu acho que meu pai tinha mesmo muito ciúme de mim, sabe? Quando foi uma vez, me pai descobriu que ele não prestava, não valia nada. era um mau elemento, mas aí, ele não falou nada pra mim. A minha mãe... a minha mãe me disse que meu pai queria que eu terminasse. Aí, eu tomei uma decisão, e fui terminar mesmo, sabe? Eu terminei com ele, foi no mês de maio, antes de ir morar com ele. Eu falei que não dava mais certo eu ia me mudar. Aí, ele ficou sabendo que era por causa do meu pai que eu tava desistindo dele. Aí, ele foi lá em casa e bagunçou mesmo. Meu pai tem 43 anos, é forte, bateu mesmo nele, ele é fraco, franzino, tem 23 anos e apanhou bastante. Fiquei com pena dele apanhando, até que chegaram umas pessoas e tiraram ele do aperto. Uns amigo dele me botaram num carro e me levaram pra casa dele. De lá, eu fui pra casa de

meu tio, pois sabia que meu pai não queria mais eu em casa. A minha família não me queria mais. Nem a do meu pai, nem a da minha mãe. Eu não tinha pra onde ir. Quando foi a noite, eu fui na casa dele, eu tava com muito medo, ele tinha saído e pela primeira vez eu falei com a mãe dele.

Ela pegou e falou pra mim ... disse que seu filho ia me matar porque ele tinha apanhado por minha causa, aí ela me falou pra que eu fosse embora. eu não tinha pra onde ir. Fui pra casa da amiga de minha mãe que mora na Vila São Benedito. Fiquei lá um tempão. Ele apareceu não sei como me procurando. Ele sabia que eu não tinha pra onde ir. Falou com uma irmã dele que tem dois filhos e ele deixou que eu ficasse lá uns tempo. Nisso, a polícia tava atrás dele por causa de um roubo de bicicleta na cidade. Foi a maior confusão. A polícia pegou ele, eu e foi todo mundo pra na Delegacia. Foi uma noite horrível. Voltei pra casa da irmã dele, e, na segunda-feira, ele apareceu e fomos pra Caçapava pra casa da vó dele. Não deu certo. Fiquei um mês com ele. Eu queria voltar pra casa. eu tava ficando com muito medo dele, pois ele começou a beber muito, e me batia pois dizia que eu era a culpada daquela situação desgraçada (nessa hora chorou muito). Arrumei minhas coisa, e quando tava na Rodoviária ele chegou e não deixou eu vim embora. Ele começou a chorar, sabe? Falou que não ia mais beber, que não ia mais judiar de mim, que ia ficar comigo, que não ia me bater, que era pra mim entender que ele andava nervoso.

Fomos morar na edícula da casa do tio dele. Fiquei morando com ele vários meses. Aí, a menstruação não veio, ele tinha me dado uma pílula que eu tomava todo dia, que era pra não ter filho, como ele falou. Naquela semana eu deixei de tomar, fui no Posto, fiz exame e deu positivo. Fiquei chateada pois eu não queria ter filho, porque nossa vida tava muito ruim, e não ia dar certo.

No começo ele aceitou, sabe? No começo ele tava me tratando muito bem. Depois eu fui crescendo a barriga, ele saia de casa e eu

ficava. Saia de casa no sábado e voltava no domingo de manhã fedendo cachaça. E, eu pensava: “Será que eu tô ficando feia, e ele não quer mais saber de mim? “A barriga crescia, e eu me sentia grandona, desajeitada, até com inveja das outras menina da minha idade. Um dia, ele chegou e disse que tava namorando outra, gostando de outra, né? Peguei, fiquei quieta, quando foi de noite, ele saiu, aí, eu peguei minhas mala, fui pra casa de minha avó, em Pinda, deixei um bilhete pra ele não me procurar, que eu não era lixo, nem garrafa de bebida pra ser jogada fora. Nunca mais vi ele. Ele falou pra minha avó nesses dias, que tava com intenção de tomar a criança de mim, quando nascer, pois sou de menor e não sei cuidar, e ele tem parte. Engraçado, né? fazer filho, qualquer um faz, né? Mais, sou eu quem vou cuidar, é meu direito, sabe? Voltar pra ele eu não volto. Nem pensar. Eu não vou dizer pro senhor que a gravidez tá sendo ruim, sabe? Eu fiz, eu aprontei como dizem por aí, eu tenho mais é que assumir. Quando eu ganhar essa criança, eu vou assumir, vou arranjar um emprego que aceitem com meu filho junto, pois eu não quero dar o meu filho pra ninguém criar.

Mandei um recado pra minha mãe, pra ele aparecer, que eu mesmo com o que aprontei, sabe, sinto falta dela, e sei que ela tem medo de vim, por causa do inguinorante do meu pai.

Eu tenho medo é da hora de nascer. Eu tenho medo ... E a minha família, depois que eu tiver a criança, tiver trabalhando, eu vou atrás deles. Sei que o meu pai ainda vai me aceitar. Eu tenho esperança, né? Tenho pena da minha mãe que não reage ao meu pai, pois sei que ela tá morrendo de vontade de me ver.

Aí eu penso: “Será que quando o inguinorante do meu pai, quando ver a criança, vai bater nela também?” Eu acho que não, ele vai pensar, e vai saber que a criança não tem culpa do que eu fiz pra ele. Ontem, a minha mãe mandou uma roupinha, escondida para o nenen, escondida do meu pai. Eu sei que eu fiz ela sofrer, e ela é mãe, e sabe que eu soffro

também, né? (Nessa hora, novamente chorou). Já dei muita cabeçada na vida, mais vou lutar.

Sim, o senhor quer saber o que eu achei dessa conversa sobre a minha vida, a minha situação, eu acho que foi muito bom pra mim, pois eu desabafei, pois a gente não pode guardar tudo com a gente, né? É meio difícil falar tudo, né. Eu sei que o senhor quer me entender, me dar uma força, uma ajuda, sabe? Todo mundo tem seus rolo, seus problemas, né? Sei que nossa conversa fica com a gente, e noutra vez a gente pode conversar mais, é muito bom mesmo, sabe?.

ENTREVISTA REALIZADA EM 05 DE AGOSTO DE 1993.

JOSÉ VALDEZ DE CASTRO MOURA

2ª ENTREVISTA

A. L.P. 17 anos, nascida em Cachoeira do Itapemirim. Há 3 anos, reside em Pinda e trabalhou como empregada doméstica, percebendo um S.M.. Estudou até a 4ª série do 1º grau, e, parou quando chegou em Pindamonhangaba. Tem um irmão com 19 anos de idade. Religião católica, mas só vai à igreja quando “dá vontade”. O pai abandonou a família quando ela tinha um ano de idade, e não sabe o seu destino. A mãe reside em Pindamonhangaba há 12 anos. Esta constitui outra família, vive em união consensual com um companheiro há 11 anos, e tem dois filhos com o mesmo.

Sua menarca ocorreu aos 12 anos e meio, e, iniciou a vida sexual aos 16 anos. Na época da primeira consulta de pré-natal estava com 8 semanas (2 meses) de gestação (é primigesta) a contar da data da última menstruação.

RELATO

“Eu cheguei em Pinda há cinco anos, quando eu vim de Cachoeiro para morar com minha mãe. Ela tinha deixado eu e meu irmão na casa da minha madrinha e, todo ano ia ver a gente, e, dizia, sabe que ia me trazer pra Pinda. Quando eu cheguei ela já tava com esse cara, amasiada há um tempão. Já tinha dois filhos com ele. Bom, eu fiquei chorando, certo? Com esse meu padrasto eu fiquei um ano, foi muito legal, ele me tinha como filha, sem briga, numa boa. Aí, depois desse tempo, a gente começou a bater boca. Ele com mania de querer que eu ficasse dentro de casa, não saísse com minhas amigas, só com minha mãe. Aí, não dava, né? Eu queria sair, eu também sou gente, eu sinto falta de me divertir ... sair com elas, ir numa festinha, mas ele não deixava; era uma briga eterna, aquele homem me prendendo todo tempo,

eu sai de casa e fui pra casa de uma amiga da minha mãe. O senhor não queria saber a confusão. Ele chegou em casa, perguntou por mim, queria que a minha mãe desse conta, onde fui, com quem saí. Nunca ele levantou a mão pra bater em ninguém, e nesse dia bateu na minha mãe. Queria ... queria que ela falasse, bateu nela pra ver se ela falava onde eu tava (chorou muito nessa hora) mas minha mãe não falou, ele bateu, deixou mancha roxas no corpo da coitada (chorou profundamente), ele tinha bebido muito nesse dia, não era de beber, mais não sei o que deu nele. Eu sei que nessa confusão, eu voltei pra casa, minha mãe falou que ele tava mais calmo, mais tava chateado porque mandaram ele embora da fábrica, a CONFAB.

Aí, eu fui trabalhar em casa de família, fiquei morando com ele, minha mãe também trabalhando pra fora, ajudando, e o marido desempregado, mais arrumava dinheiro pra beber todo dia.

O homem que não fazia nada vai beber mesmo e atormentar os outros, sabe? Aí, eu fiquei trabalhando de empregado doméstica, pagava o aluguel ... eu trabalhava, eu ganhava, fiquei pagando o aluguel mais de um ano: ele arrumou um bico, deixou de beber mais, mais fiquei pensando no meu pé. Aí, eu falei comigo: "Eu só sirvo pra trabalhar, não posso sair de noite, não posso ir numa festa?" Briguei com ele e falei: "Eu vou sair de casa, você que pague o aluguel. Eu achei que não tinha o direito de pagar o aluguel pra ele. Por que? Falei pra minha mãe, peguei as minha coisa e fui pra casa da minha patroa que tinha um filho.

Eu cuidava da casa e da criança. Eu me virava sozinha. Eu e Deus. E a tola da minha mãe agüentando o mau humor daquele homem. Nisso deu o azar de eu ficar grávida, logo na hora que a minha patroa foi embora. Aí, eu falei pra minha mãe: "Eu quero ficar com vocês, eu tô grávida". Ela disse: "Minha filha, agora, a situação se complicou, não sei como vou lhe ajudar". Falou com meu padrasto, mais ele não me aceitou, não me quer por causa da gravidez.

A minha mãe fez uma proposta dela cuidar da minha criança, pra mim ir trabalhar, mais ele não quer; e vi na rua, fez que não me conheceu. Fiquei muito magoada. Fui lá mais duas vezes, e minha mãe me disse que não tinha forças que não me queria mais, nem que eu fosse sozinha. Que ele ia me dar o desprezo (chorou, outra vez). Aí, tudo bem.

Uma assistente social aqui do posto, arrumou pra eu vim pra essa casa, a casa de D. Terezinha, que ela ia me aceitar com o meu estado. Tudo bem. Eu vou lutar mesmo, sabe pra criar meu filho (chorou nessa hora). Uma amiga me falou que arrumava uma enfermeira pra tirar a criança. Deus que me livre! Quase que eu bati nela. Eu vou cuidar do meu filho, pois ele mesmo criado sem pai, vai ser gente. Isso não é nada. Eu fui criada sem pai mesmo.

Quando meu pai saiu de casa, eu ia completar um ano de nascida. Ele veio pra S.Paulo, dizendo pra minha mãe que ia mandar buscar ela. A pobre esperou por ele, veio pra Pinda, e nunca mais viu aquele homem, até que arrumou esse cara aí ... esse meu padrasto. E, bem ou mal, vive com ele até hoje.

Tem dois filhos com ele. Agora, pra dizer a verdade, eu queria ver meu pai, saber se ele está vivo ou morto, se ele tem outra família. Eu queria muito ser a sua filha única. Eu me sinto bem quando eu penso que eu podia ser filha única dele e da minha mãe. Mais, eu não sou, não é isso? ... Já que ela arrumou esse homem, paciência. Então, eu queria ser filha única pelo menos do meu pai verdadeiro. Eu ia me sentir muito orgulhosa disso. Eu ainda vou conhecer ele e ... e ... tirar esse grilho, essas ilusão da minha cabeça. Eu tenho muita ilusão, sabe? Eu quero encontrar com meu pai pra falar tudo, tá? ...

Eu vou lutar pra que a minha criança, o meu filho se crie sem grilhos, ele cresça forte e feliz; eu vou falar toda verdade ... tudo o que se passou comigo, sabe? (Chorou nesse momento) . Toda mãe tem que ser aberta com seu filho, falar de coração aberto.

A minha mãe nunca foi tão aberta assim comigo, como uma mãe (nessa hora, emocionou-se e chorou bastante). Vou falar pro meu filho que ele tem uma mãe, que a mãe se abre com o filho. O senhor veja, quando eu pergunto pelo meu pai a minha mãe desconversa, porque eu quero saber porque ele deixou a gente (nessa hora, chorou bastante). Eu penso que é minha obrigação perguntar, né?

Eu sou filha, sou interessada e pergunto. Ela não gosta que eu pergunte pra ela sobre o meu pai. A minha mãe quer que eu fique mais perto dela, me dedique. Aí veio a gravidez e ele teve que escolher, entendeu?. O meu pai disse: "Ou eu ou eles", quer dizer que ele ou os filhos da minha mãe. Aí, ele teve que preferir eles. Acho que ela pensou que o melhor seria assim. Ela preferiu eles.

Eu fiquei por aqui, não é do gosto dela, eu sei disso. É do gosto daquele homem, tão sem sentimento, tão egoísta, que eu tenho pena dele. eu tenho pena dela também, e até respeito ela ter preferido ficar com eles, é uma ... uma situação difícil, né? Mas, eu gosto dela mesmo assim.

Eu me sinto ainda feliz de ter uma mãe, como é que se diz? De saber que eu ainda posso ter confiança nela, né? Eu sei que ela devia ter mais força, ser mais forte, né? Mesmo assim, eu a amo (nessa hora chorou muito), eu vou lutar sempre por esse amor, esse amor ... sim, que eu tenho por ela. Eu não tenho raiva da sua decisão, sabe? Tenho é pena ... a mulheres são fracas porque querem. Elas não reagem, vem o machão e manda e tá mandando. Eu acho que não é só a minha mãe, elas ... elas... as mulheres tem medo de perder o homem, por isso, são fracas mesmo.

O meu namorado, sim, a gente ... a gente se conheceu num bailinho aqui em Pinda mesmo. O cara é mais velho do que eu, tem vinte e seis anos,, não ia lá em casa, mais minha mãe sabia que eu tava namorando com ele. Aí foi quando a gente transou lá no quarto da

pensão dele, algumas vezes. Ele morava num quarto alugado com uns colegas, sabe? Aí, eu vi que não vinha a menstruação, fiquei com tonturas, enjoada, fiz o exame lá no Posto de Saúde e deu que eu tava grávida. Aí, eu falei para ele, e ele me disse que ia me dar uma ajuda. Eu penso que alguém colocou alguma coisa na cabeça dele e, ele foi e me falou que o filho não era dele, que ele não tinha certeza ... que eu me virasse ... que ele não ia assumir uma coisa que ele não fez. Aí eu fale pra ele que era muita falta de consideração, que era uma sacanagem, tá?

Eu tinha certeza que o filho era dele, mais ... mais se ele não quisesse assumir, se ele não quisesse me ajudar, tudo bem, não tinha problema ... que eu ia lutar pelo meu filho (chorou, mas bem altiva!) e que ele um dia ia pagar por isso. por ter feito uma coisa e não ter assumido. Que ... que fazer um filho são dois e não é só um. Aí ele me disse: "Que se dane, eu não vou perder a minha liberdade, de jeito nenhum". Aí, eu não procurei mais ele.

Agora, eu tô com três meses de grávida, vim procurar vim tentar se ele me ajuda. Deixei um recado com um amigo dele, porque eu acho que eu tenho que fazer minha parte. Eu não quero nada com ele, aquele tesão, aquela paixão, tudo já passou.

Eu tô pensando é na criança, no direito que ela tem de ter um pai. Ele tem que dar uma ajuda pra essa criança, é dever dele, né? A Assistente Social lá do fórum me falou que ele tem que sustentar a criança. Agora, se ele não quiser nada, eu não vou morrer por isso, eu vou fazer tudo sozinha (bateu na mesa com raiva, nessa hora, e, eu falei pra ela se acalmar). Mais tem uma coisa: eu não vou deixar ele ver essa criança.

Eu não sou orgulhosa, mais acho que ele não merece.. não merece se encontrar com essa criança frente a frente e receber o amor dessa criança. Ele não tem moral de encarar a criança como pai (falou com muita firmeza). ela vai ser criada com muito amor, coisa que ele não

pode dar, mais eu vou dar. eu tenho certeza que vou poder fazer isso. Esses homens ... esses homens pensam que as mulheres são fracas, vão ceder, mais eu sinto muito fortaleza dentro, pode crer, né?

Eu conheci esse cara uns três mês antes da gente ter relação, né? Namorava numa legal, mais ele não queria ir lá em casa, na VILA. Aí, a gente namorava numa legal aqui na cidade, ia às vezes no cinema. Eu tive relação com ele umas cinco vezes, e na quinta eu tava grávida. Eu não sabia direito esse negócio de evitar filho.

A minha mãe tomava aquela pílula e se sentia muito mal. Aí, eu fiquei com medo e imaginando ficar doente por causa da pílula com a minha mãe. Acho que o que aconteceu com ela ia acontecer comigo. Pra dizer a verdade eu não queria ficar grávida de jeito nenhum. Por dois motivos: primeiro, é uma barra pesada, muita responsabilidade uma mãe criar um filho, ainda mais sozinha, e, segundo porque nunca porque isso na minha família, eu ia ser a primeira, e, como eles falam lá ... como se fala ... a puta da família, né?

Na minha família, nem por parte do meu pai, nem por parte da minha mãe, aconteceu de uma mulher ficar grávida sem se casar. Aquela coisa de gente do interior, de gente com muito preconceito, sabe? Eles tem isso na cabeça: ficou grávida sem casar é uma puta na família. É o que eles acham. Foi o que a minha mãe achou. No princípio foi difícil de aceitar isso tudo, mas viu que não tinha outro jeito e não tinha outra solução, se convenceu que eu não era a primeira a ficar grávida e solteira.

Ela me falou que morria de vergonha dos vizinhos, que eu ia ficar mal falada ... Aí, tudo bem, ela aceitou, assim em parte ... não foi de coração aberto, sabe? Eu entendo a criação dela, filha de Baiano, ter uma filha solteira na família. Ela até me falou que tudo bem, não ia contar pros parentes lá de Cachoeiro. Ela tenta me ajudar da melhor maneira,

mas o duro é meu padrasto. Eu acho que de alguma maneira eu tenho ela do meu lado, sabe?

No começo da gravidez eu me senti desprezada por todos pois o pai da criança não queria nada, e a minha mãe ficou muito revoltada e triste. As menina lá na VILA, faziam que não me viam, me evitavam, tudo a maior falsidade. Ninguém venha me dizer que elas não transavam também. O azar é que eu engravidei, né? Aí, a situação mudou. Agora, eu vou dizer a verdade que a verdade deve ser dita. Eu tentei abortar a criança no começo. Eu tomei uma injeção na farmácia, que eu não me lembro mais o nome.

Fui num médico que faz aborto aqui mesmo em Pinda, você sabia? (Fez um ar de interrogação, e eu confirmei, pois já é um fato público e notório); só que ele cobra muito caro e eu não tinha dinheiro eu não tinha condições de pagar. Eu acho que eu procurei tarde, foi bom, sabe? Eu ia me arrepender muito mais, hoje, eu passo vergonha, as pessoas se afastam, eu me sinto assim, como ... como ... como uma pessoa com corpo diferente, parece que tô inchando, mias o médico disse que eu vou voltar ao normal. A gente fica meio insegura, sabe? É o medo do futuro mesmo, sabe?

Até pensei em dar a criança, depois eu disse: “Não, eu não acho justo, uma mãe não merece ser mãe se largar o filho é muita covardia”.

Se Deus quiser, eu vou criar. Se ELE achar que eu não mereça a criança do meu lado, ELE vai ver o que vai fazer”. Aí, eu cheguei à conclusão que o melhor é eu lutar por mim e pela criança. Fazer tudo que for possível e Deus vai me ajudar. Eu já nem ligo pro que as pessoas falam. Outro dia, eu vi saindo da Igreja uma mulher amiga da minha mãe lá na VILA e falou pra outra: “Lá vai aquela menina, filha de fulana, e que se perdeu. A pobre é uma pecadora”. Aí, me deu uma raiva e eu falei: “Sua língua de trapo, me respeite, que eu não sou nenhuma perdida, só porque tô grávida e solteira. Por que eu sou pecadora? PECADORA É A

SENHORA que reza e comunga e sai falando dos outros, desrespeitando as pessoas; deixe de ser falsa". Pode uma coisa dessa? Pois bem, por falar na criança, eu vou ficar com ela, vou arrumar um serviço que me aceitem com ela, pois minha mãe me disse que tem patroas que aceitam. Eu sei que vou tentar e lutar pra conseguir. Vou fazer pra criança o que minha mãe não fez pra mim.

Eu vou me dedicar de corpo e alma. Se Deus quiser eu vou conseguir. Quem luta, sempre vence e Deus ajuda, né?

Eu sei que conversando aqui com você, você querendo entender a minha situação, deixando que eu desabafe, está me ajudando. As pessoas pensam que ajudar é dar dinheiro, comida, não é isso não. Eu quero conversar, aliviar esse peso da culpa que os outros colocam na gente, a gente ser chamada de perdida, ser considerada a ovelha negra da família, como falou o meu padrasto. Eu só tenho 17 anos, eu tenho mais ... eu tenho mais é que pedir ajuda, eu ... sei muito pouco da vida. Vou pedir ajuda a quem já é mãe, eu tô no primeiro filho, vou querer saber como é criar, a maneira de criar um filho, sabe?

Eu tenho medo do parto, as pessoa na consulta fala que a dor é muita, a gente grita, mais passa. Quando falam nesse assunto eu até fico nervosa. Eu quero é que deus me dê uma boa hora. Eu acho que a emoção de ser mãe é maior que tudo, eu quero ter essa emoção, essa felicidade. A gente não vem pro mundo só pra sofrer, a gente tem direito de ter emoção, de ser mãe, né?

ENTREVISTA REALIZADA EM 12 DE AGOSTO DE 1993.

JOSÉ VALDEZ DE CASTRO MOURA

3ª ENTREVISTA

L.N.F., quinze anos e meio, nasceu na fazenda Mombaça, em Pindamonhangaba. Trabalhava como empregada doméstica, e, com a gravidez, a mãe aconselhou que deixasse o emprego. Estudou até a segunda série do primeiro grau e, parou de estudar por não querer mais, e estudar à noite é muito cansativo, pois não tinha outro horário. É de religião católica, mas dificilmente vai à Igreja, devido não se sentir estimulada. Tem pais vivos, separados há 8 anos, e tem 6 irmãos, sendo a segunda filha por ordem de nascimento. A renda familiar é de 2 S.M.. A menarca ocorreu aos 13 anos, e iniciou a atividade sexual aos 15 anos. A sua idade gestacional, na época da primeira consulta do pré-natal era de 20 semanas, pela data da última menstruação.

RELATO

“Eu fui criada pela minha mãe, lá na roça mesmo. Eu acho que eu tinha uns cinco ou seis anos quando o meu pai largou a minha mãe, e, eu fui morar com a minha madrinha. Nunca mais eu vi ele não. Ele nunca foi de ajudar a gente, entendeu? Me disseram que ele trabalha numa firma de motorista. Mais ... mais... eu não gosto desse homem. Eu acho que é desde pequena que eu tive uma doença, fui lá pra Santa Casa, e ele não foi me ver.

Olha, eu até hoje eu cresci muito revoltada, não gosto dele. Minha mãe e meus irmão gosta dele e eu não gosto.

Minha mãe teve outro homem mais não ficou muito tempo não, depois de 2 anos ela largou ele. Depois ela arrumou um peão aqui da roça, até se davam bem, teve uma criança que morreu e largou desse outro. Eu fico muito desgostosa com minha mãe arranjando homem, mais mesmo assim ... mesmo assim ... prefiro ela do que meu pai, pois ela

quem me criou. Sim, aí ela arrumou agora um outro homem que não ajuda em nada. É um homem ruim, só se aproveita da minha mãe, diz que ela só quer fazer filho com os homens e que ela tem fogo. A minha mãe largou esse também. Eu sei ... eu sei que é uma coisa muito complicada.

Eu tinha vó, e, quando ela morreu ... quer dizer ... quer dizer, antes de morrer ela falou que era pra eu ir morar com minha madrinha. Eu comecei a trabalhar em casa de família, aí eu dormia no emprego. Aí, eu não quis mais dormir no emprego, e fui estudar de noite, e voltava pra casa de minha tia (onde fui morar lá no Jardim Eloina) Aí, eu não quis mais estudar, chegava na escola morria de cansaço, não aprendia nada, e até dormia na carteira. Foi quando eu conheci esse rapaz. Ele trabalhava na Metalco, tem 27 anos, e um dia me convidou pra ir no cinema. Aí, eu fui e ele me falou pra mim ir na casa dele. Eu pensei que tinha alguém lá, algum parente, sabe? Quando cheguei lá ... aí aconteceu, eu tinha feito aquela coisa. Aquilo, sabe? Eu não sabia o que era. Ele falou que aquela coisa boa se chamava transar. Eu nem sabia o que era aquilo. Na primeira vez eu nem desconfiei, ele foi me agarrando e eu disse que queria ir embora, e ele ... ele ... me falou: "Às nove horas você vai pra casa, mais não fala nada pra ninguém." Ele me deu dinheiro, aí, eu fui pra casa.. Quando eu cheguei, a minha mãe, que tava nesse dia na casa da minha tia me perguntou onde eu tava. Eu falei que tava na escola e era tudo mentira. Eu nem tinha ido na aula. Todo sábado eu dizia que ia na casa de uma colega dormir lá, mais eu ia pra casa dele. Eu ia porque ele me chamava e eu gostava dele. Eu sentia muita segurança quando eu ficava com ele. Aí, eu pensava: "Eu nunca tive pai, ele parece um pai pra mim". Eu queira o carinho de um homem que eu nunca tive. Mesmo depois de grávida, eu vou atrás dele, sei que ele tem outra mulher, mais eu quero sentir a segurança, nem que seja uma ilusão, sabe? Eu me sinto muito protegida com ele, tá?.

Sim, nas nossas transas ele usava uma coisa de borracha, sabe? Ele falava que era pra não ter filho. Usou na primeira, depois se esqueceu, não comprou mais, aí, nem usava. Foi quando eu peguei a gravidez. Minha mãe soube que eu tava grávida por uma menina da rua, que a minha irmã tinha contado porque eu contei primeiro pra minha irmã, que tinha falado pras colegas dela. Ela ... assim ... assim ... traiu a minha confiança, né?

A minha mãe chorou muito, e disse que Deus tava castigando ela do que ela fez, que ia ficar morta de vergonha com as vizinha, e me pediu pra não ir na Igreja que as pessoa ia reparar e falar mal. Aí, ela me pediu que eu levasse meu namorado lá na casa dela. Minha mãe conversou numa boa, ele aceitou e minha mãe também. Aí, minha mãe disse assim, que se a gente não se casar, ela vai botar ele na cadeia, pois eu sou de menor e ele tem 27 anos. Ele concordou, ele vai lá em casa, eu vou na casa dele. Ajuda minha mãe, dá dinheiro, ele sempre vai lá. Eu brigo com ele, porque quando vou na casa dele tem uma mulher lá. Mais, ele me disse que não gosta dela não, que ela vai lá pra enche o saco dele, quer ficar com ele, e ele é homem e eu tenho que entender. Eu ... eu tenho que entender pois ele me disse que não pode transar comigo toda vez, porque pode fazer mal pra criança. Aí, eu chorei muito, eu pensei que tava ficando cada vez maior, ficando feia, meio desajeitada, e que ele tava enjoado de mim.

Outro dia, fui lá e vi ela com ele, ela saiu correndo, e eu falei com ele que, se ele ficar com aquela mulher, que eu não vou ficar mais com ele.

Sabe, às vezes eu penso que ... que podia ... não sei tá do jeito que eu era, uma moça. Eu trabalhava e tinha mais liberdade. Ia pra casa da minha tia, saia com minhas prima pras festas. Agora eu não saio pra lugar nenhum. Me dá uma tristeza. Fico só, dentro de casa. Eu morro de vergonha de sair na rua porque os outro fica dizendo: "Coitadinha, muito

novinha, e já se perdeu”. Só vou na casa da minha madrinha, só. Na casa da minha tia ficam na maior falsidade. Meu tio me pergunta porque eu fui fazer aquilo, se eu não tenho vergonha, se eu não vou casar. Tudo me humilhando. Só a minha madrinha e minha mãe não me xinga. Eu falo que eles não tem nada a ver com minha vida. Meu irmão mais velho do que eu, me xingou outro dia, que eu tinha que me casar, que na escola dele os menino falaram que ele tem uma irmã mulher da vida, e que ele não ia mais na escola porque tava com vergonha, que eu era a culpada dele passar vergonha. Enfiei a mão nele. A minha irmã mais velha, ficou grávida também, e foi lá em casa que ela fez isso. Não respeitou minha mãe, nem as crianças dela, e transou lá em casa. Aí, minha mãe bateu nela. Xingou o namorado dela, aí, ela foi ter o nenen, e se casaram, ele arrumou um emprego, e mora lá no fundo de casa, numa meia-água. Ele me xingou que eu não tinha juízo, e ela teve?.

Quando aconteceu, me dava uma soneira. Um dia na casa da minha patroa, eu, eu arrumei a casa, deixei a panela no fogo e dormi. Acordei muito assustada, porque queimou o arroz todinho.

Eu vomitava. Como vomitava. Em qualquer lugar eu vomitava. Minha mãe não sabia ainda. Eu já sabia e não queria contar pra minha mãe com medo dela me bater e ela ia ficar nervosa. Ela só falou assim”. Tudo bem, mais vocês vão se casar que você é de menor, e tem que consertar a situação, e filha de mãe solteira em casa além de ser vergonha é um sofrimento”. Ela me disse que se o cara não quisesse casar comigo, ia no Fórum, na Delegacia e ia botar ele na cadeia.

Quando meu namorado soube, disse que não queria, ia ser a maior confusão e que ia dar um jeito. Aí eu disse: “Eu é quem não queria isso, pois sou criança pra ter essas coisas”. Aí, ele me disse pra não ficar nervosa, que era coisa da vida e tal. Aí me levou na casa de uma mulher, acho que era uma enfermeira, e ela me disse que ia botar uma coisa em mim, que era pra criança sair, que eu tirasse a calcinha e não tivesse

medo. Aí, foi que me deu medo, eu falei pra ele que queria ir embora, e, que ia falar pra minha mãe. Ele ficou com medo também e pediu pelo amor de Deus pra mim não falar nada, que tudo ia dar bem. E, sabe porque eu fiquei com medo? Porque ... porque a criança ia morrer. Eu ia ficar muito culpada, Deus não ia me perdoar. Até hoje eu tenho medo da criança nascer morta, de Deus me castigar. Mais minha mãe disse que não é pra mim ter medo que não vai acontecer nada de mal não. O meu namorado quer ir morar lá perto da minha casa e eu não quero, pois é muita gente fofocando. Depois que eu ganhar o nenen, a gente já resolveu que vai morar junto, e eu quero ir trabalhar, né?

Outro dia, minha mãe me disse que antes da gente ir morar junto, tem que casar logo, que é pra tirar logo esse peso. E, ele tem insistido muito. Eu quero é ficar com ele, com o meu filho que precisa do amor, do amor de pai que não tive, sabe?. Eu tenho fé que ela vai ter esse amor. Eu, às vezes penso que ele vai ser pai duas vezes, meu e da criança. Até parece um coisa louca, né?. Mais, eu vou cuidar da minha criança, minha mãe vai me ajudar, e quero trabalhar. Eu já me acostumei trabalhando, e quem trabalha não fica reparando na vida do outro, não fica fofocando como a minha irmã. Eu tenho medo do parto, sim. A minha irmã vive me fazendo medo. Que vão me amarrar, que vão mexer em mim, que vão abrir a minha perna, e vão cortar a minha barriga. Eu me tremo de medo, será isso mesmo. Minha tia disse que eu vou ver o que é bom pra tosse ... Disse que é dor que ninguém agüenta. Elas só me faz medo. A minha mãe me falou que tem dor mais que Deus ajuda.

Que ser mãe é um dom de Deus. Hoje eu vim com minha mãe. Eu tô com confiança. Eu acho que a ajuda que eu preciso é as pessoas me deixar calma. Eu sei que tava cedo pra ser mãe, mais aconteceu, eu sinto que sou outra pessoa. Eu acho que Deus vai me dar força, vai me dar coragem. Eu sei que tô desabafando muito, e tô me sentindo aliviada com a sua paciência.

Eu sei que tenho que confiar nas pessoas que quer ajudar. O senhor tá me ajudando, me ouvindo, me explicando, isso é muito bom. Eu fico triste é quando as pessoas, como a minha irmã que fez o que fez e fica condenando. Parece que sou culpada de tudo, as pessoas fica se afastando... como é ... reparando em quem tá grávida. É uma situação muito difícil, eu já sofri muito mais vou enfrentar, né?.

ENTREVISTA REALIZADA EM 14 DE AGOSTO DE 1993.

JOSÉ VALDEZ DE CASTRO MOURA

4ª ENTREVISTA

R.M.A. - 17 anos de idade; nascida e residente em Pindamonhangaba, trabalhou como empregada doméstica. Estudou até a 6ª série, e, parou quando ficou grávida.

Religião: CRENTE. (Assembléia de Deus) Renda familiar: 3 S.M. Os pais são vivos. Tem 3 irmãos (2 homens e uma irmã) mais velhos. É a caçula da casa. Menarca aos 12 anos e sete meses aproximadamente. Iniciou a vida sexual aos 15 anos e meio. Na 1ª consulta do pré-natal estava com idade gestacional de 12 semanas.

RELATO

"Eu sou a filha mais nova da minha casa. Lá em casa, o pessoal é mais ou menos tranqüilo. Os meus pais são crentes. Eles vivem bem, sabe? Eles ficaram muito sentidos com a minha gravidez que não tava no programa. Eu sabia que não certo relação fora do casamento, pois o pastor fala muito lá na igreja. A gente tava noivo, e, tinha relação lá na casa dele, quando ele saía pra trabalhar. Ele usava a camisinha, mais não era legal, e, numa dessa aconteceu.

A menstruação não veio, aí eu abri o jogo com ele. Ele me disse que não era pra ter acontecido. Eu fiquei meio louca da vida quando eu falei pra ele que tava grávida e não senti vibração. Fiquei revoltada, devia haver? Vibração, né? Me deu a impressão que ele não queria. Sei lá, acho que ele pensou que foi descuido meu, pois ele falou pra mim que eu tratasse de ajeitar a situação que ia ficar ruim pra ele também, que a vontade era me bater, pode? Ele não é má pessoa, trabalha em Taubaté, e, me disse que eu tenha paciência pra resolver a vida da gente. Mesmo ele não tando muito perto, eu acho que ele devia vibrar mais, não deixar a coisa cair, eu sinto força, que parece que ele não tem.

Uma amiga dele falou pra mim, que se eu quisesse arrumava dinheiro pra eu abortar. E, eu tava muito incucada mesmo, eu vejo meu corpo crescendo, será que vou ficar horrorosa, com esse barrigão, como aquela mulheres lá da Igreja? Eu posso falar pro senhor que eu não queria ficar grávida, ter que dar de cara com essa situação ruim, eu fico muito nervosa.

Sim, o senhor já pensou se eu pensar em me desfazer da criança, ou dar a criança, isto me dá medo porque Deus quer a família unida, Deus dá castigo. Não quero nem pensar. Nessa hora difícil, a gente tem que confiar em Deus. Ele perdoa os erros da gente, não é?.

Por isso, eu falo pro senhor que Deus tá me olhando. Eu espero que Ele não me castigue se eu errei, e me dê forças para eu não sofrer no parto, nem deixar de criar meu filho. Mais eu me sinto forte. Eu tenho fé na confiança em mim mesma, e eu sei que vou conseguir.

Lá em casa, quando souberam que eu tava grávida, pois quem falou foi a mãe do meu noivo, foi uma confusão. A minha mãe ficou brava. Minha mãe me xingou tanto, dizendo que eu não devia ter feito aquilo, que não esperava aquilo, que estava com vergonha, que uma filha não faz isso e tal, aí, nessa hora, eu fiquei com muita raiva dela, revoltada, pois eu acho que ela devia me dar apoio, pois eu estava sofrendo, né? Mais falou tanto, que fiquei com vergonha dela, eu me culpei. A minha mãe foi falando pra todo mundo, podia ter sido mais legal, não precisava me crucificar. Apesar do que aconteceu, da bronca, eu gosto muito dela.

Eu fiquei nessa situação, com pena da minha mãe, pela decepção que ela teve comigo, sabe? Você precisa saber, que com todo sermão, ela ficou meio chateada, mais, eu queria que ela ficasse mais perto de mim, pra me acalmar. Ele me falou, depois que contei tudo: mais minha filha, eu nem sei o que nós vamos fazer!

Aí, ele conversou com o pai. Ele é meio caladão, meio sentido, mais é bom. Não falou quase nada, disse que não esperava aquilo, fez uma cara feia, acho que ele é muito difícil, sem compreensão da minha situação difícil, por isso, eu senti, no começo, ódio dele, sabe? Mais ele é bom. Eu sinto que gosta de mim. Ele não diz, mais é assim, e, eu gosto dele. ele deve ter ficado meio revoltado, eu penso assim, ele fica meio calado, acho que tinha outros planos pra mim. Uma vez, eu vi ele falando pra minha mãe, que aquilo deixou ele meio sem rumo. Sei lá, ele com o jeito meio sentido, caladão se afastando, tá sendo muito cruel comigo, tá me machucando, tem hora que eu penso que é vingança.

O meu irmão mais velho, é metido a ser muito moralista. Veio revoltado me dizer que eu não soube me comportar, só porque eu fiquei grávida, veio aquela que eu era uma errada, que ele ia ficar mal com os amigos, com a irmã que não soube se comportar.

Aí, eu fiquei com raiva mesmo, achei muita humilhação, era ignorância, preconceito mesmo, sabe? É duro mesmo! Aí, eu pensei, eu sou considerada pelo meu irmão uma perdida na vida, é duro, não é?

Os meus pais me tiraram da Escola, e, quase não vou na Igreja. Nossa, as pessoas olham pra gente, eu fico com vergonha, pensando que elas estão comentando. Aí, eu fico revoltada. No começo, aí fiquei com vergonha até de sair de casa, parecia que era uma estranha no meio do mundo. Aí, eu fico em casa, até choro, vendo que as amigas me isolam, aí penso que tive mesmo uma desilusão com elas. Dá muita revolta ver que as amigas, os irmãos se afastam, e, eles põe culpa na gente, sei lá. Afinal, eu não matei e nem roubei, o que é pior.

Eu fico o tempo, pensando no meu noivo parece um pai, um pai que não tive, que eu não senti proteção que no fundo, no fundo, sei lá me ampara. No meu filho; a minha criança será uma coisa muito importante para mim. Eu vou me sentir gente. O meu filho vai ficar comigo, vai receber amor, amor mesmo que não tive, que não me deram, pode crer

em mim. Mais eu tenho muita confiança em Deus, eu sei que vou contar com a ajuda Dele; eu sei que Deus ajuda mesmo quem tem boa intenção. Ele sabe e compreende o sofrimento.

Eu achei bom vim aqui, pra conversar, para as pessoas interessadas no problema da gente. Eu quero aprender muito aqui no Pré-natal. Vai ser bom. Eu sinto segura aqui, graças a Deus. Essa é uma grande ajuda.

ENTREVISTA REALIZADA EM 23 DE AGOSTO DE 1993.

JOSÉ VALDEZ DE CASTRO MOURA

5ª ENTREVISTA

R.M.A.- 18 anos de idade, nascida e residente em Pindamonhangaba. Trabalhou no comércio até o terceiro mês de gravidez, e pediu as contas. Estudava na sétima série e, foi obrigada a abandonar a Escola. Religião: Assembléia de Deus.

Vive com os pais, tem um irmão mais velho, casado de 28 anos de idade. Renda familiar: 4 S.M.

Menarca aos 13 anos, aproximadamente. Iniciou a vida sexual com 17 anos. Na primeira consulta do Pré-natal contava com 15 semanas de idade gestacional.

RELATO

Eu sou a filha mais nova da minha casa. Lá em casa, apesar de tudo, das dificuldades, o ambiente é tranqüilo. Os meus pais vivem bem, entende? Às vezes, eu fico pensando: é tanto casal se separando, fica junto um ano e larga, e os meus pais são casados há quase trinta anos. A nossa família freqüenta a igreja, a Assembléia de Deus, lá no Alto do Cardoso. A família do meu noivo também. Eles são muito bons e amigos, mais como ele é filho único, a mãe dele morre de ciúmes, e, não queria que ele casasse tão cedo. Eu e meu noivo já namoramos há 1 ano e pouco.

A minha primeira relação foi com ele, lá em Taubaté, na casa da tia dele. Eu nunca tinha tido relações e doeu muito, mais ele me disse, que era assim mesmo. Que eu tivesse cuidado, ele me dava umas pílulas, mais eu não tomava direito, sabe?

Até que aconteceu. A regra atrasou e eu fiquei morta de medo. Foi o maior pavor. eu falei pra ele, e ele ficou também perdido, embora já tenha 32 anos, mais velho do que eu. Como eu disse, aí aconteceu que

eu fiquei grávida, mais não estava preparada para perder a virgindade. Foi a minha criação. Eu queria ser moça até me casar. Eu me sinto assim, uma criança, entende? Aí, sim, eu resolvi falar lá em casa com a minha mãe. O senhor não queira saber a confusão. Sabe, que quando eu fiquei grávida, eu fiquei com vergonha da minha mãe, pois eu pensava que ela ia me achar a maior galinha que fez o que ela não fez, sei lá! Eu sei que ela ficou meio perdida, quando eu contei. Até chorou.

Chorou muito mesmo. Falou tão chateada, meio diferente, distante. Mesmo assim, triste, ela me disse: vamos lá, vamos lutar, já aconteceu. Eu sei que ela ficou meio revoltada, mais assim mesmo eu gosto dela. Fiquei com pena da minha mãe, quando contei. Sabe, eu sei que ela ficou triste, porque queria um casamento certinho pra mim, aquele negócio de filha única, o senhor entende. Olha, eu sei que ela ficou chateada, meio distante, mais o meu desejo era que ela ficasse perto de mim. Dava mais segurança, né? Aí, pelo que ela falou, falou, eu pensei que podia me ajudar mais, ser mais mãe, entendeu? Eu sei que nessa hora, eu fiquei com muita raiva mesmo. Achei uma falta de consideração. Mais , ela com toda situação, com sua revolta, eu gosto dela. Aí, ela me disse: vamos falar com seu pai. Se prepare. O meu pai, não falou muito não. Ele culpou a mãe que não tomava conta de mim, que devia ver meu namora, que o rapaz traiu a confiança dele. Sim, o meu pai ... o meu pai (nessa hora chorou) ele me disse pra eu me virar, ver o que eu fiz, eu aprontei e tal. Visse o negócio do casamento. É muito duro, não tem coração, eu acho que é um coração de pedra. O meu pai, sabe, é meio difícil. Não sei lhe dizer. Uma vez ele me agrediu, assim na palavra. era melhor ter batido, doía menos, sabe? ele me agrediu assim na palavra (chorou intensamente) eu acho ... eu acho ... que tava com vergonha, revoltado com a situação. Eu acho que a minha mãe devia ter abaixado a cabeça quando meu pai culpou ela também pela situação. Eu noto que a minha mãe não responde pro meu pai, mesmo com razão, nessa situação

toda. Eu não acho isso certo, essa de ser Amélia, sabe? Eu não sei explicar direito. O meu pai é complicado. É difícil, sabe? Tem hora que eu sinto que não gosto muito dele. Ele fica tão longe da situação que eu acho que ele não tá nem aí pra situação. Eu acho que é falta de se aproximar, de se chegar, sei lá, é meio complicado.

Olha eu fico puta da vida com meu pai, puxa, ficou longe da situação. Eu fiquei revoltada mesmo. Mais, mesmo assim, eu não queria um pai diferente. Bem ou mal ele é meu pai. Cada um tem um pai, com o seu jeito, né?

Sim, o meu pai conversou com o meu noivo. Deu uma lição de moral, mas sem xingar. Ele falou, que quando arranjar um emprego, vai ficar comigo, e, eu sei que ele levou uma prensa da família dele. Lá na Igreja, o Pastor também falou com ele. No começo, com a notícia que eu tava grávida mesmo, ele ficou meio perturbado, perdido, com aquela cara de medroso, sem vibração, eu não fiquei só triste, fiquei mesmo puta da vida, vendo aquele cara de bobo, que homem mole. Parecia que aquele homem não queria a criança, sei lá! Ele não vibrou, não ficou muito perto, o que é isso? Mas, eu fico pensando que com a notícia da vinda do meu filho, esquisito, ele parece que não quer. A gente fica meio sem graça, né? Eu fico pensando que os homens não se preparam, que quando vem a notícia da vinda da criança, os homens parece que não querem. Hoje, ele me pergunta se tá tudo bem, a gente se sente feliz, quando sabe que ele quer proteger, quer o melhor pra gente.

Eu não sei, mais, meu Deus do Céu, com essa história de gravidez, eu fico tão insegura, tão nervosa, a gente não sabe o que vai acontecer. Meu Deus, como a gente fica diferente, com esse corpo se transformando, inchando. Será que eu vou ficar normal?

Os meus pais me tiraram da Escola (eu estudo no Cursinho) pois a Diretora falou pra ele que era melhor pra mim, porque o comentário era grande. E, o meu pai me tirou do emprego, na Loja, onde eu tava há oito

anos. Aí eu também passei a ir na Igreja, só de vez em quando aos domingos. O Pastor me disse, que não tava certo o que a gente tinha feito, mas que não ia deixar de dar apoio. Mais eu sentia as pessoas se afastando. As minhas amigas souberam logo. E, eu notei que até a Célia, a minha melhor amiga estava se afastando lá de casa. A gente fica decepcionada, com uma amiga que despreza a gente, né? A Célia falou pra mim, que não ia mais lá em casa porque pegasse mal, e, aí ela ia ficar falada. falou que Não ia sair comigo, porque as meninas falavam e pegava mal. Aí, um dia eu falei pra Célia: "Você não é amiga, é uma falsa", fiquei mesmo com raiva dela. Eu fiquei louca da vida, revoltada, vendo que as pessoas se afastavam, ficavam cochichando. Falando não sei o que. Com aquele pessoal fazendo pressão, eu fiquei com vergonha até de ir na Igreja. De sair de casa. Parecia a pior pessoa do mundo, uma condenada. Ah, falando ainda da Célia, achei uma falsidade dela, eu sei que ela transa, mais como não ficou grávida, dá uma de santinha. Ela é direita ou eu sou perdida?

Naquela confusão, quando estorrou a bomba, o meu único irmão mais velho, de 28 anos, disse que se eu fosse filha dele, ia me dar uma surra, porque eu não me comportei como uma moça direita.

Eu não dizer que na pressão eu não pensei em abortar. Quando eu pensei se ia aborta, se seria a solução, pensei em Deus fiquei morta de medo, pois Deus castiga quem é errado, e, tira a vida dos outros. Eu sei que Deus castiga quem não tem responsabilidade com o seu filho, com sua família. Eu acho que Ele não perdoa mesmo. Mais Deus é bom, eu sei disso. Deus pensa na dificuldade da gente, né ? Ele vai me dar força pra eu enfrentar essa barra. Ele compreende o sofrimento. Eu passo tudo isso, mais confio que Ele me protege. Tenho fé na minha Igreja que Ele não desampara. É só a gente se arrepender dos erros e praticar o bem, né?

Eu não posso dizer pro Senhor que tá tudo bem. Mias, cada dia que passa, eu penso no meu filho, no pai dele, porque eu acho que ter um filho ... porque ter um filho é ele quem vai dizer que eu sou uma verdadeira mãe, uma mulher de verdade. Pelo meu filho eu tenho que ir à luta, né? Ele é importante.

Quando tudo passar, eu sei que vou ser feliz, né? Eu tenho medo do parto, do Hospital, mais me disseram que aqui no Posto, no Grupo das Jovens, se conversa muito, e, se explica. É uma ajuda muito grande, sabe? Alivia o medo, a gente tira as dúvidas. É como eu falei, estar grávida, e, nessa situação a gente sem saber das coisas, do que vai acontecer, é uma barra. Não é brincadeira. Mais, eu tenho fé em Deus, e, tudo vai correr bem, pra mim e pro meu filho.

ENTREVISTA REALIZADA EM 25 DE AGOSTO DE 1993.

JOSÉ VALDEZ DE CASTRO MOURA

6ª ENTREVISTA.

T.J.G - 17 anos, procedente de Guaratinguetá, residindo há 4 meses em Pindamonhangaba. Filha de pais separados, tem um irmão de 19 anos. Pai constituiu outra família em São Paulo, mas mantém contatos com a filha. A mãe reside com a avó lá em Cruzeiro, com outro esposo e tem 3 filhos.

Religião: Católica (praticante)

Reside com um tio.

Renda familiar: 4 s.m.

Não trabalha. Estudou até o primeiro colegial, parou devido a gravidez. Menarca aos 13 anos. Iniciou a atividade sexual com 16 anos. Idade gestacional, a partir da última menstruação: 18 semanas.

RELATO

A minha família, sim, a minha família é grande, nós somos todos lá de Guará. os meu pais, eu tenho contato com eles, eles se separaram quando eu tinha 6 pra sete anos. A minha avó falou que era por causa de ciúmes do meu pai, e que eles não estavam se dando muito bem, entende? Às vezes, eu vejo a minha mãe que está casada de novo e mora com minha avó. Ela tem uma vida muito infeliz. Casou de novo e tem 3 filhos. Sempre foi uma criatura muito sem ação. Sem reagir a nada. O marido faz dela o que quer. Na minha gravidez, veio me ver umas 2 vezes aqui em Pinda, e disse que não sabia como me ajudar, mais quando pudesse ela vinha me ver. Eu tenho muita dó da situação dela, dela não participar comigo, podia, né? Mais eu não tenho raiva, eu, apesar dela não participar, eu tenho amor por ela, é uma coitada. Tenho às vezes raiva, pois uma mãe numa hora dessas é pra apoiar, né? eu fiquei com raiva, não vou mentir pro senhor, revoltada mesmo porque ela

não participava, sei lá ! ela me falou chorando que tava insegura, mais eu sei que ela tava revoltada, se afastou, devia ter outros planos para mim, eu penso assim, sabe, mais com toda confusão, com essa situação tão difícil, me falou chorando que não ia me abandonar. Mais, eu sei que é difícil, ela é tão cheia de problema que dá pena mesmo.

A família onde eu estou são primos do meu pai, eles são bons para mim. Quando os meus pais se separaram, eu fui morar com o meu tio, irmão da minha mãe, ele é muito duro, sempre foi, sabe? Me prendia muito em casa, e, eu pouco saia. O meu pai, eu via algumas vezes, eu sei que ele tem outra e mora em São Paulo. Aliás, ele pouco cuidou de mim. Eu sei que nas brigas com minha mãe, ele batia nela. Eu tinha uns 7 anos e me lembro muito bem. O meu tio, irmão da minha mãe, que é padre e mora lá em Guará dizia que era um casamento que nunca ia dar certo. Eu tinha medo do meu pai, sabe? Eu me tremia de medo. Sim, eu mandei um recado pro meu pai, que tinha ficado grávida. Ele nem deu bola. Eu sinto falta de um pai, do meu pai, do carinho, de se chegar, e, ele se afasta, aí, se ele não quer, eu não quero ele, é difícil, sabe? O pai não participar é duro, não é? Tem hora que eu fico revoltada com esse meu pai, ele não deu nenhuma palavra, um apoio, e nós moramos tão longe, certo? Porque o pai que não dá nenhuma palavra, nenhum apoio, é ter um coração muito duro, é ruim, é querer maltratar, né? Mais, mesmo assim, eu tenho pena dele, eu sinto falta dele. Eu vejo as minhas colegas com seus pais, passeando com o pai, de mãos dadas e sinto inveja delas. Eu nunca tive mesmo um pai, sabe? O meu tio é muito fechado, nunca foi de fazer carinho pra ninguém, nem nos filhos, ele pensa que ser pai é trabalhar, botar as coisas em casa, e tudo bem. É preciso participar, como diz a propaganda. Às vezes, me dá um nó na cabeça quando falam de pai, porque eu não sei o que é isso eu sempre fui muito presa lá em casa. Eu pouco saia, só brincava com minhas primas. Falar em sexo lá em casa, nem pensar. Imagine que quando eu menstruei a primeira vez,

a minha tia ficou apavorada e mandou eu conversar com a professora de Ciências.

Esse rapaz, o meu namorado foi o meu segundo namorado, é meu primo. Eu gosto muito dele, ele estuda Direito em Taubaté e tem 24 anos. A gente ia no cinema, e o meu tio dizia que eu tivesse cuidado que moça direita não podia facilitar, que namorasse direito. Um dia, nós fomos assistir um show em Taubaté, e, eu pedi pro meu tio que ia dormir na casa de uma amiga minha, que a família conhecia. Só que nesse dia, só tava na casa a minha amiga, e, tudo mundo tinha ido pro Ubatuba, e, eu fiquei no quarto com meu namorado. Aí, aconteceu de noite. Foi a primeira vez. Depois que terminou a relação, eu fiquei com medo de acontecer alguma coisa, e, ele me acalmou. Aí, alguns dias depois veio a regra. Começamos a nos encontrar de novo, eu fui algumas vezes num motel, ele usava camisinha, mas se esquecia às vezes. Até que um dia, começou a atrasar, eu sentir tontura, enjôo, e eu falei pra ele. Aí, eu fui fazer exame no Posto e deu positivo. Eu fiquei muito nervosa. Chorei muito, pensando no que ia ter que agüentar. Nessa situação que não é mole, a gente fica insegura. Com medo do parto, da criança não nascer bem, né? É muita insegurança mesmo. Ele tomou um susto, e, quando eu vi o espanto dele com a notícia, eu senti que ele não queria aquilo, sei lá, o jeitão dele falar, sabe? Ele falou que gostava de mim, que aquilo não tava nos planos dele, que tinha que terminar o Curso de Direito e tal. Eu senti que ele não gostou da notícia, aí, eu fiquei triste, muito pensativa, e ele falou que não ia me abandonar, e que ia conseguir um médico em Jacareí pra fazer o aborto. No princípio, até que topei. Depois eu fiquei pensando: "Eu vou ficar com remorso, eu sei que vou dar fim a uma vida, é melhor eu enfrentar, Deus vai me ajudar, e nunca ia me perdoar se eu tentasse o aborto. Aí meu namorado falou que não tinha condições de casar. Agora, eu vou lhe dizer, eu fiquei triste mesmo, mais naquela hora é que eu vi que tava controlada e tinha mais força do que ele. Mesmo

ficando desnorteado, sei lá, ele pergunta se estou bem, isso é uma proteção não é?

O pai dele veio na casa do meu tio, fizeram um reunião, falaram muito, o meu tio disse que eu não devia ter feito aquilo, que tinha perdido a confiança em mim, mais que eu não ia ficar abandonada. Aí, apareceu o padre, irmão da minha mãe, me falou que eu não tinha juízo, que eu tava em estado de pecado, porque Deus quer o homem e a mulher unidos no casamento, que eu não devia ter feito aquilo. Aí, eu pensei em Deus, que eu devo ser forte para enfrentar tudo. Eu rezo, peço ajuda de Deus, peço proteção pra mim, e pra minha criança. O meu tio falou pro meu namorado que ele devia ter cuidado, e que se preparasse também. O meu irmão também se meteu na conversa, foi um rolo, e disse que no Colégio, os seus colegas já sabiam, e, que eu tinha errado, me perdido. Fiquei desiludida e com raiva do meu irmão me rejeitando, me achando a ovelha negra. É uma sensação muito ruim, sabe? A gente se sente rejeitada mesmo. É isso o que acontece. Nessa confusão me trouxeram pra Pinda. O Padre foi lá no Colégio em Guará e trancou minha matrícula, não deixou nem eu ir lá me despedir das minhas amigas e das minhas professoras com quem eu tinha amizade. Cheguei em Pinda, foi a maior falação, sabe? A vizinhança toda soube, até a comadre da minha tia falou: “a mocinha, sobrinha do padre, aprontou”. Todo mundo cobrando, me culpando, parece que eu sou culpada de tudo ir mal. Aquele bando de gente reparando, me censurando, me deu raiva, certo? Aqui, na casa e sou bem tratada. O meu namorado eu vejo de vez em quando. O meu tio já falou pra ele que se cuide, que quer o casamento antes da criança nascer, e o meu namorado me pediu um tempo, certo? Eu, na gravidez estou nervosa e insegura. Com esse corpão, eu tô me achando meio disforme, grandona. Eu estou com medo, com grilos do parto, da criança não nascer bem. Apesar de tudo, eu não me arrependo, embora talvez eu tivesse que ficar moça pra casar, tenha perdido a virgindade, mas não

sou nenhuma mulher da vida. Eu ainda tenho coisa de menina, de criança, aquelas fantasias, o senhor entende. Deus vai me mandar uma criança, que vai me dar alegria, vai me dar amor, que eu não quero que sofra. Eu quero uma pai pra ela, um pai que converse, que dê atenção, certo? Eu fico sonhando com a minha casa, com meu namorado, e, com o meu filho. Eu quero voltar a estudar, quero ser professora e me dedicar aos meus filhos. O meu namorado me falou que nós vamos casar, quando nascer a criança. Vai ser muito bom. Tira esse peso, essa cobrança. No momento, eu não preciso de ajuda, desse negócio de dinheiro, eu preciso é de compreensão, que as pessoas respeitem os outros.

ENTREVISTA REALIZADA EM 28 DE AGOSTO DE 1993.

JOSÉ VALDEZ DE CASTRO MOURA

ANEXO II

SITUAÇÃO ATUAL DAS JOVENS ENFOCADAS NO NOSSO ESTUDO.

Primeira Jovem-

M.S.G.- (Marília) - Fez 18 anos em fevereiro de 1996. Teve parto normal. A criança é do sexo masculino, tem 2 anos e 3 meses e apresenta um bom crescimento e desenvolvimento.

Trabalha como doméstica. Reside em casa alugada. Vive em união consensual (há 1 ano e meio) com um parceiro de 26 anos, de quem não tem filhos (usa preservativo oral), o qual assumiu a sua criança.

Renda familiar em torno de 3 s.m. Tem bom relacionamento marital, e, com os pais.

Segunda Jovem-

A.L.P.- (Alzira)- Irá completar 20 anos em julho de 1996. Tem uma criança do sexo feminino, a qual nasceu de parto cesárea, é alérgica (tem bronquite) e desnutrida do primeiro grau.

Não tem contato com o pai biológico da criança. Casou no civil com um parceiro três anos mais velho, motorista o qual assumiu a criança.

Tem casa própria. Renda familiar de 3,5 s.m. Trabalha como merendeira na Prefeitura. Tem bom relacionamento com o esposo. Não vê os parentes. A mãe foi morar em Pernambuco

Terceira Jovem-

L.N.F.- (Luíza)- Irá completar 19 anos em dezembro de 1996. Teve um criança do sexo feminino, a qual nasceu de parto cesárea; e tem atualmente dois anos e quatro meses. Casou no civil com o pai biológico da criança (tem 30 anos atualmente), o qual trabalha como soldador em fábrica.

Ela trabalha como diarista. Renda familiar de 4,5 s.m. Tem casa própria. A criança apresenta um bom desenvolvimento físico e mental.

Bom relacionamento com o esposo. Visita a mãe quando vai à roça.

Quarta Jovem-

R.M.A.- (Regina). em fevereiro de 1996 completou 21 anos de idade. Tem um filho que nasceu de parto cesárea e apresenta desenvolvimento normal.

Casou na Igreja (Assembléia de Deus) e no civil com o pai biológico da criança, o qual tem um pequeno estabelecimento comercial onde ambos trabalham. Tem casa própria.

Renda familiar de 4 s.m.. Tem atualmente, também, uma filha de um ano e dois meses, com boa saúde.

Bom relacionamento marital e familiar.

Quinta Jovem-

R.M.A.- (Roseana)- Em maio de 1996 irá fazer 20 anos. Vive com o pai biológico da criança, com o qual casou no civil. O marido é mecânico, e, ela faz artesanato. Mora em casa alugada.

Renda familiar: 3 s.m. Só tem um filho. Nasceu de parto normal, tem 2 anos e 1 mês e bom desenvolvimento. Usa contraceptivo oral desde que a criança nasceu.

Bom relacionamento marital e a nível de família.

Sexta Jovem-

T.J.G.- (Terezinha)- Completará 21 anos em agosto de 1996. Casou no civil e no religioso com o pai biológico, que se formou em Direito, mas trabalha como bancário. Ela terminará o normal em 1997. Reside em casa própria. Renda familiar: 9 s.m.

A criança do sexo feminino, de 2 anos e três meses, nasceu de parto cesárea, e apresenta bom crescimento e desenvolvimento. Uso contraceptivo oral por dois anos. Está grávida há 2 meses.

Bom relacionamento com o marido. Entretanto, tem relacionamento difícil com a família de Guaratinguetá, inclusive com a mãe e o tio padre (diz que guarda mágoa deles).

Anexo III

NOTAS EXPLICATIVAS

Abertura - É o “estar-com-o -outro” no mundo. É o estado de abertura do DASEIN (Ser-Aí). O significado dessa abertura é o desvelamento do Ser dos entes em que o “Ser-Aí” se encontra. É o caráter iluminador do “Ser-Aí”. (Gomes, S.R.H.; Um Estudo de Significado de Família. Tese de Doutorado-P.U.c.-S.P.,1987, p.29).

Compreensão - É o reconhecimento de que as coisas são aquelas que a sua natureza exige que elas sejam. É uma entre outras condições de Ser do DASEIN.(Gomes, S.R.H.; op. cit., p. 17).

Cotidianeidade - Entendido como modo de Ser do DASEIN que é o “Ser-Aí” atuando com os outros. Seu “Ser-no-mundo” é uma estrutura fundamental do “Ser-Aí”, mundo compartilhado com os outros. (Gomes, S.R.H.; op. cit. p.17).

Cuidar-de - Refere-se à característica fundamental do DASEIN que é o modo de ser sempre e primordialmente em relação a alguma coisa. É o modo de proceder com os entes envolvidos no mundo. (Gomes, S.R.H.; op. cit. p. 21).

Curar-se - Quando se refere a objetos num envolvimento significativo com o DASEIN tem o sentido de “cuidar-de”, que pode ser vivido tanto de um modo deficiente (inautêntico) como de um modo autêntico. Heidegger refere-se à multiplicidade de modos possíveis de “Ser-em”, como tendo a forma de “curar-se de”, como um termo ontológico para designar um Ser de um possível “Ser no mundo”. (Gomes, S.R.H.; op. cit. p.22).

DASEIN (Ser-Aí) = Presença em que o homem constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história. (Heidegger, M.; **Ser e Tempo**, Trad. Márcia S. Cavalcante, Petrópolis, Vozes, 1988, p. 309).

Esse ente somos nós mesmos e tem entre outros traços a “possibilidade de Ser”, de perguntar, o designando com o termo “Ser-Aí”. (Heidegger, M.; **Ser e Tempo**, p.29)

O “serrai” existe e a sua essência está na sua existência” (Heidegger, M.; **Ser e Tempo.**, p.64).

Entes - é tudo aquilo de que falamos, que comentamos relativamente àqueles que nos conduzem de tal ou qual maneira. (Heidegger, M. : **Ser e Tempo.**,p.17.)

Essência - Diferente da Ontologia e da Metafísica tradicionais que se reportam às idéias conseguidas por um processo lógico de abstração, refere-se ao fundamental “Ser” enquanto existir. (Heidegger. M. ;**Todos Nós...Ninguém.** Trad. Dulce M. Critelli, S.Paulo, Ed. Moraes. p. 30).

Existencial - Refere-se às estruturas que compõem o Ser do homem a partir da existência em seus desdobramentos advindos da presença. (Heidegger. M.; **Ser e Tempo.**, p. 311.)

Existência - Em “Ser e Tempo” designa toda a riqueza de relações recíprocas entre Presença e ser, através de uma entificação privilegiada, o homem. Nessa acepção, só o homem existe. (Heidegger. M.; **Ser e Tempo**, p. 310).

Existencialidade (Existenzialität) - O vigor da integração da estrutura e limites na integração. A força desse esforço provém da existência. (Heidegger, M.; **Ser e Tempo.** P. 310).

Existenciália - maneira característica de se relacionar e viver, característica fundamental e genuína do ser humano. (Heidegger. M.; **Todos Nós...Ninguém.** p. 12).

Existenciária - Características essenciais do "Ser-Aí" que se realizam concretamente em atos: são as essências de tais atos. Heidegger cita: a linguagem, a compreensão etc. (Gomes, S. R. H.; op. cit. p. 30).

Facticidade - (**Factizität**) - Termo para designar os planos de estruturação da existência, na qual ocorrem consolidações de referência, de elaboração, de mudança. Condição de estar lançado no mundo (Heidegger. M.; **Ser e Tempo.** p. 312).

Fenômeno - O que se mostra a si mesmo. O patente. (Heidegger. M.; **Ser e Tempo.** p.39).

Fenomenologia - Quer pois dizer: permitir ver o que se mostra, tal como se mostra por si mesmo, efetivamente por si mesmo. Significa primariamente o conceito de um método. (Heidegger, M.; **Ser e Tempo.** p. 19).

Inautenticidade - Modo de ser, incapacidade de ser si mesmo. O autêntico si mesmo é o que se apropria do seu próprio mundo. (Heidegger, M.; **Todos Nós...Ninguém.** p. 52).

Ontológico ou Existencial - São características essenciais e fundamentais da existência que possibilitam as várias maneiras de algo tornar-se manifesto. (Heidegger, M. **Todos Nós...Ninguém.** p. 11).

Ôntico ou Existenciário - Tudo o que é percebido, entendido, conhecido de imediato. (Heidegger, M. **Todos Nós...Ninguém.** p.11).

Solicitude - Deve ser entendida como o caráter essencialmente relacional do "Ser- Aí" que pode ser vivido tanto de um modo deficiente e indiferente (sendo- contra-o-outro, afastado-do-outro) como antecipando-se ao outro ou saltando sobre aquele, estabelecendo uma relação de dependência do outro em relação a mim, e assumo um encargo que é do outro de cuidar de si mesmo. (Gomes., S. R .H.; op .cit. p. 26).

Ser-com - O mundo do "Ser-Aí" é o mundo do "ser-com" (MITWELT), sempre compartilhado. O "Ser-em"é ser-com-o-outro. O "Ser-si-mesmo" do DASEIN dentro do mundo é "Ser-Aí-com" (MITDASEIN)."COM" é existencialmente uma característica do DASEIN. (Gomes, S. R. H.; op. cit., p. 26).